

Military Review

REVISTA PROFISSIONAL DO EXÉRCITO DOS EUA

QUARTO TRIMESTRE 2024

EDIÇÃO BRASILEIRA

Military Review

QUARTO TRIMESTRE 2024

 ARMY UNIVERSITY PRESS

PB -100-24-10/11/12
Headquarters, Department of the Army
Approved for public release;
distribution is unlimited

PIN: 218523-000



Vantagem informacional p2

Cel (Res) Richard Creed, Exército dos EUA

Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA

A revolução iminente da IA nas Forças Armadas p10

Cel Joshua Glonek, Exército dos EUA

Capacitando as operações no escalão divisão em todo o espectro do conflito p58

Ten Cel Eric B. Alexander, Exército dos EUA

CENTRO DE ARMAS COMBINADAS, FORT LEAVENWORTH, KANSAS



ARMY
UNIVERSITY
PRESS

Military Review

REVISTA PROFISSIONAL DO EXÉRCITO DOS EUA

Quarto Trimestre 2024 Tomo 79 Número 4

Professional Bulletin 100-24-10/11/12

Comandante, Centro de Armas Combinadas:
GENERAL DE DIVISÃO MILFORD H. BEAGLE JR.

Reitor, Army University; Subcomandante, CGSC:
CORONEL JASON H. ROSENSTRAUCH

Diretor e Editor-Chefe da *Military Review*:
CORONEL TODD A. SCHMIDT

Editor-Chefe das Edições em Inglês:
WILLIAM M. DARLEY

Editora-Chefe das Edições em Línguas Estrangeiras:
FLAVIA DA ROCHA SPIEGEL LINCK

Edições Ibero-Americanas

Diagramadores/Webmasters:
MICHAEL SERRAVO

CRYSTAL BRADSHAW-GONZALEZ,
KYLE DAVIS - CONTRATADOS

Edição Brasileira

Tradutora/Editora:
ANA LUISA GAUZ
KÁTIA CRISTINA PIROZZI

Edição Hispano-Americana

Tradutor/Editor:
ALEXANDRO BONILLA
MAYRA FELICES HERNANDEZ

Assessores das Edições Ibero-Americanas

Oficial de Ligação do Exército Brasileiro junto ao
CAC/EUA e Assessor da Edição Brasileira:
CORONEL FABIO HEITOR LACERDA SEARA

Oficial de Ligação do Exército do Peru junto ao
CAC/EUA e Assessor da Edição Hispano-Americana:
CORONEL ROQUE G. ZEVALLOS
RONCAGLIOLO

Oficial de Ligação da Força Aérea Mexicana junto ao
CAC/EUA e Assessor da Edição Hispano-Americana:
TENIENTE CORONEL VICTOR MANUEL
VILLATORO MAQUEDA

Military Review – Publicada pelo CAC/EUA, Fort Leavenworth, Kansas, trimestralmente em português e espanhol e bimestralmente em inglês. Porte pago em Leavenworth, Kansas, 66048-9998, e em outras agências do correio.

Os fundos para publicação foram autorizados pelo Departamento do Exército em 2 de janeiro de 1983.

A correspondência deverá ser endereçada à *Military Review*, CAC, Fort Leavenworth, Kansas, 66027-1293, EUA. Telefone (520) 669-3605, ou FAX (913) 684-9328.

E-mail: usarmyleavenworth.tradoc.mbx.armyu-aup-military-review-latam@army.mil. A *Military Review* também pode ser lida no site: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/Edicao-Brasileira/>.

Todos os artigos desta revista constam do índice do Public Affairs Information Service Inc., 11 West 40th Street, New York, NY, 10018-2693.

As opiniões aqui expressas são dos respectivos autores e não refletem a posição oficial do Departamento de Defesa dos EUA ou seus componentes, a menos que especificado em contrário. A *Military Review* se reserva o direito de editar todo e qualquer material devido a limitações de espaço.

Military Review Edição Brasileira (US ISSN 1067-0653) (UPS 009-356) is published quarterly by the U.S. Army, Combined Arms Center (CAC), Ft. Leavenworth, KS 66027-1293.

Periodical paid at Leavenworth, KS 66048, and additional mailing offices. POSTMASTER: Send address corrections to *Military Review*, 290 Stimson Ave., Fort Leavenworth, KS 66027-2348.

By Order of the Secretary of the Army:

RANDY A. GEORGE
General, United States Army
Chief of Staff

Official:

MARK F. AVERILL
Administrative Assistant
to the Secretary of the Army
2422107

Índice

2 Vantagem informacional

Uma abordagem de armas combinadas

Cel (Res) Richard Creed, Exército dos EUA

Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA

A doutrina do Exército sobre a informação descreve uma estrutura para a criação e o aproveitamento das vantagens informacionais a fim de alcançar objetivos e considera como as forças do Exército utilizam, protegem e atacam dados e informação, enquanto visam a afetar a capacidade da ameaça de fazer o mesmo. Além disso, deixa claro que todos no Exército têm seu papel na obtenção das vantagens informacionais.

10 A revolução iminente da IA nas Forças Armadas

Cel Joshua Glonek, Exército dos EUA

As Forças Armadas dos EUA devem abraçar a tecnologia transformadora em inteligência artificial (IA) e acelerar o desenvolvimento de aplicações inovadoras de IA para preservar sua vantagem tecnológica, dissuadir a agressão de adversários e, se necessário, prevalecer em conflitos armados.

23 Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra

Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA

CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA

CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA

Travis V. Meyer

A inteligência artificial geral pode ser utilizada para desenvolver currículos que ajudem a preparar os militares a sobreviver a uma experiência de cativo.

32 “Um grau incrível de treinamento penoso e realista”

A preparação da 4ª Divisão de Infantaria para o Dia D

Stephen A. Bourque, Ph.D.

O assalto do Exército dos EUA à costa da Normandia exigiu muitos meses de treinamento e prática para garantir que todos os aspectos complexos da invasão atuassem em conjunto a fim de obter o sucesso tático.

48 Lewis e Stokes

O que Lawrence da Arábia e seus sargentos nos ensinam sobre o assessor de combate moderno

Ten Cel Garrett M. Searle, Exército dos EUA

O relato de T. E. Lawrence sobre dois sargentos durante a Primeira Guerra Mundial tem muito a nos dizer sobre o papel de um assessor nas operações de combate em larga escala e o possível efeito específico da combinação correta de personalidade, conhecimento, força de vontade e apoio externo.

58 Capacitando as operações no escalão divisão em todo o espectro do conflito

O que uma SFAB pode fazer por você

Ten Cel Eric B. Alexander, Exército dos EUA

As brigadas de assistência às forças de segurança (SFABs) beneficiam as operações da divisão em todo o espectro da competição, desde a competição até a crise e o conflito, e o investimento em talentos da força operacional nas SFABs é devolvido com juros.

67 “Vontade de lutar”

Insights do século XXI sobre a Guerra Russo-Ucraniana

Benjamin A. Okonofua, Ph.D.

Nicole Laster-Loucks, Ph.D.

Ten Cel (Res) Andrew Johnson, Exército dos EUA

A Guerra Russo-Ucraniana nos apresenta a chance de refletir sobre a “vontade de lutar”, um componente frequentemente subestimado nos anais da guerra e da defesa estratégica.

84 Índice Anual

Capa: Integrantes do 1º Batalhão de Efeitos em Múltiplos Domínios treinam em 13 de fevereiro de 2023, em Fort Huachuca, no estado do Arizona. O Batalhão demonstrou uma ampla gama de capacidades durante o adestramento, destacando o progresso da 1ª Força-Tarefa em Múltiplos Domínios para se tornar totalmente capacitada em termos operacionais e contribuir para o objetivo do Exército de obter vantagens informacionais. (Foto: 1º Sgt Henrique De Holleben, Exército dos EUA)



Integrantes do 1º Batalhão de Efeitos em Múltiplos Domínios treinam em 13 de fevereiro de 2023, em Fort Huachuca, no estado do Arizona. O Batalhão demonstrou uma ampla gama de capacidades durante o adiestramento, destacando o progresso da 1ª Força-Tarefa em Múltiplos Domínios para se tornar totalmente capacitada em termos operacionais e contribuir para o objetivo do Exército de obter vantagens informacionais. (Foto: 1º Sgt Henrique De Holleben, Exército dos EUA)

Vantagem informacional

Uma abordagem de armas combinadas

Cel (Res) Richard Creed, Exército dos EUA

Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA

A informação é essencial para tudo o que fazemos — é a base da inteligência, um elemento fundamental do comando e controle, bem como a base para a comunicação de pensamentos, opiniões e ideias.

—Gen Div Milford H. Beagle Jr., ADP 3-13, *Information*, Foreword

Em novembro de 2023, a Army Doctrine Publication (ADP) 3-13, *Information* (Publicação Doutrinária do Exército 3-13, *Informação*), trouxe mudanças à doutrina do Exército referente à informação. Essa nova doutrina reflete um

consenso fundamentado do papel da informação em uma gama de operações conduzidas pelas forças do Exército em todo o espectro da competição. Aborda os aspectos informacionais das operações em múltiplos domínios, conforme constam do Field Manual (FM) 3-0, *Operations* (Manual de Campanha 3-0, *Operações*), ao descrever uma estrutura para desenvolver e explorar vantagens informacionais para alcançar objetivos. Oferece considerações fundamentais sobre como as forças do Exército utilizam, protegem e atacam dados e informações, ao mesmo tempo que afetam a capacidade da ameaça (adversário ou inimigo) de fazer o mesmo.¹ Mais importante ainda, deixa claro que todos no Exército têm seu papel na obtenção de vantagens informacionais sobre nossos adversários ao redor do mundo.

A ADP 3-13 é uma publicação fundamental que vincula a aplicação da informação do Exército a todas as funções de combate e métodos de guerra de maneiras que a doutrina anterior não fazia. Representa uma evolução de como as forças do Exército pensam sobre o uso militar de dados e informações, destacando que tudo o que as forças do Exército fazem, incluindo a informação e as imagens criadas, gera efeitos que contribuem ou impedem a consecução dos objetivos. A ADP 3-13 reconhece a informação como uma dinâmica de poder de combate e enfatiza uma abordagem de armas combinadas para criar e explorar vantagens informacionais.

Antecedentes

Quanto mais empregar estratégias e artifícios, mais vantagens terá sobre o inimigo. Deve enganá-lo e induzi-lo a erros para tirar proveito de suas falhas.

—Frederico, o Grande²

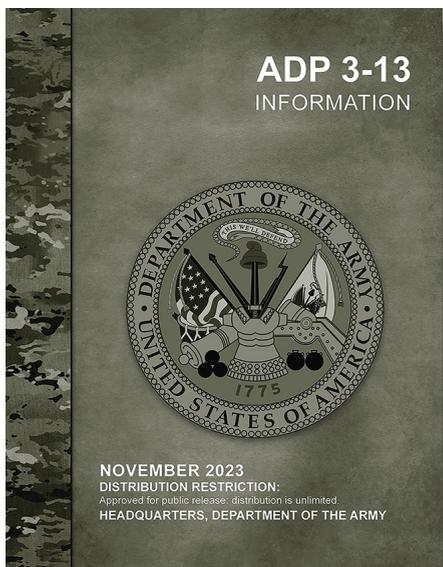
Historicamente, os comandantes militares bem-sucedidos compreenderam a importância de fazer uso da informação para criar e explorar uma vantagem — uma condição que coloca uma força em uma posição favorável geográfica, psicológica ou moral. Entenderam que saber mais do que o inimigo e agir de forma eficaz e mais rápida do que seu oponente com base nesse conhecimento gera uma vantagem. Entenderam que negar informação ao inimigo ou afetar a sua capacidade de comunicação aumenta as chances de sucesso de forças amigas. Os comandantes bem-sucedidos também entenderam que o uso da

informação combinada com ação ou inação para ludibriar o inimigo cria condições favoráveis para a força amiga.

Algumas das primeiras doutrinas do Exército fazem referência à importância da informação para alcançar objetivos. A primeira doutrina de armas combinadas do Exército, o Regulamento de Armas em Campanha (*Field Service Regulations*) de 1905, dedicou um capítulo a “Serviço da Informação”, que focava em reconhecimento e comunicações.³ A doutrina do Exército durante a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã enfatizava a segurança, a dissimulação, as operações psicológicas e a guerra eletromagnética para proteger as intenções de forças amigas, enganar as forças inimigas e desestabilizar o comando e controle do inimigo. A Guerra do Golfo de 1991 demonstrou o benefício de empregar esses elementos de forma sincronizada para desestabilizar o comando e controle do inimigo e enganar os líderes iraquianos sobre o plano de ataque da coalizão. Os êxitos na Guerra do Golfo e o crescimento acelerado das tecnologias da informação (militares e civis) resultaram no primeiro manual de campanha abrangente do Exército dos EUA sobre operações de informação, o FM 100-6, em 1996.⁴

O Cel Richard Creed, da reserva remunerada do Exército dos EUA, é diretor da Divisão de Doutrina de Armas Combinadas, em Fort Leavenworth, Kansas, e um dos autores e editores da ADP 3-13, *Information*. É formado pela Academia Militar dos EUA e concluiu mestradados na School of Advanced Military Studies e no Army War College. Serviu, anteriormente, como oficial de operações (G-3) da 2ª Divisão de Infantaria e em missões na Alemanha, Coreia, Bósnia, Iraque e Afeganistão. Atuou como comandante nos escalões companhia, batalhão e brigada.

O Ten Cel Michael Flynn, da reserva remunerada do Exército dos EUA, é autor e analista de doutrina na Divisão de Doutrina de Armas Combinadas e um dos autores da ADP 3-13, *Information*. Como redator de doutrina experiente, ajudou a moldar a doutrina de operações, comando e controle e planejamento do Exército durante mais de 20 anos. Serviu em várias funções de infantaria e estado-maior, incluindo missões na Alemanha, Kuwait e Afeganistão. Tem mestrado da School of Advanced Military Studies.



A ADP 3-13, *Information*, está disponível on-line por meio da Army Publishing Directorate em <https://www.armypubs.army.mil/>.

Muita coisa mudou desde a publicação do primeiro manual de operações de informação do Exército. Hoje em dia, as operações militares são influenciadas pelo crescimento exponencial das tecnologias da informação, as quais aceleram e ampliam a capacidade da força conjunta de coletar, processar, analisar, armazenar e comunicar dados e informações em uma escala antes inimaginável. Uma proliferação de satélites, a computação avançada e os sistemas automatizados, as redes móveis e as mídias sociais são algumas das tecnologias que afetam a forma como as forças usam e empregam dados e informações para atingir objetivos. Nossos principais adversários agora têm as mesmas capacidades que os Estados Unidos da América (EUA). Esses adversários podem minar as vantagens informacionais da força conjunta que talvez tivéssemos no passado, e, portanto, é hora de começar a pensar de forma diferente.

Operações em múltiplos domínios e vantagem informacional

A revisão de 2022 do FM 3-0 está acarretando mudanças no modo como as forças do Exército treinam e combatem. A atualização mais significativa é a introdução de operações em múltiplos domínios como conceito operacional do Exército. As operações em múltiplos domínios, conforme definidas no FM 3-0, representam “o emprego pelas armas combinadas de capacidades conjuntas e do Exército para criar e explorar vantagens

relativas, a fim de alcançar objetivos, derrotar as forças inimigas e consolidar ganhos em nome dos comandantes de forças conjuntas”⁵ Elas representam a forma como as forças do Exército empregam suas capacidades terrestres com capacidades aéreas, marítimas, espaciais e cibernéticas em apoio mútuo para criar e explorar vantagens relativas. A informação é central à ideia de vantagem relativa.

Segundo a definição do FM 3-0, *vantagem relativa* é “uma localização ou condição, em qualquer domínio, relativa a um adversário ou inimigo, que oferece uma oportunidade de avançar em direção a um objetivo ou alcançá-lo”⁶ As vantagens relativas podem ser caracterizadas como humanas, informacionais ou físicas. Elas se complementam. As ações físicas, principalmente as que envolvem o uso da força, criam informação e geram efeitos psicológicos. Quando explorados, esses efeitos podem resultar em vantagens informacionais à medida que as forças amigas usam a informação para influenciar o comportamento do inimigo. Ao longo do tempo, quando combinadas, essas vantagens físicas e informacionais podem levar ao colapso do moral e da vontade do inimigo — uma vantagem humana.

No passado, esse fenômeno era bem compreendido pelos profissionais militares em todo o Exército, porém, com o tempo, as considerações sobre a informação foram gradualmente centralizadas em especialistas e seções específicas do estado-maior. Uma consequência involuntária foi a atrofia intelectual de muitos especialistas em áreas não relacionadas à informação que planejavam e lideravam as operações conduzidas pelas forças do Exército. A ADP 3-13 apoia o FM 3-0, assegurando que todos nós consideremos devidamente os efeitos cognitivos desejáveis que pretendemos que sejam alcançados pelas nossas operações. Ao vincular as vantagens inter-relacionadas nas dimensões física, informacional e humana, essa deficiência se resolve, já que se aplicam a todos os escalões, funções de combate, armas e qualificações militares.

Ampliando a discussão sobre vantagens relativas, a ADP 3-13 define a vantagem informacional e descreve como a criação e a exploração dessas vantagens contribuem para que os objetivos sejam alcançados.⁷ Ao descrever a vantagem informacional, a ADP 3-13 enfatiza três pontos. Um primeiro consiste na importância de compreender as considerações informacionais de um ambiente operacional, como precursor do

desenvolvimento de modos eficazes de criar e explorar vantagens. As considerações informacionais abrangem os aspectos das dimensões humana, informacional e física que afetam a forma como os seres humanos e os sistemas automatizados interpretam, utilizam, agem e são afetados pela informação.⁸ A ADP 3-13 detalha como os comandantes analisam as considerações informacionais a partir das perspectivas amigas, de ameaças e neutras, visando a ajudá-los a desenvolver formas de utilizar, proteger e atacar dados, informação e capacidades. Essa análise aprimora vários aspectos do planejamento, incluindo a seleção de alvos e objetivos, abordagens para influenciar as ameaças e outros atores estrangeiros relevantes e identificação de medidas de proteção da força.

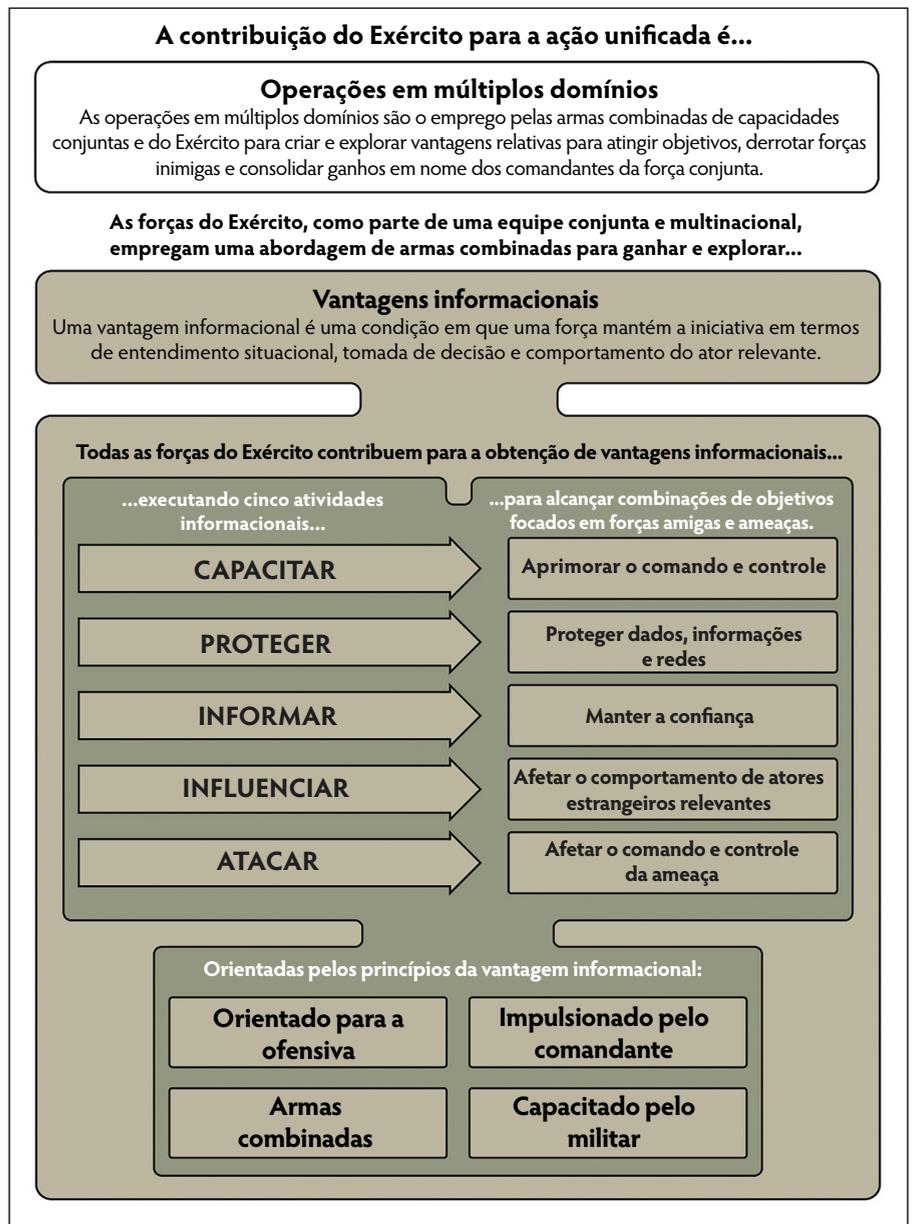
O segundo ponto é o reconhecimento de que existem diversas formas de vantagem informacional, não somente uma única condição geral relacionada a tudo o que se refere à informação.⁹ Por exemplo, uma força que coleta, processa, analisa e usa a informação para entender, decidir e agir de maneira mais eficaz que um oponente possui uma vantagem. No entanto, essa mesma força pode estar em desvantagem informacional, porque a força oponente utiliza eficazmente a informação para influenciar o comportamento de atores relevantes de maneira contrária aos objetivos da força amiga.

Um terceiro ponto de destaque é a natureza temporária e relativa de uma vantagem informacional.¹⁰ Assim como as vantagens físicas e humanas, as vantagens informacionais geralmente são temporárias e variam com o tempo, relativamente a um oponente adaptável

e às mudanças em um ambiente operacional. Enquanto forças amigas buscam vantagens informacionais, as forças da ameaça buscam o mesmo. Uma vantagem informacional é algo que deve ser adquirido, protegido e explorado, abaixo ou acima do limiar do conflito armado.

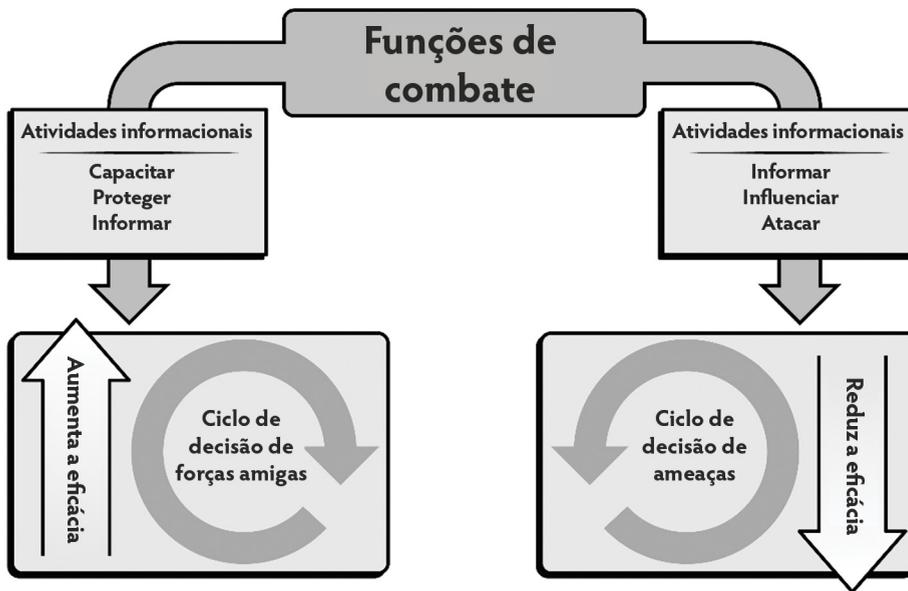
Estrutura da vantagem informacional

A ADP 3-13 provê uma estrutura organizacional para auxiliar os comandantes e seus estados-maiores na integração de capacidades e sincronização de



(Figura da ADP 3-13, Information)

Figura 1. Gráfico lógico da vantagem informacional



(Figura da ADP 3-13, Information)

Figura 2. Contribuições das atividades informacionais para a agilidade

ações para criar e explorar vantagens informacionais. Conforme indicado na Figura 1, a estrutura descreve como as forças do Exército integram todas as capacidades militares relevantes ao executar cinco atividades informacionais (capacitar, proteger, informar, influenciar, atacar).¹¹ Cada atividade informacional incorpora várias tarefas e subtarefas das funções de combate para atingir diversos objetivos de forças amigas e de ameaças. Orientados pelos princípios da vantagem informacional, os comandantes do Exército planejam, preparam, executam e avaliam as atividades informacionais como parte do processo operacional.

A atividade informacional de *capacitar* inclui tarefas para melhorar a compreensão situacional, a tomada de decisão e a comunicação. A atividade informacional de *proteger* inclui tarefas de negação de acesso da ameaça a dados e informação de forças amigas, preservando, ao mesmo tempo, as capacidades amigas de comunicação. A atividade informacional de *informar* engloba tarefas que promovem percepções informadas sobre operações e atividades militares entre vários públicos. Essa atividade se concentra em manter a confiança dos públicos interno (membros do Exército dos EUA, funcionários civis do Departamento do Exército, prestadores de

serviços e familiares) e externo (públicos nacionais e internacionais dos EUA). A atividade informacional de *influenciar* inclui tarefas que afetam o pensamento e, por fim, o comportamento de ameaças e outros públicos estrangeiros. Essa atividade se concentra em reforçar ou mudar a forma como os indivíduos e os grupos pensam, sentem e agem em apoio aos objetivos. A atividade informacional de *atacar* inclui tarefas que afetam a capacidade de a ameaça exercer o comando e controle.

Essa atividade concentra-se em influenciar os dados de ameaças e os recursos físicos que elas utilizam para se comunicar e conduzir a guerra da informação. Isso inclui dados e comunicações entre sistemas automatizados, como comunicações entre radares, sistemas de controle de fogo e sistemas de disparo.

As atividades informacionais são interdependentes. Por exemplo, as atividades de proteger e informar ajudam a defender a força contra influências malignas. As atividades informacionais de influenciar e atacar afetam a capacidade de comando e controle da ameaça, porém empregando meios diferentes. A sincronização de operações militares de apoio à informação (um meio de influenciar) para aumentar os efeitos de um ataque cibernético (um meio de atacar) representa uma abordagem de armas combinadas para minar o comando e controle das ameaças.

A ADP 3-13 ilustra como a integração e a execução de todas as atividades informacionais, para alcançar os objetivos, tanto de forças amigas quanto de ameaças, contribuem para a agilidade e a capacidade de compreender, decidir e agir de forma mais eficaz do que o adversário. Conforme mostrado na Figura 2, as atividades informacionais de capacitar e proteger aumentam a eficácia do ciclo de decisão

de forças amigas.¹² As atividades informacionais de influenciar e atacar diminuem a eficácia do ciclo de decisão das ameaças. A atividade informacional é usada tanto para aprimorar o comando e controle de forças amigas quanto para minar o ciclo de decisão das ameaças. Uma vantagem informacional significativa para as forças do Exército vem da combinação dos efeitos de aprimorar o ciclo de decisão de forças amigas enquanto mina as ameaças.

Princípios da vantagem informacional

Para ajudar a orientar o pensamento sobre o uso da informação e o emprego de capacidades para criar vantagens informacionais, a ADP 3-13 apresenta quatro princípios (veja a Figura 3).¹³ O primeiro princípio, orientado para a ofensiva, concentra-se na iniciativa. Qualquer vantagem informacional que não seja procurada ou ativamente defendida corre o risco de ser cedida à ameaça. Os comandantes do Exército mantêm uma mentalidade ofensiva e preveem acontecimentos buscando várias vantagens informacionais. O princípio de armas combinadas está associado à ideia de que todas as atividades militares têm efeitos informacionais intrínsecos e todas as capacidades militares podem ser empregadas para fins de vantagens informacionais. Os comandantes do Exército integram, de forma complementar e de reforço, as capacidades orgânicas, conjuntas, interagências e multinacionais para habilitar o comando e controle, proteger informação e redes, informar o público, influenciar ameaças e outros atores relevantes, além de atacar o comando e controle das ameaças.

O terceiro princípio, impulsionado pelo comandante, está relacionado à ideia de que a informação é fundamental para todas as atividades conduzidas pelas forças do Exército. Portanto, os comandantes devem compreender a informação e integrá-la criteriosamente às operações por meio das funções de combate de comando e controle, fogos, manobra, proteção e sustentação durante o planejamento. Para os comandantes, a informação é um recurso para alcançar o entendimento situacional, uma ferramenta para incutir a ambiguidade e a incerteza na ameaça, e é o principal meio para direcionar as forças do Exército. Os comandantes direcionam o uso da informação e das capacidades para penetrar nos processos de tomada de decisão da

Orientado para a ofensiva — dimensionar e explorar a iniciativa para criar, proteger e explorar as vantagens informacionais em todos os domínios.

Armas combinadas — integrar todas as capacidades conjuntas, interagências e multinacionais disponíveis do Exército, em busca de vantagens informacionais.

Impulsionado pelo comandante — visualizar e descrever a integração deliberada da informação para maximizar os efeitos.

Capacitado pelo militar — todos os militares do Exército têm a função de coletar, avaliar, processar, comunicar e proteger a informação.

(Figura dos autores; informações da ADP 3-13, *Information*)

Figura 3. Princípios da vantagem informacional

ameaça, explorar suas dependências informacionais, surpreendê-la e desestabilizá-la internamente.

Por último, todos os militares do Exército desempenham um papel na obtenção e exploração de vantagens informacionais, o que representa o foco do quarto princípio. Todos eles devem proteger a informação. Considerações sobre a segurança das operações, a segurança física, a disciplina de luzes e ruídos e o controle de emissões eletromagnéticas é dever de todos em uma formação. Todo militar do Exército consome, se comunica e depende da informação para cumprir a missão. Os militares do Exército devem manter sua competência digital e prontidão enquanto operam variados sistemas de informação essenciais às comunicações. Como representantes do Exército dos EUA e da nação, eles entendem que sua presença, postura e ações sempre transmitem uma mensagem sujeita a interpretações. A alta visibilidade oferece grandes oportunidades, bem como possíveis riscos. Militares eficazes, em todos os escalões do Exército, compreendem o impacto de suas ações e mensagens, e que todas as suas atividades transmitem uma mensagem a algum público. Isso exige que todos os militares do Exército compreendam o propósito mais amplo das operações. Também requer a prática da segurança das operações e a comunicação disciplinada usando todas as formas de mídia, mesmo contas de mídia pessoais, tanto em operações quanto na sede.

Contribuições para as funções de combate

Uma diferença significativa em relação à doutrina anterior reside na concepção de que todas as capacidades militares podem ser empregadas para fins de vantagem informacional, em vez de apenas uma lista específica de capacidades relacionadas à informação, sincronizadas entre si como parte das operações de informação.¹⁴ A estrutura da vantagem informacional baseia-se na ideia de que a informação é essencial para todas as funções de combate e que todas as funções de combate podem contribuir para vantagens informacionais focadas em forças amigas ou ameaças. Com base nesse entendimento, o Exército dos EUA não estabeleceu uma função de combate de informação.¹⁵ Além disso, devido às naturezas díspares das capacidades e das múltiplas tarefas necessárias para criar vantagens informacionais, a ADP 3-13 não atribui a responsabilidade por essas vantagens a uma única seção do estado-maior. Em vez disso, nomeia um líder do estado-maior para cada atividade e identifica líderes do estado-maior para cada tarefa de cada atividade informacional.¹⁶

As atividades informacionais organizam várias tarefas e capacidades das seis funções de combate (comando e controle, inteligência, movimento e manobra, fogos, proteção e sustentação). A *função de combate de comando e controle* contribui diretamente para a atividade informacional de capacitar. Todo o sistema de comando e controle (pessoas, processos, redes e postos de comando) foi projetado para apoiar os comandantes em suas habilidades para entender, visualizar, descrever, dirigir, liderar e avaliar com mais rapidez e eficácia do que seus oponentes.

A *função de combate de inteligência* ajuda a integrar todas as atividades informacionais, provendo informação e inteligência relevantes. Contribui diretamente para a atividade informacional de capacitar, fornecendo informação e inteligência para o entendimento situacional que fundamenta a tomada de decisão relativa a todos os aspectos das operações. A *função de combate de movimento e manobra* contribui para as atividades informacionais de capacitar, proteger, influenciar e atacar. Por meio do reconhecimento, as forças obtêm informações sobre o inimigo e o terreno, viabilizando a tomada de decisão por parte das forças amigas. As operações de segurança protegem a informação e núcleos de comando e controle

de forças amigas. O posicionamento e a manobra de forças comunicam a intenção, demonstram a capacidade e estabelecem o ritmo que influencia as ameaças e tranquiliza os parceiros. Incursões e outros ataques contribuem para a captura ou destruição dos sistemas de comando e controle e da infraestrutura do inimigo. A *função de combate de fogos* contribui para as atividades informacionais de proteger, influenciar e atacar. O lançamento de fogos, que varia de superfície-superfície a ataques cibernéticos e eletromagnéticos, pode proteger dados e informação de forças amigas, influenciar ameaças e afetar o comando e controle da ameaça. Várias tarefas da *função de combate de proteção* contribuem diretamente para a atividade informacional de proteger, incluindo capacidade de sobrevivência, apoio à defesa antiaérea, proteção eletromagnética, segurança das operações e segurança e defesa cibernéticas. A *função de combate de sustentação* contribui para todas as atividades informacionais, garantindo que a força amiga esteja saudável, guarnecida, equipada, mantida e abastecida. As atividades de sustentação também contribuem para a atividade informacional de influenciar. Oferecer sustentação aos atores relevantes pode tanto reforçar quanto mudar o comportamento deles. A posição e as atividades das forças de sustentação podem contribuir tanto para a dissimulação quanto para a comunicação da vontade de combater.

O caminho à frente

Em seu prefácio, o Gen Div Milford H. Beagle Jr. escreve: “A ADP 3-13 provê os fundamentos intelectuais que descrevem como as forças do Exército irão obter, proteger e explorar as vantagens informacionais. Mas a doutrina é apenas o começo. O trabalho árduo começa quando incorporamos essas ideias ao desenvolvimento, à educação e ao treinamento de comandantes. Como líderes, é nossa obrigação estudar, compreender e implementar a doutrina da ADP 3-13.”¹⁷ A publicação da ADP 3-13 é apenas o início de uma campanha de educação contínua do Centro de Armas Combinadas.

Assim como no FM 3-0, a Divisão de Doutrina de Armas Combinadas está desenvolvendo uma série de produtos para ajudar os militares a entender a nova doutrina. Artigos, vídeos e podcasts dedicados à ADP 3-13 estão sendo produzidos e serão anunciados por canais de mídia social da Divisão de Doutrina de

Armas Combinadas. A equipe também trabalhará em estreita colaboração com os centros de excelência, a Army University e os centros de treinamento de combate para que essas informações sejam

incorporadas à educação profissional militar e treinamento. Equipes móveis de treinamento também visitarão instalações e organizações selecionadas para integrar ainda mais as ideias descritas no manual. ■

Referências

Epígrafe. Army Doctrine Publication (ADP) p. 3-13, Foreword to *Information* (Washington, DC: U.S. Government Publishing Office [GPO], 2023).

1. *Ibid.*, p. 1-1. Dados e informação estão relacionados, mas não são iguais. A ADP 3-13 define dados como “qualquer sinal ou observação do ambiente”. Informação é definida como “dados contextualizados aos quais um receptor (seja humano ou automatizado) atribui significado”.

2. Jay Luvaas, ed. and trans., *Frederick the Great on the Art of War* (Boston: Da Capo Press, 1999), p. 334.

3. General Staff, Chief of Staff of the U.S. Army, *Field Service Regulations* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1905), p. 38-48.

4. Field Manual (FM) p. 100-6, *Information Operations* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1996), p. iii-vi.

5. FM 3-0, *Operations* (Washington, DC: U.S. GPO, 2022), p. 3-1. A edição de 2022 do FM 3-0 estabeleceu formalmente as operações em múltiplos domínios como o conceito operacional do Exército. Descreve os princípios e imperativos que orientam as forças do Exército na competição abaixo do limiar do conflito armado, na crise e no conflito armado.

6. *Ibid.*, 1-3.

7. ADP 3-13, *Information*, p. 2-3.

8. *Ibid.*, p. 1-8.

9. *Ibid.*, p. 2-3.

10. *Ibid.*

11. *Ibid.*, viii.

12. *Ibid.*, p. 2-12.

13. *Ibid.*, p. 2-14-2-15.

14. Com base nas mudanças na doutrina conjunta sobre informação, a doutrina do Exército não usa mais os termos operações de informação, capacidades relacionadas à informação ou superioridade informacional.

15. A alteração 1 da Joint Publication (JP) 1, *Doctrine for the Armed Forces of the United States* (Washington, DC: U.S. GPO, 2017), acrescentou a informação às funções conjuntas (comando e controle, inteligência, fogos, movimento e manobra, proteção e sustentação) em 2017. A JP 3-04, *Information in Joint Operations* (Washington, DC: U.S. GPO, 2022), expande a doutrina sobre a função conjunta da informação. A JP 3-04 descreve a função conjunta da informação como a gestão e aplicação da informação para mudar ou manter percepções, atitudes e outros impulsionadores de comportamento, e para apoiar a tomada de decisão humana e automatizada. Combinada com as outras funções conjuntas, a função conjunta da informação ajuda os comandantes e estados-maiores da força conjunta a usar a informação de forma eficaz para criar vantagens informacionais e atingir objetivos.

16. A ADP 3-13 destaca que tanto o chefe do estado-maior (oficial executivo) quanto o oficial de operações (G-3/S-3) são responsáveis pela integração e sincronização geral das atividades informacionais. O chefe do estado-maior garante a integração do estado-maior, enquanto o G-3, como oficial de operações, garante que as atividades informacionais estejam integradas e sincronizadas no conceito de operações, conforme a intenção e as diretrizes do comandante.

17. ADP 3-13, *Information*, Foreword.

A revolução iminente da IA nas Forças Armadas

Cel Joshua Glonek, Exército dos EUA

O fato é que vemos tudo o que o inimigo está fazendo e eles veem tudo o que estamos fazendo. Para resolver esse impasse, precisamos de algo novo, como a pólvora que os chineses inventaram e que ainda usamos para matar uns aos outros.

— Gen Valery Zaluzhny, ex-Comandante em Chefe das Forças Armadas ucranianas

A superioridade tecnológica de longa data das Forças Armadas dos Estados Unidos da América (EUA) está se enfraquecendo rapidamente.¹ Nos últimos 25 anos, a China investiu fortemente em suas Forças Armadas — o Exército de Libertação Popular (ELP) — colocando-as no rumo para “concluir a modernização militar e da defesa



Uma tela de vídeo reproduz imagem de soldados chineses do Exército de Libertação Popular em um robô do fabricante chinês Jiangsu Eastern Golden Jade Intelligent Robot na World Robot Conference em Pequim, em 15 de agosto de 2018. (Foto: Mark Schiefelbein, Associated Press)

nacional até 2035” e transformar o ELP em “Forças Armadas de classe mundial até meados do século.”² O aumento do poder de combate chinês representa hoje um desafio enorme para a ordem internacional liderada pelos EUA e para a segurança de seus aliados e parceiros.³

Uma tecnologia em particular determinará a primazia das forças militares nas próximas décadas: a inteligência artificial (IA). Com o advento dos carros autônomos e do ChatGPT, a IA ultrapassou o domínio da ficção científica e começa agora a proliferar em toda a sociedade. Essa tecnologia revolucionária também está criando novas oportunidades para as forças militares. As aplicações de emprego dual da IA disponibilizam ferramentas para a análise rápida de grandes quantidades de dados, o aprimoramento da conexão entre sensores e atiradores e o aumento da velocidade de tomada de decisão. As Forças Armadas dos EUA devem abraçar essa tecnologia transformadora e acelerar o desenvolvimento de aplicações inovadoras de IA para preservar



Militares do Exército empregam a IA para analisar os dados coletados e se preparar para uma operação de nível tático. (Imagem: Cel Joshua Glonek, gerada por IA, Exército dos EUA)



Militar do Exército considera o emprego de diversas armas e sistemas de apoio, individualmente ou em uma ação coordenada. O campo de batalha do futuro será caracterizado por uma gama de plataformas de armas e sistemas de apoio controlados por IA, incluindo aeronaves e veículos táticos não tripulados. (Ilustração: Jamie Lear, Exército dos EUA)



Alan Turing (1912-1954) na Princeton University, em 1936. Turing foi um matemático, cientista da computação, criptanalista e biólogo teórico inglês. É amplamente considerado o pai da ciência da computação teórica e um dos fundadores da inteligência artificial. (Foto cedida por Wikimedia Commons)

sua vantagem tecnológica, dissuadir a agressão adversária e, se necessário, prevalecer em conflitos armados.

A revolução iminente da IA nas Forças Armadas enquadra-se precisamente na competição geopolítica mais ampla entre os EUA e a China. Há muito em jogo nessa competição e o resultado é incerto. A China acredita que os EUA são uma superpotência em declínio. À medida que o poder de combate do ELP cresce, suas ações tornam-se mais agressivas. Nos últimos dois anos, os EUA registraram mais de 180 casos de interceptações aéreas perigosas do ELP contra aliados e parceiros dos EUA.⁴ O Mar do Sul da China continua sendo um foco de hostilidade controverso, com a China fazendo reivindicações territoriais ilegítimas e continuando a sinalizar sua disposição de usar força militar contra Taiwan.⁵ As tensões são altas, e o risco de conflito é real.

Obter êxito nessa competição entre grandes potências — e dissuadir a guerra — exigirá que as Forças Armadas estadunidenses preservem suas vantagens tecnológicas. No entanto, alcançar isso exige um esforço exemplar de inovação, já que a China está se aproximando com rapidez. Determinado a “inteligencializar” a guerra, o ELP está rapidamente buscando uma geração inteiramente nova de sistemas militares habilitados por IA.⁶ Em apoio a esse

esforço, o Partido Comunista Chinês está mobilizando uma quantidade significativa de recursos públicos e privados. Os avanços continuam a acelerar.

Em resposta, o Departamento de Defesa dos EUA embarcou em seu próprio caminho de modernização militar. Acelerar a adoção da IA é agora uma grande prioridade para o Departamento de Defesa, que busca aproveitar o poder de inovação do setor privado estadunidense, que abriga as principais empresas de IA do mundo. Ao implementar sistemas habilitados por IA em larga escala e empregá-los no campo de batalha de novas formas, as Forças Armadas dos EUA pretendem compensar o progresso do ELP e manter sua posição de superpotência inigualável no mundo.

As consequências da revolução iminente da IA nas Forças Armadas são enormes. Se desenvolvida de forma eficaz, a IA permeará todos os sistemas e processos militares. Enormes ganhos de eficiência serão obtidos à medida que a IA reduz as demandas de processamento de dados sobre os seres humanos, evitando a sobrecarga cognitiva e possibilitando análises mais rigorosas. A consciência situacional crescerá, as operações se tornarão mais precisas e as decisões serão mais bem fundamentadas. A velocidade da guerra aumentará. Aqueles com as melhores ferramentas de IA estarão constantemente explorando a iniciativa, enquanto os demais terão dificuldades para entender o que está acontecendo.

À medida que a revolução da IA nas Forças Armadas avança, todos os membros da profissão devem se preparar. Do general ao soldado, todos teremos um papel a desempenhar na transformação que ocorrerá nos próximos anos na força. Temos de abraçar o novo e nos adaptar às mudanças no ambiente. Como afirmou certa vez Giulio Douhet, teórico italiano do poder aéreo, “a vitória sorri aos que preveem a mudança no caráter da guerra, não aos que esperam para se adaptar depois que as mudanças ocorrem.”⁷ As palavras de Douhet, escritas há mais de um século, ainda repercutem fortemente hoje.

Uma breve história da IA

Embora a IA possa parecer um fenômeno relativamente novo, o matemático britânico Alan Turing desenvolveu a teoria pela primeira vez em 1950. Tendo desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento dos computadores, Turing acreditava que a IA seria alcançada quando as máquinas

se tornassem capazes de responder a perguntas de forma indistinta das respostas humanas.⁸ Nas duas décadas seguintes, a pesquisa em IA prosperou à medida que a Agência de Projetos Avançados de Pesquisa de Defesa (*Defense Advanced Research Projects Agency*) financiou a criação de laboratórios de IA em várias universidades importantes.⁹ Apesar dessa enxurrada inicial de pesquisas sobre IA, a falta de poder computacional e armazenamento de dados dos computadores primitivos levou muitos a acreditar que os avanços sucessivos não eram mais viáveis. Por isso, o financiamento foi reduzido significativamente para a maioria das pesquisas de IA.

O desenvolvimento da IA passou por um ressurgimento na década de 1980, quando microprocessadores avançados disponibilizaram maior poder computacional. Em linha com um conceito conhecido como “Lei de Moore”, a capacidade dos chips de computador continuou a crescer exponencialmente, dobrando a cada dois anos aproximadamente.¹⁰ Esses semicondutores mais poderosos permitiram que os cientistas da computação acessassem bancos de dados maiores, habilitando algoritmos mais sofisticados. Uma nova série de programas conhecidos como “sistemas especialistas” foi desenvolvida, a qual, pela primeira vez, foi capaz de reproduzir a tomada de decisão dos seres humanos.¹¹ Os sistemas especialistas reuniam vastos conhecimentos e dados sobre um tópico específico. Esses programas conseguiam resolver problemas estritamente definidos que, de outra forma, exigiriam especialistas no assunto. Por exemplo, o Departamento de Defesa empregou sistemas especialistas para desenvolver software de manutenção que permitia aos usuários inserir dados diagnósticos e receber um relatório sobre a causa



Arthur Samuel, engenheiro da IBM, com um computador dos primórdios do aprendizado de máquina, que desenvolveu por volta de 1962. Quanto mais jogava, mais o computador aprimorava seu desempenho no jogo de damas. Samuel lançou as bases para uma série de avanços em inteligência artificial na IBM na década de 1990. (Foto cedida por IBM)

subjacente do mau funcionamento, bem como as soluções recomendadas.¹²

Embora se destacassem nas aplicações personalizadas, os sistemas especialistas eram incapazes de lidar com a resolução de problemas além de seu conhecimento pré-programado.¹³

A onda subsequente de progresso da IA ocorreu na década de 1990 com a criação do aprendizado de máquina. Ao contrário dos sistemas especialistas que precisavam ser programados manualmente, os algoritmos de aprendizado de máquina usavam dados de treinamento para

O Cel Josh Glonek, do Exército dos EUA, é pesquisador do Army War College na Stanford University, onde realiza pesquisas sobre inteligência artificial e competição estratégica entre os EUA e a China. Formou-se na Academia Militar de West Point e tem mestrado em Políticas Públicas pela University of Chicago. Em missões recentes, Glonek serviu como oficial de operações de divisão na 10ª Divisão de Montanha, comandante do 2º Batalhão, 87º Regimento de Infantaria, e como chefe de redação de discursos do Secretário de Defesa.



A abordagem chinesa do desenvolvimento da tecnologia militar é uma estratégia de fusão civil-militar caracterizada pelo envolvimento militar direto em pesquisa e desenvolvimento com empresas privadas chinesas sincronizadas pelo controle centralizado do governo. (Imagem: Gerardo A. Mena Jr., gerada por IA, Army University Press)

“aprender” a executar tarefas e resolver problemas.¹⁴ Isso possibilitou que os desenvolvedores ajustassem os parâmetros dos modelos para alcançar os resultados desejados, gerando programas de IA extremamente flexíveis que poderiam ter um bom desempenho em novos ambientes. Mais avanços foram obtidos com o desenvolvimento de algoritmos de “aprendizado profundo” que usavam redes neurais vagamente modeladas nas do cérebro humano. A combinação do aprendizado profundo com gigantescos conjuntos de dados tornou possível a “visão computacional”, que é a base para diversas aplicações, de veículos autônomos a programas de reconhecimento facial.¹⁵

O avanço mais recente em IA foi apresentado ao mundo em novembro de 2022, quando a OpenAI lançou o ChatGPT, seu programa de grande modelo de linguagem (*Large Language Model*, LLM). O grande modelo de linguagem aproveita o fato de

que a linguagem natural é organizada em ordem sequencial, criando conexões lógicas entre as palavras em uma oração. Pela leitura de uma quantidade muito grande de frases durante o treinamento, esses modelos tornam-se eficazes em prever a ordenação das palavras de maneira coerente.¹⁶ Peça ao ChatGPT para preparar um relatório de livro, criar um plano de negócios ou compor poesia, e ele o fará quase instantaneamente com alto grau de eficácia. E como as palavras são simplesmente uma forma de dados, essas novas técnicas não se limitam apenas à linguagem. Novas aplicações de IA generativa estão surgindo com a capacidade de criar imagens e vídeos, compor músicas e escrever código de computador.

Nos últimos anos, os avanços na IA resultaram em conquistas significativas. Em 2016, o programa de computador AlphaGo do Google DeepMind derrotou Lee Sedol, campeão mundial de Go, em uma partida



Em uma abordagem diferente da do Exército de Libertação Popular, o Departamento de Defesa dos EUA é muito dependente da iniciativa privada e da competição econômica entre empresas privadas concorrentes em seus programas de desenvolvimento de tecnologia de defesa. Essa abordagem pressupõe que a livre iniciativa promove maior liberdade na criatividade e na inovação. (Ilustração cedida por DroneXL, <https://www.dronexl.co>)

de cinco jogos. Durante o segundo jogo, o AlphaGo fez uma jogada pouco ortodoxa que os especialistas inicialmente pensaram ser um erro. No decorrer do jogo, tornou-se evidente que o “erro” foi crucial para a vitória da máquina.¹⁷ Outro marco foi alcançado em 2020, quando um agente de IA derrotou de forma decisiva um piloto de caça de elite em um duelo aéreo

(*dogfight*) virtual patrocinado pela Agência de Projetos Avançados de Pesquisa de Defesa. Quando questionado sobre suas perdas consecutivas, o piloto respondeu: “As coisas que costumamos fazer como pilotos de caça não estão funcionando.”¹⁸ Esses feitos não são apenas demonstrações impressionantes da proeza da IA em cenários complexos, mas também demonstram como a



Militar do Exército emprega um dispositivo portátil para usar a inteligência artificial na análise de dados para o rápido planejamento e execução de operações de nível tático. (Imagem: Gerardo A. Mena Jr., gerada por IA, Army University Press)

IA é capaz de aprender novas técnicas e estratégias que superam até mesmo os melhores seres humanos.

A corrida para desenvolver a IA militar

A IA já está vencendo em uma variedade de aplicações estreitas. Tanto os EUA quanto a China entendem isso e estão se apressando para incorporar a IA em suas estratégias militares. Em 2018, o Departamento de Defesa lançou sua primeira *Estratégia de Inteligência Artificial (Artificial Intelligence Strategy)*, destinada a acelerar a adoção da IA pelas Forças Armadas dos EUA. O relatório destacou o fato de que a China estava “fazendo investimentos significativos em IA para fins militares”, que “ameaçam corroer nossas vantagens tecnológicas e operacionais.”¹⁹ Em 2019, a China publicou um livro branco de defesa, no qual argumentava que “estava em curso uma revolução em assuntos militares com características chinesas.”²⁰ Fundamentado pelos

novos avanços em tecnologias emergentes, o relatório enfatizou a importância da IA nas guerras futuras, já que o big data, a computação em nuvem e a internet das coisas estavam “adquirindo velocidade no campo militar.”²¹ A ideia de que a IA transformaria o caráter da guerra estava agora na vanguarda da estratégia militar de ambas as nações.

Ao contrário de algumas inovações militares importantes do passado, como o arco longo, a pólvora ou o carro de combate, que tinham usos relativamente específicos, a IA é uma tecnologia de emprego geral com uma gama diversificada de aplicações. Mais semelhante ao advento da eletricidade, que gerou avanços em iluminação, aquecimento, transporte e comunicações, a IA se difundirá por muitas outras tecnologias, aumentando consideravelmente suas capacidades e eficácia. Atualmente, nos setores de defesa dos EUA e da China, há uma proliferação de pesquisa e desenvolvimento de IA buscando uma variedade de usos militares,

incluindo veículos autônomos, coleta de inteligência, logística preditiva, segurança cibernética e comando e controle. A corrida de IA não será decidida com base em uma aplicação específica, mas sim pelo lado que conseguir integrar melhor a IA em uma variedade de sistemas e processos em todos os domínios do combate.

Há muito tempo, os EUA têm sido o líder mundial no desenvolvimento de equipamento militar, viabilizado por uma forte cultura de inovação e base industrial de defesa bem estabelecida. Nos últimos anos, a China obteve progressos significativos com um foco intencional do Estado na modernização militar. No entanto, ambas as nações estão enfrentando um novo desafio na corrida por sistemas militares habilitados por IA. Ao contrário de muitas inovações tecnológicas do passado que foram desenvolvidas por meio de programas de pesquisa patrocinados pelo governo, a tecnologia de IA mais avançada de hoje está no setor privado. O acesso a essa tecnologia exige que o Departamento de Defesa e o ELP forjem novas parcerias com empresas para desenvolver aplicações de emprego dual. Os contratados de defesa usuais e as empresas estatais nos EUA e na China não conseguem acompanhar o ritmo da inovação em IA do setor privado.

A abordagem da China para resolver esse problema consiste na exploração do poder do Estado para aprofundar a integração público-privada por meio de uma estratégia de fusão civil-militar.²² Nos últimos anos, várias facetas da estratégia contribuíram com sucesso para uma maior integração entre o ELP e as empresas privadas chinesas. Dentre essas estão a criação de laboratórios conjuntos para viabilizar a pesquisa de emprego dual entre organizações militares, acadêmicas e comerciais; a criação da *Agile Innovation Defense Unit* (Unidade de Defesa para Inovação Ágil, em tradução livre), que tem como foco prover ao ELP o acesso a tecnologias comerciais; e patrocínios do ELP a desafios e competições destinados a promover soluções criativas para problemas militares.²³ Além disso, a fusão civil-militar vem se mostrando bem-sucedida na expansão do alcance do ELP no setor comercial. Um estudo recente do *Center for Security and Emerging Technology* (Centro para Segurança e Tecnologia Emergente, em tradução livre) descobriu que o ELP adquiriu a maioria de seus equipamentos relacionados à IA de empresas privadas chinesas de tecnologia, e não de empresas estatais tradicionais.²⁴ Embora a

corrupção e as ineficiências burocráticas continuem sendo limitações do sistema autoritário da China, foram obtidos avanços impressionantes até agora.

Em contraste com a abordagem chinesa de cima para baixo, a estratégia estadunidense consiste em aproveitar sua economia de mercado vibrante e inovadora para gerar novas tecnologias militares habilitadas por IA. Com isso, o Departamento de Defesa busca reequilibrar a força, substituindo plataformas de combate tradicionais requintadas, guarnecidas e de alto custo por uma nova geração de sistemas descartáveis, autônomos e relativamente baratos. Por meio de uma iniciativa batizada de “Replicator”, o Departamento de Defesa estabeleceu a meta de implementar esses sistemas em uma escala de “vários milhares, em vários domínios, nos próximos 18 a 24 meses.”²⁵ A fim de compensar a vantagem convencional relativa à massa do ELP, a Replicator busca complementar as capacidades convencionais dos EUA com grandes concentrações de sistemas habilitados por IA capazes de operar de forma eficaz em ambientes bastante disputados.

À frente do desenvolvimento dessas tecnologias está a Unidade de Inovação em Defesa (*Defense Innovation Unit*, DIU), criada para promover uma parceria mais estreita entre o Departamento de Defesa e o setor privado. Em 2023, a DIU foi elevada ao nível de unidade diretamente subordinada ao Secretário de Defesa, a fim de “catalisar o engajamento e o investimento em comunidades do setor privado onde a tecnologia comercial pode ser adaptada e aplicada para atender às exigências de nossos combatentes.”²⁶ Em lugares como o Vale do Silício, as melhores empresas de IA comercial do mundo têm os conhecimentos especializados necessários para desenvolver aplicações de emprego dual de suas tecnologias, mas muitas vezes enfrentam dificuldades geradas pelos procedimentos de aquisição complicados do Departamento de Defesa. A DIU ajuda a superar esse desafio ao simplificar o processo, atraindo mais empresas não tradicionais ao setor de defesa. Isso permite mais inovação, uma variedade maior de aplicações de IA e uma adoção mais rápida desses sistemas nas Forças Armadas. À medida que a iniciativa Replicator avança, a DIU desempenhará um papel de liderança na coordenação do desenvolvimento de tecnologias de IA adaptadas às necessidades das Forças Armadas e dos comandantes de comandos combatentes.

Enxergando em meio à névoa da guerra

As operações militares são caracterizadas por uma “névoa” predominante, que existe pela incerteza intrínseca da guerra.²⁷ A incapacidade de prever como a batalha irá se desenrolar faz parte da natureza essencial da guerra e não pode ser eliminada completamente. Parte da incerteza, no entanto, resulta da enorme quantidade de dados e informações que não podem ser processados com a rapidez necessária para que se compreenda claramente seu significado. As análises pós-ação dos centros de treinamento de combate rotineiramente destacam as deficiências das unidades que ficam sobrecarregadas com avalanches de informações. Os estados-maiores raramente conseguem sintetizar de forma eficaz os dados abundantes de forma a proporcionar clareza à situação geral. A pergunta “quem mais precisa saber?” é comumente feita, como uma técnica para compensar a tendência de que as informações permaneçam isoladas em “compartimentos” funcionais. Apesar do desenvolvimento de procedimentos de gestão do conhecimento destinados a melhor identificar, organizar, armazenar e disseminar informações, o problema fundamental da sobrecarga de dados ainda existe.

No campo de batalha moderno da atualidade, os sensores são quase onipresentes, transmitindo constantemente informações para os postos de comando militar. Os estados-maiores têm dificuldade para acompanhar o enorme volume de dados disponíveis: meios de informação, vigilância e reconhecimento fornecem dados sobre as forças inimigas por meio de uma combinação de imagens, feeds de vídeo, interceptações de sinais e detecções eletromagnéticas; forças amigas fornecem atualizações de status e solicitações de apoio por meio de diversos sistemas de comando e controle; e outros fatores, como mudanças meteorológicas, a presença de civis no campo de batalha ou a introdução de desinformação aumentam a complexidade do ambiente operacional. A enxurrada de dados disponíveis pode gerar um estado de “paralisia da análise” que impede a tomada de decisão eficaz. Quando são finalmente tomadas, as decisões não são mais relevantes para as condições atuais.

É nisso que a IA pode ajudar. Os sistemas de IA atuais e os computadores de alta potência que os executam conseguem processar grandes quantidades

de dados em velocidades sem precedentes. Tarefas que os seres humanos normalmente levariam dias ou semanas para concluir podem ser cumpridas pela IA em questão de segundos. Veja o setor bancário, por exemplo. As instituições financeiras usam a IA para rastrear o uso do cartão de crédito em tempo real. Quando um comportamento irregular do comprador é detectado, as transações são recusadas antes que a fraude ocorra.²⁸ Em comparação com os métodos tradicionais que dependem da verificação manual humana, os ganhos de eficiência resultantes são enormes. Além disso, os sistemas de IA estão se revelando mais precisos do que os especialistas humanos em diversas áreas. Por exemplo, na área médica, os sistemas de aprendizado de máquina estão demonstrando maior precisão na previsão de câncer do que médicos altamente treinados.²⁹ A aplicação dessas mesmas tecnologias às tarefas militares comuns pode produzir ganhos semelhantes em eficiência e eficácia. Basicamente, a IA pode ajudar a eliminar parte da névoa da guerra.

Esses ganhos de produtividade permitirão, em última análise, uma tomada de decisão mais rápida e eficaz, o que é uma vantagem fundamental na guerra. John Boyd descreveu a competição militar por meio de um processo conhecido como o ciclo “observar, orientar, decidir, agir” (*observe, orient, decide, act*, OODA).³⁰ A ideia de Boyd era que qualquer lado que executasse o processo mais rapidamente conseguiria se inserir no ciclo de decisão do oponente e obter uma vantagem militar relativa. Os sistemas de IA acelerarão muito o processo do ciclo OODA ao aumentar a consciência situacional, processar rapidamente grandes quantidades de informações, calcular as opções de decisão e automatizar operações. Os analistas de inteligência usarão a visão computacional para filtrar dezenas de imagens e vídeos a fim de localizar forças inimigas. Operadores empregarão enxames de drones para sobrecarregar as defesas inimigas. Especialistas em logística usarão a análise de dados para otimizar as missões de reabastecimento ou a manutenção dos equipamentos. Planejadores militares usarão grandes modelos de linguagem para redigir ordens de operações e gerar briefings de decisão. Guerreiros cibernéticos aproveitarão o aprendizado de máquina para identificar anomalias e impedir invasões de rede por adversários. Essas são apenas algumas das diversas aplicações iminentes da IA nas Forças Armadas.



No ambiente operacional global do futuro, a IA desempenhará um papel significativo na análise e tomada de decisão militar nos níveis estratégico, operacional e tático de comando e controle. (Ilustração: NIWC Pacific, 7 de abril de 2018)

Determinar a velocidade com que o ciclo OODA acelera dependerá, em parte, do nível de confiança que os seres humanos depositam na IA. Como acontece com qualquer tecnologia nova, a IA está sujeita a erros e exigirá aperfeiçoamento ao longo do tempo, à medida que continua evoluindo e amadurecendo. Para o futuro próximo, há boas razões para manter o controle e a supervisão humana, também conhecidos como “humanos no ciclo”. Por exemplo, a IA demonstra a capacidade de “alucinar”, produzindo saídas ou respostas que são plausíveis, mas não correspondem à realidade.³¹ Isso ocorre quando um modelo de IA faz uma inferência estatística baseada em seus dados de treinamento que conduz a resultados imprecisos quando aplicada a um ambiente do mundo real. Para um programa de IA de apoio a atividades

militares, as consequências de um resultado falso podem ser graves. Outro desafio de muitos modelos de IA é que carecem de “explicabilidade”, ou seja, o sistema é incapaz de descrever a lógica e os dados subjacentes às suas conclusões.³² Por isso, as decisões parecem ser tomadas dentro de uma “caixa preta”, impedindo que os usuários acompanhem o processo mental do sistema. Essa falta de transparência exigirá que a confiança na IA militar seja construída ao longo do tempo por meio da experiência. A IA também é vulnerável a falsificações (*spoofing*), permitindo que um adversário ajuste as entradas de dados e conduzindo o modelo a conclusões falsas.³³ Imagine usar um software de visão computacional para processamento de alvos que seja manipulado para concluir que forças amigas ou civis

são alvos inimigos altamente compensadores. Por todas essas razões, a maioria das aplicações da IA militar no curto prazo provavelmente aumentará o papel dos seres humanos, em vez de substituí-los.

Embora os EUA e a China tenham promulgado a governança de IA, as diferenças culturais podem

transformar em Forças Armadas de classe mundial. Dentro dessa atual rivalidade geopolítica, a competição para aproveitar o poder da IA moldará o equilíbrio global de poder nos próximos anos.

Preservar a superioridade militar dos EUA requer uma aceleração do desenvolvimento de IA



O Departamento de Estado adotou uma série de princípios éticos para o uso da IA com o intuito de orientar o desenvolvimento de novas tecnologias de forma segura e responsável.



influenciar a velocidade de adoção. Uma pesquisa recente revelou que 78% dos cidadãos chineses acreditavam que a IA trazia mais benefícios do que desvantagens, ao contrário de apenas 35% dos estadunidenses.³⁴ Em 2020, o Departamento de Defesa adotou uma série de princípios éticos para o uso da IA com o intuito de orientar o desenvolvimento de novas tecnologias de forma segura e responsável.³⁵ O ELP não divulgou um conjunto de princípios semelhante e aparenta estar menos limitado pelos riscos apresentados pela IA. Diferentemente do debate vigoroso nos EUA sobre a ética no emprego de sistemas militares autônomos, a discussão desse tópico está em grande parte ausente das fontes abertas chinesas.³⁶ Essas perspectivas contrastantes na ética e regulamentação da IA podem influenciar a velocidade com que os EUA e a China adotam e integram a IA em suas respectivas Forças Armadas. Enquanto os EUA parecem mais cautelosos e intencionais em sua abordagem, a China parece ser menos limitada pelos possíveis riscos da IA.

Conclusão

Embora a tecnologia por si só não garanta o resultado da guerra, ao longo da história, as Forças Armadas que melhor inovam têm uma vantagem decisiva no campo de batalha.³⁷ As Forças Armadas estadunidenses há muito desfrutam de superioridade tecnológica sobre seus adversários. No entanto, essa vantagem agora está diminuindo. O foco chinês em nível nacional na inovação em IA se manifestou na forma de avanços tecnológicos significativos, permitindo que o ELP alcançasse seu objetivo de se

em todo o Departamento de Defesa. Uma parceria reforçada com o setor privado é essencial ao alcance do progresso necessário para superar o ELP. Embora a estratégia chinesa de fusão civil-militar tenha produzido resultados impressionantes, as empresas de IA mais capacitadas estão sediadas nos EUA. Essas empresas, com sua mão de obra altamente qualificada e sua pesquisa de ponta, têm o potencial de produzir as aplicações militares mais avançadas de IA. O sistema estadunidense baseado no mercado tem uma vantagem única na promoção da inovação, mas o Departamento de Defesa deve continuar a se adaptar para aproveitar plenamente seu potencial. A atual iniciativa Replicator representa a maior aposta do Departamento de Defesa no desenvolvimento da IA. Seu sucesso é crucial para o futuro das Forças Armadas dos EUA.

Embora novas tecnologias estejam sempre sendo desenvolvidas, raramente apresentam um potencial tão grande quanto o da IA. A vantagem militar geralmente é obtida pelo lado que compreende melhor o ambiente, o inimigo e a si mesmo. As batalhas costumam ser vencidas por comandantes que tomam decisões bem fundamentadas e em tempo hábil. A IA é uma tecnologia que viabilizará tudo isso.

A revolução da IA nas Forças Armadas apenas começou. Como evoluirá — e se os EUA prevalecerão — dependerá da urgência com que iremos abordar essa oportunidade, da adaptabilidade de nossas organizações e da perseverança de nossa força. O potencial da IA é ilimitado, mas apenas se tivermos visão de futuro para compreendê-la e coragem para aceitar o desafio. ■

Referências

Epígrafe. "Ukraine's Commander-in-Chief on the Breakthrough He Needs to Bear Russia", *The Economist* (site), 1 November 2023, <https://www.economist.com/europe/2023/11/01/ukraines-commander-in-chief-on-the-breakthrough-he-needs-to-beat-russia>.

1. National Defense Strategy Commission, *Providing for the Common Defense: The Assessment and Recommendations of the National Defense Strategy Commission* (Washington, DC: United States Institute of Peace, 2018), p. 10, <https://www.usip.org/sites/default/files/2018-11/providing-for-the-common-defense.pdf>.
2. M. Taylor Fravel, "China's 'World-Class Military' Ambitions: Origins and Implications", *Washington Quarterly* 43, no. 1 (Spring 2020): p. 85, <https://doi.org/10.1080/0163660X.2020.1735850>.
3. Oriana Skylar Mastro, "The Military Challenge of the People's Republic of China", in *Defense Budgeting for a Safer World: The Experts Speak*, ed. Michael Boskin, John Rader, and Kiran Sridhar (Stanford, CA: Hoover Institution Press, 2003), p. 37.
4. Office of the Secretary of Defense, *Military and Security Developments Involving the People's Republic of China, 2023: Annual Report to Congress* (Washington, DC: U.S. Department of Defense [DOD], 2023), p. 139.
5. *Ibid.*, p. 140.
6. Elsa Kania, "Artificial Intelligence in China's Revolution in Military Affairs", *Journal of Strategic Studies* 44, no. 4 (2021): p. 515, <https://doi.org/10.1080/01402390.2021.1894136>.
7. Giulio Douhet, *The Command of the Air*, ed. Joseph Harahan and Richard Kohn (Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2009), p. 30.
8. Michael Wooldridge, *A Brief History of Artificial Intelligence: What It Is, Where We Are, and Where We Are Going* (New York: Flatiron Books, 2020), p. 24.
9. Rockwell Anyoha, "The History of Artificial Intelligence", *Science in the News Special Edition: Summer 2017*, 28 August 2017, <https://sitn.hms.harvard.edu/flash/2017/history-artificial-intelligence/>.
10. Chris Miller, *Chip War: The Fight for the World's Most Critical Technology* (New York: Scribner, 2022), p. 31.
11. Rekha Jain, "Expert Systems: A Management Perspective", *Vikalpa* 14, no. 4 (1989): p. 17, <https://doi.org/10.1177/0256090919890404>.
12. U.S. Government Accountability Office (GAO), *Artificial Intelligence: Status of Developing and Acquiring Capabilities for Weapon Systems*, GAO-22-104765 (Washington, DC: U.S. GAO, 2022), p. 5, <https://www.gao.gov/products/gao-22-104765>.
13. Pamela McCorduck, *Machines Who Think: A Personal Inquiry into the History and Prospects of Artificial Intelligence* (Natick, MA: A. K. Peters, 2004), p. 511.
14. U.S. GAO, *Artificial Intelligence*, p. 5.
15. Mustafa Suleyman, *The Coming Wave: Technology, Power, and the 21st Century's Greatest Dilemma* (New York: Crown Publishing, 2023), p. 60.
16. *Ibid.*, p. 63.
17. Wooldridge, *A Brief History of Artificial Intelligence*, p. 128.
18. Patrick Tucker, "An AI Just Beat a Human F-16 Pilot in a Dogfight – Again", *Defense One*, 20 August 2020, <https://www.defenseone.com/technology/2020/08/ai-just-beat-human-f-16-pilot-dogfight-again/167872/>.
19. U.S. DOD, *Summary of the 2018 Department of Defense Artificial Intelligence Strategy: Harnessing AI to Advance our Security and Prosperity* (Washington, DC: U.S. DOD, 2018), p. 5, <https://media.defense.gov/2019/Feb/12/2002088963/-1/-1/1/SUMMARY-OF-DOD-AI-STRATEGY.PDF>.
20. State Council Information Office of the People's Republic of China, *China's National Defense in the New Era* (Beijing: State Council Information Office of the People's Republic of China, 2019), p. 5, https://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/201907/24/content_WS5d3941ddc6d08408f502283d.html.
21. *Ibid.*, p. 5.
22. Alex Stone e Peter Wood, *China's Military-Civil Fusion Strategy: A View from Chinese Strategists* (Montgomery, AL: Instituto de Estudos Aeroespaciais da China, 2020), p. 26, <https://www.airuniversity.af.edu/CASI/Display/Article/2217101/chinas-military-civil-fusion-strategy/>.
23. *China's Pursuit of Defense Technologies: Hearing Before the U.S.-China Economic and Security Review Commission*, 118th Cong. 48 (2023) (depoimento de Elsa Kania, Pesquisadora Adjunta Sênior, Programa de Tecnologia e Segurança Nacional do Center for a New American Security).
24. Ryan Fedasiuk, Jennifer Melot e Ben Murphy, *Harnessed Lightning: How the Chinese Military Is Adopting Artificial Intelligence* (Washington, DC: Center for Security and Emerging Technology, 2021), p. 32, <https://cset.georgetown.edu/publication/harnessed-lightning/>.
25. "Deputy Secretary of Defense Kathleen Hicks' Remarks: 'Unpacking the Replicator Initiative' at the Defense News Conference (As Delivered)", U.S. DOD, 6 September 2023, <https://www.defense.gov/News/Speeches/Speech/Article/3517213/deputy-secretary-of-defense-kathleen-hicks-remarks-unpacking-the-replicator-init/>.
26. Office of the Secretary of Defense, memorandum, "Realignment and Management of the Defense Innovation Unit", 4 April 2023, <https://media.defense.gov/2023/Apr/04/2003192904/-1/-1/1/REALIGNMENT-AND-MANAGEMENT-OF-THE-DEFENSE-INNOVATION-UNIT.PDF>.
27. Carl von Clausewitz, *On War*, ed. e trad. Michael Howard e Peter Paret (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984), p. 101.
28. J.P. Pressley, "Why Banks Are Using Advanced Analytics for Faster Fraud Detection", *BizTech*, 25 July 2023, <https://biztechmagazine.com/article/2023/07/why-banks-are-using-advanced-analytics-faster-fraud-detection>.
29. Bo Zhang, Huiping Shi e Hongtao Want, "Machine Learning and AI in Cancer Prognosis, Prediction, and Treatment Selection: A Critical Approach", *Journal of Multidisciplinary Healthcare* 16 (2023): p. 1779, <https://doi.org/10.2147/JMDH.S410301>.

CHAMADA PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS



JOURNAL OF MILITARY LEARNING

O *Journal of Military Learning (JML)* é uma publicação semestral revisada por pares que busca apoiar o esforço das Forças Armadas para melhorar a educação e o treinamento no Exército dos EUA e da profissão das armas de forma geral. O *JML* convida profissionais, pesquisadores, acadêmicos e militares a enviarem manuscritos que abordem as questões e os desafios da educação e do treinamento de adultos, como tecnologia educacional, modelos e teoria de aprendizagem de adultos, ensino a distância, desenvolvimento de treinamento e outros assuntos relevantes à área. Encorajamos também o envio de resenhas de obras publicadas pertinentes.

Para ver as edições do *JML*, atual e passadas, visite a Army University Press em <http://www.armyupress.army.mil/Journals/Journal-of-Military-Learning/>.

Já estamos aceitando manuscritos para futuras edições do *JML*. Os manuscritos devem ser enviados em inglês para usarmyleavenworth.tradoc.mbx.journal-of-military-learning@army.mil.

Os textos devem ter entre 3.500 e 5.000 palavras e ser fundamentados em pesquisa evidenciada por meio da citação de fontes. Para obter diretrizes detalhadas sobre o envio de artigos, visite a página do *JML* no site da Army University Press, em <http://www.armyupress.army.mil/Journals/Journal-of-Military-Learning/>.

Para obter mais informações, envie e-mail para o endereço acima.

30. Brian R. Price, "Colonel John Boyd's Thoughts on Disruption: A Useful Effects Spiral from Uncertainty to Chaos", *Journal of Advanced Military Studies* 14, no. 1 (2023): p. 99, <https://doi.org/10.21140/mcu.20231401004>.

31. Herbert S. Lin, ed., *The Stanford Emerging Technology Policy Review 2023: A Report on Ten Key Technologies and Their Policy Implications* (Stanford, CA: Stanford University, 2023), p. 26, <https://setr.stanford.edu/>.

32. Ibid., p. 25.

33. Ibid., p. 26.

34. Nestor Maslej et al., *Artificial Intelligence Index Report 2023* (Stanford, CA: Institute for Human-Centered Artificial Intelligence, 2023), p. 322, <https://aiindex.stanford.edu/report/>.

35. "DOD Adopts Ethical Principles for Artificial Intelligence", U.S. DOD, 24 February 2020, <https://www.defense.gov/News/Releases/Release/Article/2091996/dod-adopts-ethical-principles-for-artificial-intelligence/>.

36. James Johnson, "Artificial Intelligence and Future Warfare: Implications for International Security", *Defense and Security Analysis* 35, no. 2 (2019): p. 158, <https://doi.org/10.1080/14751798.2019.1600800>.

37. Andrew Krepinevich, *The Origins of Victory: How Disruptive Military Innovation Determine the Fates of Great Powers* (New Haven, CT: Yale University Press, 2023), p. 3.

Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra

Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA

CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA*

CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA

Travis V. Meyer

O ChatGPT é o carro-chefe da organização estadunidense de inteligência artificial OpenAI. É um programa de processamento de linguagem natural que emprega inteligência artificial geral para gerar respostas detalhadas e complexas de acordo com a solicitação do usuário.¹ Quando questionado sobre o que seria a inteligência artificial geral (*artificial general intelligence*, AGI), o ChatGPT afirmou:

Simplificando, a Inteligência Artificial Geral, ou AGI, refere-se a máquinas ou sistemas extremamente autônomos capazes de entender, aprender e aplicar conhecimentos em uma grande variedade de tarefas, em um nível comparável à inteligência humana. Ao

contrário da IA especializada, ou estreita, designada para tarefas específicas, a AGI visa a demonstrar habilidades cognitivas gerais semelhantes às dos seres humanos. Envolve máquinas capazes de adaptar, raciocinar, resolver problemas e aprender em diversas situações, assim como os seres humanos aplicam sua inteligência a várias atividades, sem se limitar a um domínio específico. A AGI representa um nível de inteligência artificial em que as máquinas podem lidar com tarefas complexas em diferentes domínios, demonstrando uma versatilidade de compreensão do mundo comparável com a humana.²



Prisioneiros de guerra estadunidenses no pátio da prisão Nga Tu So, em Hanói, durante uma visita de inspeção por observadores internacionais e jornalistas ocidentais convidados, em março de 1973. A prisão, cercada por um muro alto de tijolos com arame farpado em sua parte superior, havia sido um prédio do governo antes da Guerra do Vietnã. Cada cela abrigava cerca de 12 prisioneiros de guerra, e as camas eram plataformas de madeira com esteiras. (Foto: Horst Faas, Associated Press)

Relembrando o “HAL” 9000 (também conhecido como Heuristically Programmed Algorithmic Computer) no filme *2001: Uma odisséia no espaço*, de Stanley Kubrick, de 1968, a AGI saltou da ficção científica para fato científico.³ O objetivo da OpenAI é fornecer à sociedade programas de computador interativos e de ponta, que sejam seguros e tragam benefícios a qualquer pessoa.⁴ Em um ambiente militar, uma aplicação útil dessa tecnologia seria no desenvolvimento de um currículo educacional oportuno. A aplicação dessa tecnologia para apoiar a educação já foi considerada em um contexto militar, no âmbito da educação médica de pós-graduação.⁵

Este estudo explora a utilização da AGI para fins de desenvolvimento de currículo voltado a preparar militares para sobreviver a uma experiência de cativeiro. Os dados utilizados neste estudo foram provenientes de livros publicados por ex-prisioneiros de guerra dos EUA, mantidos no Vietnã entre 1964 e 1973. Esses

prisioneiros de guerra representavam todas as Forças Armadas dos EUA, em sua maioria, aviadores. Eles foram submetidos a atos prolongados de tortura, desnutrição e períodos de isolamento.

Muitos desses prisioneiros de guerra escreveram e publicaram obras narrando suas experiências no cativeiro e suas experiências de vida depois de libertados. Com o avanço da AGI, surgiu a oportunidade de abrir um novo canal para compilar essas experiências já publicadas e identificar objetivos de ensino que pudessem ser usados por militares mediante um método de instrução sobre sobrevivência e resiliência. Aqui, sobrevivência é definida como “o estado ou o fato de continuar a viver ou existir, especialmente diante de condições adversas”. Resiliência é definida como “o processo e o resultado de adaptar-se com sucesso a experiências de vida difíceis ou desafiadoras, principalmente por meio de flexibilidade mental, emocional e comportamental,

bem como a capacidade de ajustar-se a demandas externas e internas.”⁶ Para os fins deste estudo, a sobrevivência é considerada um processo contínuo durante determinado acontecimento, e a resiliência é um processo que pode ocorrer tanto durante como após um acontecimento. Esses são dois temas cruciais para o treinamento de militares em preparação para o combate e a vida pós-combate.

Método

Esta análise incluiu obras escritas exclusivamente por ex-prisioneiros de guerra sobre suas experiências durante o cativeiro no Vietnã. Para este estudo-piloto, quatro livros já publicados foram selecionados.⁷ Aproximadamente 80% de cada livro foi digitalizado e carregado no ChatGPT, versão gratuita 3.5. Devido às limitações de análise de texto com um prompt de comando único, os segmentos de cada livro foram carregados separadamente.

Para cada segmento, solicitou-se ao ChatGPT que identificasse dez temas comuns do texto. Uma vez desenvolvido um conjunto de temas comuns para cada livro, todos os 40 temas

O Cel John P. Albano, M.D., da reserva remunerada do Exército dos EUA, é diretor do programa do Robert E. Mitchell Center for POW Studies na Base Aérea Naval, em Pensacola, Flórida. É formado em Medicina pela University of South Dakota, tem mestrado em Saúde Pública pela University of Texas e é credenciado em Medicina Aeroespacial. Finalizou sua carreira de 25 anos no Exército como Diretor de Saúde do U.S. Army Space and Missile Defense Command. Atua no REMC desde 2012.

O CF Steven E. Linnville, Ph.D., da reserva remunerada da Marinha dos EUA, obteve seu doutorado em Psicologia pela Southern Illinois University, em Carbondale. Em 26 anos de carreira no Navy Medical Service Corps, fez pesquisas sobre os efeitos do HIV sobre o desempenho militar, estudou os efeitos prolongados dos sonares de baixa frequência, lecionou na Academia Militar de West Point, do Exército, como professor assistente da Marinha e pesquisou, no Robert E. Mitchell Center, em Pensacola, sobre a resiliência psicológica dos prisioneiros de guerra dos EUA na era do Vietnã. Após passar à reserva remunerada, começou a prestar consultoria sobre desempenho cognitivo e saúde de aviadores. *É o principal autor deste artigo.

dos quatro livros foram inseridos novamente no ChatGPT. Solicitou-se ao programa que criasse um conjunto de 12 temas comuns entre os livros. Depois desses 12 temas, criou-se um conjunto intermediário de temas – um sobre sobrevivência e outro sobre resiliência. A partir desses dois últimos temas, foram desenvolvidos objetivos de ensino voltados especificamente para a sobrevivência e a resiliência.

Resultados

A Tabela 1 (ao final do artigo) mostra os temas gerados a partir dos escritos (os “narradores” são os quatro autores). Os temas reunidos incluem treinamento militar, conflitos internos e externos, camaradagem com outros prisioneiros de guerra, barreiras enfrentadas com seus captores (como diferenças culturais e linguísticas), o medo constante e a luta pela sobrevivência, sem saber quando e se seriam libertados, além das reflexões no momento da escrita e durante o cativeiro.

Desses 12 temas, foram solicitados dois conjuntos de temas: um para a sobrevivência (Tabela 2) e outro para a resiliência (Tabela 3), com o ChatGPT adicionando um 13º tema sobre resiliência. Nos temas de sobrevivência e resiliência, foram indexadas tanto questões internas (memória, emoções, identidade e instinto) quanto externas (físico, informacional e união/apoio), conforme mostram as Tabelas 2 e 3. Esses temas intermediários foram gerados já para a etapa final, onde seriam desenvolvidos os objetivos de ensino nessas duas áreas (Tabela 4).

Comparando os objetivos de sobrevivência e resiliência lado a lado, as diferenças entre os dois estão destacadas em negrito e itálico. Para cada um dos

13 temas, os objetivos exigiriam que os alunos

O CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA, é diretor associado e psicólogo pesquisador no Robert E. Mitchell Center for POW Studies na Base Aérea Naval, em Pensacola, Flórida. Lidera pesquisas sobre resiliência, dinâmica de equipe e liderança entre ex-prisioneiros de guerra dos EUA com o objetivo de apoiar o desenvolvimento dos combatentes.

Travis Meyer, MBA, trabalhou para o Departamento de Defesa nos últimos 18 anos em funções civis e militares. Atualmente é administrador de escritório no Robert E. Mitchell Center for POW Studies na Base Aérea Naval, em Pensacola, Flórida, e é um colaborador importante na elaboração deste artigo.

compreendessem a distinção entre os dois objetivos e discutissem detalhadamente cada um deles a partir dessas perspectivas. O objetivo seria que os alunos desenvolvessem um entendimento mais aprofundado nessas áreas, além de como refletir sobre elas e abordá-las em seus próprios processos de aprendizagem.

Discussão

Este estudo foi o primeiro do tipo a utilizar a tecnologia de AGI para criar um conjunto de temas para o desenvolvimento de um currículo relativo ao cativo. Estas seriam as principais contribuições deste estudo:

- Primeiro, até o momento, esta é a única pesquisa que utilizou a AGI para compreender a experiência de ex-prisioneiros de guerra estadunidenses mantidos em cativeiro a partir de suas perspectivas.
- Segundo, este trabalho demonstrou a capacidade da AGI de gerar currículos para domínios específicos com base em aportes de usuários, relevantes para um contexto militar. O uso dessa nova tecnologia poderia ser aproveitado para a geração de conteúdo

e design instrucional que apoiem a instrução de pessoal militar como parte de seu treinamento. Isso teria algumas implicações para as escolas militares encarregadas de ensinar o currículo de técnicas de sobrevivência, evasão, resistência e fuga.

- Terceiro, de uma perspectiva metodológica, este estudo delineou um processo para analisar rapidamente obras extensas tendo a validade de face de uma coorte, para desenvolver temas compartilhados entre indivíduos com experiências semelhantes. Para futuras pesquisas nessa área, seria importante considerar a catalogação de todas as obras disponíveis dos integrantes da coorte, a fim de incluí-las na análise de dados. Esse esforço adicional provavelmente gerará *insights* mais abrangentes e detalhados. Este estudo demonstrou a relevância e o potencial de aproveitar novas tecnologias de AGI para auxiliar no desenvolvimento de currículos relativos à área militar. Além disso, a utilização da AGI representa um grande avanço tecnológico do século XXI e indica o caminho do futuro para a civilização. ■

Referências

1. Dinesh Kalla et al., "Study and Analysis of Chat GPT and Its Impact on Different Fields of Study", *International Journal of Innovative Science and Research Technology* 8, no. 3 (March 2023): p. 827-33, https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4402499.
2. "ChatGPT", OpenAI, acesso em 7 mar. 2024 [login obrigatório], <https://chat.openai.com/>.
3. Aaron M. Lamb, "Through the Lens of HAL 9000: Using Stanley Kubrick's 2001: A Space Odyssey as a Modeling Tool to Create a Precursive Sapient Quotient to Foster Humanity's Moral Obligation to Evolve into Machines" (tese de doutorado, Johns Hopkins University, 2022), <https://jscholarship.library.jhu.edu/items/9e87418f-d4a6-4bd9-88b0-8f0e9e35e687>.
4. "OpenAI Charter," OpenAI, acesso em 7 mar. 2024, <https://openai.com/charter>.
5. Jonathan R. Spirkak e Sameer Antani, "The Need for Artificial Intelligence Curriculum in Military Medical Education", *Military Medicine* (site), 20 October 2023, <https://academic.oup.com/milmed/advance-article/doi/10.1093/milmed/usad412/7326531>.
6. *Britannica Dictionary Online*, s.v. "survival", acesso em 13 mar. 2024, <https://www.britannica.com/dictionary/resilience>;
- "Resilience", American Psychological Association, acesso em 7 mar. 2024, <https://www.apa.org/topics/resilience>.
7. Everett Alvarez Jr. e A. S. Pitch, *Chained Eagle: The Heroic Story of the First American Shot Down Over North Vietnam* (Lincoln, NE: Potomac Books, 2005); Charles J. Plumb, *I'm No Hero, a POW Story As Told to Glen DeWerff* (autopublicação, 1995); John Borling, *Taps on the Walls: Poems from the Hanoi Hilton* (Chicago: Master Wings Publishing, 2013); Frank Anton e Tommy Denton, *Why Didn't You Get Me Out? A POW's Nightmare in Vietnam* (New York: St. Martin's Paperback, 2000).

Tabela 1. Análise de temas comuns com uso do ChatGPT

Tema	Análise
1. Guerra e cativo	Tema central envolvendo as experiências do narrador como prisioneiro de guerra, detalhando desafios físicos e emocionais.
2. Interrogatório e resistência	A narração destaca os interrogatórios, a resistência em fornecer informações e as consequências dessa resistência.
3. Dificuldades físicas e emocionais	Descrições vívidas da dor física, do desconforto e das dificuldades emocionais do narrador.
4. Barreira cultural	Tema das diferenças culturais e mal-entendidos entre o narrador estadunidense e os captores vietnamitas.
5. Camaradagem e apoio	Retrata a camaradagem entre os prisioneiros, enfatizando suas interações, experiências compartilhadas e apoio mútuo.
6. Instinto de sobrevivência	Estudo do instinto de sobrevivência do narrador, tanto em termos físicos quanto mentais, diante dos desafios enfrentados como prisioneiro de guerra.
7. Flashbacks e reflexões	Reflexão sobre experiências passadas, englobando treinamentos e diálogos anteriores, proporcionando mais contexto e <i>insights</i> .
8. Barreiras de comunicação	As barreiras linguísticas aumentavam os desafios enfrentados pelo narrador, agregando complexidade à narrativa.
9. Perda e destruição	Aborda a perda e a destruição causadas pela guerra, incluindo a destruição do esquadrão e seu impacto.
10. Incerteza e medo	O tema da incerteza permeia o destino do narrador, a evolução da guerra e as condições do cativo. O medo é um companheiro constante.
11. Treinamento militar e simulação	Descreve as condições intensas e realistas enfrentadas pelos pilotos durante o treinamento para missões reais.
12. Experiência de combate e imprevistos	Reflexão sobre uma missão de combate, enfatizando a imprevisibilidade da guerra e o impacto causado pelos imprevistos.

(Tabela dos autores)

Tabela 2. Análise de temas comuns sobre sobrevivência com uso do ChatGPT

Tema	Análise
1. Reflexão sobre a história pessoal	<i>Sobrevivência da memória:</i> A reflexão do narrador sobre sua história pessoal representa a sobrevivência da memória, onde preserva as experiências e lições aprendidas durante a Guerra do Vietnã. A capacidade de reflexão sobre acontecimentos passados contribui para a sobrevivência da identidade e compreensão do narrador.
2. Guerra e cativo	<i>Sobrevivência física:</i> O tema central gira em torno da sobrevivência física do narrador durante o tempo em cativo. Os desafios enfrentados, tanto físicos quanto emocionais, destacam a resiliência necessária para sobreviver em um ambiente hostil.
3. Interrogatório e resistência	<i>Sobrevivência da informação:</i> A resistência do narrador durante os interrogatórios é uma forma de sobrevivência, pois reter determinadas informações não só assegura sua própria segurança, como também o bem-estar dos companheiros de prisão.
4. Dificuldades físicas e emocionais	<i>Sobrevivência dupla:</i> O texto descreve vividamente a natureza dual da sobrevivência: a resistência física diante de ferimentos, fome e condições adversas, bem como a luta pela sobrevivência do bem-estar emocional em meio ao custo mental do cativo.
5. Barreira cultural	<i>Sobrevivência da identidade:</i> A questão das diferenças culturais e mal-entendidos ilustra a luta do narrador não apenas pela sobrevivência física, como também pela preservação da sua identidade como estadunidense em meio à barreira cultural com os captores vietnamitas.
6. Camaradagem e apoio	<i>Sobrevivência por meio da união:</i> A camaradagem entre os prisioneiros comprova que a união ajuda na sobrevivência. O apoio mútuo, o compartilhamento de experiências e o conforto proporcionados pelos companheiros de cela fortalecem a mentalidade coletiva de sobrevivência.
7. Instinto de sobrevivência	<i>Impulso inato de sobrevivência:</i> Ao analisar o instinto de sobrevivência do narrador, dá-se ênfase ao impulso primordial para sobreviver, tanto física quanto mentalmente, como prisioneiro de guerra.
8. Flashbacks e reflexões	<i>Sobrevivência do significado:</i> Os flashbacks e as reflexões representam a sobrevivência do significado, contextualizando a situação atual. Contribuem para a resiliência mental do narrador ao conectar experiências passadas com o presente.
9. Barreiras de comunicação	<i>Sobrevivência por meio da compreensão:</i> A superação das barreiras de comunicação torna-se essencial à sobrevivência. Existe uma complexidade maior quando há dificuldade em compreender e transmitir informações, e a habilidade de navegar por esse contexto contribui para a sobrevivência do narrador.
10. Perda e destruição	<i>Sobrevivência por meio da resistência:</i> Questões como perda e destruição ressaltam a sobrevivência por meio da resistência. O narrador enfrenta o desafio de sobreviver à destruição física causada pela guerra e, também, ao custo emocional da perda de seus companheiros.
11. Incerteza e medo	<i>Sobrevivência na incerteza:</i> O tema onipresente da incerteza destaca a sobrevivência em um ambiente imprevisível. O medo constante transforma-se em um companheiro e enfrentar isso torna-se essencial à sobrevivência.
12. Treinamento militar e simulação	<i>Preparação para a sobrevivência:</i> A narrativa, que se inicia com o treinamento militar, enfatiza as rigorosas condições enfrentadas pelos pilotos ao se prepararem para missões reais, e destaca também a importância do treinamento para sobreviver em situações de combate.
13. Experiência de combate e imprevistos	<i>Sobrevivência na imprevisibilidade:</i> A reflexão do protagonista sobre uma missão de combate destaca a imprevisibilidade da guerra. Sobreviver torna-se o resultado da adaptação aos imprevistos e da tomada de decisão em frações de segundo.

(Tabela dos autores)

Tabela 3. Análise de temas comuns sobre resiliência com uso do ChatGPT

Tema	Análise
1. Reflexão sobre a história pessoal	<i>Memória resiliente:</i> A reflexão do narrador sobre sua história pessoal demonstra a resiliência da memória. Apesar da passagem do tempo e da natureza traumática das experiências de guerra, o narrador continua a recordar e dar sentido ao passado.
2. Guerra e cativo	<i>Resiliência na adversidade:</i> O tema central da sobrevivência física evidencia a resiliência necessária para suportar as duras condições do cativo. A capacidade do narrador de suportar desafios físicos e emocionais demonstra uma resiliência abrangente diante das adversidades.
3. Interrogatório e resistência	<i>Resiliência mental:</i> A resistência do narrador durante os interrogatórios representa uma força mental que o permite suportar a pressão e proteger informações vitais. Essa fortaleza mental é uma forma de resiliência contra o estresse psicológico.
4. Dificuldades físicas e emocionais	<i>Resiliência dupla:</i> A natureza dupla da sobrevivência, tanto física quanto emocional, ressalta a resiliência necessária para poder enfrentar desafios. Manter o bem-estar emocional, mesmo tendo que suportar dificuldades físicas, reflete um nível notável de resiliência.
5. Barreira cultural	<i>Resiliência da identidade:</i> O tema das diferenças culturais ressalta a resiliência necessária para preservar a identidade do narrador em meio a uma divisão cultural desafiadora. A luta do narrador significa uma determinação resiliente para manter sua identidade estadunidense.
6. Camaradagem e apoio	<i>Resiliência coletiva:</i> A camaradagem entre os prisioneiros representa uma resiliência coletiva. O apoio mútuo e as experiências compartilhadas fortalecem a resiliência de todo o grupo, ajudando cada indivíduo a enfrentar as dificuldades do cativo.
7. Instinto de sobrevivência	<i>Resiliência inata:</i> A análise do instinto de sobrevivência do narrador destaca uma resiliência inata, um impulso primordial que permite que se adaptem e perseverem diante de ameaças e desafios.
8. Flashbacks e reflexões	<i>Resiliência por meio da reflexão:</i> Os flashbacks e as reflexões atuam como uma forma de resiliência ao conferir significados. A capacidade do narrador de refletir sobre experiências passadas demonstra sua resiliência diante de traumas, encontrando propósito e compreensão.
9. Barreiras de comunicação	<i>Resiliência adaptativa:</i> Para superar barreiras de comunicação, é necessário ter resiliência adaptativa. A resiliência na comunicação é comprovada pela capacidade do narrador de lidar com a complexidade das barreiras linguísticas e transmitir informações.
10. Perda e destruição	<i>Resiliência duradoura:</i> As questões sobre perda e destruição ressaltam a resiliência duradoura do narrador. Para enfrentar o custo emocional da perda de companheiros e da destruição física, é fundamental ter um nível profundo de resiliência.
11. Incerteza e medo	<i>Navegando pela resiliência:</i> O tema onipresente da incerteza ressalta a resiliência necessária para lidar com circunstâncias imprevisíveis. A habilidade do narrador de enfrentar o medo e a incerteza constantes reflete uma abordagem resiliente da sobrevivência.
12. Treinamento militar e simulação	<i>Preparação para a resiliência:</i> A ênfase no treinamento militar destaca uma resiliência preparada. Os rigorosos regimes de treinamento preparam os indivíduos para serem resilientes em situações de combate, enfatizando a importância da prontidão mental e física.
13. Experiência de combate e imprevistos	<i>Resiliência adaptativa:</i> A reflexão do protagonista sobre uma missão de combate enfatiza a resiliência adaptativa. Na imprevisibilidade da guerra, sobreviver exige a capacidade de se adaptar rapidamente a imprevistos, evidenciando uma mentalidade resiliente.

(Tabela dos autores)

Tabela 4. Análise de objetivos comuns de ensino sobre sobrevivência e resiliência com uso do ChatGPT

Tema	Sobrevivência	Resiliência
1. Reflexão sobre a história pessoal	<i>Objetivo: Os alunos analisarão a reflexão do narrador sobre sua história pessoal, a fim de compreender como a sobrevivência da memória contribui para a preservação da identidade e das lições aprendidas durante a Guerra do Vietnã.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão exemplos de reflexão do narrador sobre sua história pessoal, visando a compreender e discutir como a resiliência é retratada por meio da recorrência de lembranças e da atribuição de sentido a experiências traumáticas passadas.</i>
2. Guerra e cativo	<i>Objetivo: Os alunos examinarão os desafios enfrentados pelo narrador durante o cativeiro, enfocando nos aspectos físicos e emocionais, para que reconheçam a resiliência necessária à sobrevivência em um ambiente hostil.</i>	<i>Objetivo: Os alunos examinarão o tema central da sobrevivência física na guerra e no cativeiro, identificando e analisando a resiliência necessária para suportar condições adversas. Eles estudarão de que forma a capacidade do narrador de suportar desafios indica uma resiliência abrangente diante das adversidades.</i>
3. Interrogatório e resistência	<i>Objetivo: Os alunos estudarão a resistência do narrador durante os interrogatórios como forma de sobrevivência, enfatizando a importância da retenção de informações para sua segurança pessoal e o bem-estar dos companheiros de prisão.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão a resistência do narrador durante os interrogatórios, enfocando na resiliência mental necessária para suportar o estresse psicológico. As discussões estarão concentradas nas estratégias empregadas pelo narrador e nas implicações da força mental para resistir às pressões.</i>
4. Dificuldades físicas e emocionais	<i>Objetivo: Os alunos analisarão a natureza dual da sobrevivência retratada no texto, enfatizando a resistência física e o bem-estar emocional do narrador em meio às duras condições do cativeiro.</i>	<i>Objetivo: Os alunos estudarão a natureza dual da sobrevivência, física e emocional. Por meio das experiências do narrador, eles discutirão e analisarão de que forma a manutenção do bem-estar emocional diante de dificuldades físicas reflete um nível notável de resiliência.</i>
5. Barreira cultural	<i>Objetivo: Os alunos examinarão a questão das diferenças culturais e mal-entendidos para entender a dificuldade do narrador em preservar sua identidade como estadunidense diante de barreiras culturais com os captores vietnamitas.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão o tema das diferenças culturais e discutirão a resiliência necessária para preservar a identidade do narrador em meio a uma barreira cultural desafiadora. O foco será o esforço e a determinação do narrador em manter sua identidade estadunidense.</i>
6. Camaradagem e apoio	<i>Objetivo: Os alunos avaliarão a importância da camaradagem entre os prisioneiros, como uma forma de sobrevivência pela união, destacando de que forma o apoio mútuo, as experiências compartilhadas e o consolo contribuem para uma mentalidade coletiva de sobrevivência.</i>	<i>Objetivo: Os alunos estudarão a camaradagem entre os prisioneiros e analisarão como o apoio mútuo e as experiências compartilhadas contribuem para a resiliência coletiva do grupo. As discussões investigarão o companheirismo e o quanto ele ajuda os indivíduos a lidar com as dificuldades do cativeiro.</i>
7. Instinto de sobrevivência	<i>Objetivo: Os alunos estudarão o instinto de sobrevivência do narrador, enfatizando o impulso primordial para sobreviver física e mentalmente como prisioneiro de guerra.</i>	<i>Objetivo: Os alunos investigarão o instinto de sobrevivência do narrador, analisando o conceito de resiliência inata como uma força primordial que possibilita a adaptação e a perseverança diante de ameaças e desafios. O enfoque será compreender os aspectos biológicos e psicológicos da resiliência.</i>

(Tabela dos autores)

Tabela 4. Análise de objetivos comuns de ensino sobre sobrevivência e resiliência com uso do ChatGPT (continuação)

Tema	Sobrevivência	Resiliência
8. Flashbacks e reflexões	<i>Objetivo: Os alunos analisarão o papel dos flashbacks e das reflexões como mecanismo de sobrevivência, compreendendo como eles provêm significado e contribuem para a resiliência mental do narrador.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão o papel dos flashbacks e das reflexões na narrativa, com foco em como funcionam como uma forma de resiliência mediante a construção de significados. As discussões irão analisar a habilidade do narrador em refletir sobre experiências passadas e como isso comprova sua resiliência diante de traumas.</i>
9. Barreiras de comunicação	<i>Objetivo: Os alunos estudarão os desafios impostos pelas barreiras de comunicação e reconhecerão a importância de superá-los para a sobrevivência, enfatizando a complexidade agregada pela dificuldade de compreensão e transmissão de informações.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão o tema da superação de barreiras de comunicação e discutirão a resiliência adaptativa necessária. O foco estará na habilidade do narrador de navegar pelas complexidades da linguagem e transmitir informações, destacando a importância da resiliência na comunicação.</i>
10. Perda e destruição	<i>Objetivo: Os alunos analisarão a temática da perda e destruição, enfatizando a sobrevivência pela resistência diante de desafios físicos e emocionais sofridos pelo narrador devido à guerra e à perda de companheiros.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão a temática da perda e destruição, discutindo a resiliência duradoura do narrador. O foco estará em como lidar com o custo emocional de perder companheiros e enfrentar a destruição física, evidenciando o profundo nível de resiliência necessário.</i>
11. Incerteza e medo	<i>Objetivo: Os alunos analisarão o tema onipresente da incerteza e do medo, entendendo como a habilidade de saber enfrentar a constância do medo e da incerteza é necessária para sobreviver em um ambiente imprevisível.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão o tema onipresente da incerteza, discutindo a resiliência necessária para enfrentar circunstâncias imprevisíveis. A análise se concentrará na habilidade do narrador de enfrentar o medo e a incerteza constantes, significando uma abordagem resiliente da sobrevivência.</i>
12. Treinamento militar e simulação	<i>Objetivo: Os alunos estudarão a narrativa a partir do treinamento militar para compreender a importância de uma preparação intensa a fim de sobreviver em situações de combate.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão a ênfase no treinamento militar e discutirão como este destaca a resiliência arquitetada. O foco será compreender como o regime de treinamento intenso prepara os indivíduos para serem resilientes em situações de combate, enfatizando a importância da prontidão mental e física.</i>
13. Experiência de combate e imprevistos	<i>Objetivo: Os alunos analisarão a reflexão do protagonista em relação a uma missão de combate, buscando compreender como, no contexto imprevisível da guerra, a sobrevivência resulta da adaptação a imprevistos e de tomar decisões em frações de segundo.</i>	<i>Objetivo: Os alunos analisarão a reflexão do protagonista em relação a uma missão de combate, destacando a resiliência adaptativa. As discussões se concentrarão em compreender como a sobrevivência na imprevisibilidade da guerra exige a habilidade de se adaptar rapidamente a imprevistos, evidenciando uma mentalidade resiliente.</i>

(Tabela dos autores)

“Um grau incrível de treinamento penoso e realista”

A preparação da 4ª Divisão de Infantaria para o Dia D

Stephen A. Bourque, Ph.D.

Às 06h40 de 6 de junho de 1944, 20 embarcações de desembarque de viaturas e pessoal (*Landing Craft, Vehicle, Personnel, LCVPs*), comumente chamadas de embarcações Higgins, chegaram bem perto da costa francesa em La Madeleine, perto de Sainte-Marie-du-Mont, na Península de Cotentin. Ao sinal, as rampas foram baixadas, e 600 soldados do 1º e 2º Batalhões do 8º Regimento de Infantaria do Cel James Van Fleet pularam na água, que alcançava o peito, e percorreram cem metros, ultrapassando obstáculos em direção à praia de areia lisa. Os soldados se movimentavam lentamente na água gelada à medida que se aproximavam dos combatentes da 3ª Companhia, 919º Regimento de Infantaria (Alemanha), que tentavam se recuperar do ataque intenso e preciso da Nona Força Aérea às suas posições e do bombardeio naval maciço que havia redirecionado fogos apenas alguns momentos antes. Os atacantes passaram pelos combatentes inimigos, ainda abalados, e começaram a se deslocar para terra firme. Dez minutos depois, a segunda leva desembarcou e começou a expandir a cabeça de ponte. Ajustando-se para desembarcar a cerca de 1.100 metros ao sul da praia visada, o regimento seguiu avançando em direção às vias trafegáveis e se uniu aos integrantes da 101ª Divisão Aeroterrestre, que haviam desembarcado na noite anterior.

O 22º Regimento de Infantaria do Cel Herve Tribolet alcançou a costa às 07h45 e, conforme ensaiado, dirigiu-se ao norte. Subiu pela costa para destruir os combatentes alemães na praia e as baterias de artilharia alemãs que ainda bombardeavam a área de desembarque e a frota. Ao meio-dia, o 12º Regimento de Infantaria do Cel Russell Reeder já estava em terra, avançando pelo terreno através da brecha entre os outros dois regimentos. No decorrer do dia, os batalhões de carros de combate, anticarro, artilharia, artilharia antiaérea e engenharia se deslocaram para apoiar seus respectivos regimentos ou começaram a trabalhar nas inúmeras tarefas designadas pela seção de operações (G-3) da 4ª Divisão de Infantaria. Ao fim do dia, o regimento de Van Fleet havia cumprido sua principal tarefa de se juntar à 101ª Divisão Aeroterrestre. Os outros dois regimentos haviam expandido a cabeça de ponte da divisão, permitindo que outros elementos do VII Corpo de Exército comesçassem a desembarcar. Em meio a tudo isso, o Comandante da 4ª Divisão de Infantaria, Gen Bda Raymond O. Barton, que havia desembarcado às 09h34, observava seus soldados em ação. Além de ocasionalmente direcionar o tráfego para liberar as poucas estradas na área repleta de pântanos, ele não tinha quase nada para fazer. Quando os subordinados pediam instruções, ele ordenava que executassem o plano conforme praticado.¹



Soldados estadunidenses do 8º Regimento de Infantaria, 4ª Divisão de Infantaria, movimentam-se sobre uma parede de contenção na praia de Utah durante a invasão da Europa pelos Aliados, em 6 de junho de 1944. (Foto cedida pelo U.S. Army Center of Military History)

Contrariando a máxima de Helmuth von Moltke, frequentemente citada, de que “nenhum plano de operações se estende além do primeiro encontro com a força principal do inimigo”, quase tudo correu conforme planejado.² Embora os problemas na navegação marítima tenham atrasado o assalto em cerca de dez minutos e deslocado o local de desembarque em 1.100 metros, quase ninguém — a não ser as primeiras tropas em terra — percebeu. Os combatentes alemães na praia ofereceram apenas uma resistência moderada, e foram principalmente suas baterias de artilharia, posicionadas mais para o interior, que infligiram a maior parte das 311 baixas da divisão, entre mortos, feridos e desaparecidos.³ No início da noite, quando Barton chegou ao seu posto de comando em Audouville-la-Hubert para começar a ajustar o plano para os próximos dias, seu comando estava em boa forma e em linha com todos os seus objetivos iniciais, ou próximo deles. Seus soldados haviam cumprido milhares de tarefas individuais naquele dia, além de

afastar da praia o 919º Regimento de Infantaria de Granadeiros da Alemanha. Como isso aconteceu?

A maioria dos estadunidenses considera o Dia D como um evento singular: o desembarque físico das forças aliadas, por ar e mar, na costa da Normandia. Mas, como os soldados sabem, vários meses, ou mesmo anos, se passaram antes que uma única embarcação Higgins chegasse às praias de Omaha ou Utah. Para os estadunidenses, a preparação começou em 1940, quando os Estados Unidos da América (EUA) expandiram suas forças militares. Em 1941, as Forças Terrestres do Exército dos EUA, lideradas pelo Gen Div Leslie McNair, realizaram uma série de manobras em larga escala em Louisiana e nas Carolinas, avaliando e treinando corpos de exércitos e exércitos. Treinamentos de unidades especializadas para o combate em montanhas, desertos e operações anfíbias geralmente se seguiam a essas manobras gerais. Uma unidade que participou desse programa abrangente de adestramento pré-invasão

foi a 4ª Divisão de Infantaria, uma das três divisões de infantaria a participar da invasão da Normandia em 6 de junho. Ativado em 1º de junho de 1940, o Departamento de Guerra conduzia sua organização como uma divisão motorizada e, três anos mais tarde, reorganizou-a como uma divisão de infantaria padrão. A partir de outubro de 1943, a divisão tinha uma tare-

Stephen A. Bourque, Ph.D.,

é professor emérito do U.S. Army Command and General Staff College. Passou à reserva remunerada do Exército dos EUA em 1992, após 20 anos de serviço como praça e oficial, em postos de serviço nos EUA, na Alemanha e no Oriente Médio. Depois de obter seu Ph.D. em História pela Georgia State University, lecionou em várias faculdades e universidades, incluindo a California State University-Northridge e a School of Advanced Military Studies do Command and General Staff College. Seus livros incluem *Jayhawk! The VII Corps in the 1991 Persian Gulf War* (U.S. Army Center of Military History, 2002), *The Road to Safwan* (University of North Texas Press, 2007) e *Beyond the Beach, the Allied War against France* (Naval Institute Press, 2018). Seu livro mais recente, "*Tubby*", *Raymond O. Barton and the US Army, 1889-1963*, está previsto para ser publicado no segundo semestre de 2024. Trechos deste artigo aparecerão em *Tubby*. Atualmente, Bourque está trabalhando em um livro sobre o combate da 4ª Divisão de Infantaria na Floresta de Hürtgen.

fa específica: liderar um assalto contra a Muralha do Atlântico alemã. Com base em um programa de adestramento focado desenvolvido naquele mês, o adestramento começou com uma prática anfíbia geral nos EUA, uma segunda fase com exercícios navio-terra mais sofisticados e uma terceira fase de ensaio da invasão. O resultado foi um assalto eficiente e produtivo em 6 de junho.⁴

Fase 1: Treinamento sobre fundamentos nos EUA

O início da guerra na Europa, em 1939, introduziu um senso de realismo na organização e no adestramento do Exército dos EUA. Isso não foi surpresa para a maioria, pois muitos veteranos da Primeira Guerra Mundial acreditavam que retornariam novamente ao exterior para finalizar o trabalho da guerra anterior.⁵ George C. Marshall e outros comandantes mais antigos começaram a traçar uma trajetória

para criar uma força terrestre capaz de combater no continente. A ofensiva alemã contra a França e os Países Baixos, que acelerou esse esforço, incluiu uma expansão significativa do Exército regular e aprimorou o treinamento da Guarda Nacional. Entre a invasão alemã da Polônia (setembro de 1939) e o ataque japonês a Pearl Harbor (dezembro de 1941), o Departamento de Guerra criou duas divisões blindadas e reativou seis divisões de infantaria.⁶ Entre elas estava a 4ª Divisão de Infantaria, reativada em Fort Benning, estado da Geórgia, em 1º de junho de 1940.⁷

Quase imediatamente, substitutos começaram a chegar em Fort Benning e seus três regimentos: o 8º, o 22º e o 29º Regimento de Infantaria (substituído posteriormente pelo 12º). O Congresso promulgou a Lei do Serviço Seletivo em setembro de 1940, aumentando o fluxo de recrutas para suas novas unidades.⁸ Até junho de 1941, o Exército ainda não havia expandido seu sistema de centros de recomplementação, de modo que o primeiro contato que esses recrutas incorporados tinham com o Exército dos EUA ocorria quando seus graduados os recebiam ao descerem do ônibus. Nos meses seguintes, os sargentos os instruíam no que tradicionalmente tem sido chamado de Escola do Soldado.⁹ Além das tarefas padrão de uso da farda, marcha, disciplina militar e tiro, os recrutas da 4ª Divisão também tiveram de participar de um aspecto único do adestramento: conduzir e fazer a manutenção de veículos motorizados. Por ser uma divisão motorizada, havia muitos caminhões, viaturas sobre lagartas e jipes. Muitos recrutas, que haviam crescido durante a Grande Depressão, não tinham experiência em conduzir veículos nem em realizar manutenções. Mas não demorou muito para que a divisão estivesse avançando pelo sudeste.¹⁰

Em agosto de 1941, a 4ª Divisão Motorizada juntou-se ao restante do IV Corpo de Exército durante as Manobras do Terceiro Exército no estado de Louisiana. Esses exercícios duraram dez dias e serviram de preparação para os exercícios principais programados pelo Comando Geral do Exército dos EUA (*General Headquarters*, GHQ). Ao fim do exercício, a divisão retornou a Fort Benning por um curto período apenas, pois em novembro, a 4ª Divisão Motorizada participava com o restante do IV Corpo de Exército do Gen Bda Oscar W. Griswold

das Manobras da Carolina (*Carolina Maneuvers*) conduzidas pelo GHQ. Durante dez dias, realizou manobras como parte da maior concentração de tropas motorizadas da história dos EUA.¹¹ Logo após seu retorno a Fort Benning em 3 de dezembro, a Marinha japonesa atacou a Frota do Pacífico.¹² As tropas permaneceram em alerta durante o mês seguinte, aguardando serem enviadas para derrotar uma incursão do Eixo ao longo da costa. Isso obviamente não aconteceu, e o comando transferiu-se de Fort Benning para seu novo alojamento em Camp Gordon, na Geórgia, no fim daquele mês.¹³ Em julho de 1942, seu ex-Chefe do Estado-Maior, o Gen Bda Raymond O. Barton, voltou a comandar a 4ª Divisão Motorizada. A divisão retornou imediatamente ao terreno.

Enquanto os soldados de Barton treinavam, as forças do Gen Dwight D. Eisenhower estavam em sua última fase de destruição dos Exércitos alemão e italiano na Tunísia. Na Conferência de Casablanca, em janeiro de 1943, os líderes políticos e militares concordaram que as tarefas subsequentes dos Aliados seriam liberar a Sicília, invadir a Itália e tirar da guerra a potência nova do Eixo. Como resultado, o Departamento de Guerra procurou levar sua unidade mais bem treinada, ainda nos EUA, para a próxima fase de combate. Quando a “Rolling Fourth”^{NT} retornou a Camp Gordon, Barton recebeu ordens para encaminhar a divisão para Fort Dix, no estado de Nova Jersey. Na segunda semana de abril, a divisão já estava em deslocamento, dessa vez transportando todo o seu



Os comandantes da 4ª Divisão de Infantaria posam para fotografia em Brent Knoll Camp, Inglaterra, em 30 de maio de 1944. Primeira fileira (a partir da esquerda): Gen (BG) Harold W. Blakeley (Artilharia Divisionária da 4ª Divisão), Gen Bda Raymond O. Barton e Cel James Rodwell (Chefe do Estado-Maior). Fileira de trás (a partir da esquerda): Cel James Van Fleet (8º Regimento de Infantaria), Cel Hervey A. Tribolet (22º Regimento de Infantaria), Cel Russell P. Reeder Jr. (12º Regimento de Infantaria) e Gen James E. Wharton (1ª Brigada Especial de Engenharia). (Foto cedida pelo Exército dos EUA)

equipamento por trem.¹⁴ Quando chegaram, as tropas continuaram a treinar com mais disparos de armas, ataques de pequenas unidades a posições fortificadas e operações ar-terra. Os atiradores de morteiros receberam atenção especial no adestramento, pois prestavam ao comandante do batalhão de infantaria o melhor apoio de fogo no combate aproximado.¹⁵

Essa unidade bem treinada não estava sendo desdobrada para a Itália devido à sua organização como divisão motorizada. Em teoria, haveria uma dessas para cada duas divisões blindadas, basicamente reproduzindo a forma como os alemães haviam desenvolvido seus granadeiros Panzer para apoiar suas respectivas divisões. No entanto, devido ao grande volume a ser transportado ao exterior, equivalente a uma divisão blindada padrão, o desdobramento não foi realizado. No final de julho de 1943, o Departamento de Guerra decidiu descartar a estrutura motorizada e redesignar essas unidades como divisões de infantaria. Em 24 de agosto, o GHQ ordenou

NT: Apelido dado pelo Exército à 4ª Divisão Motorizada.



Mapa da área de treinamento de Slapton Sands, em Devon, Inglaterra, por volta de 1944. (Mapa cedido pelo Arquivo Nacional do Reino Unido, ADM 116/5082)

que Barton devolvesse seu equipamento motorizado e se preparasse para se deslocar para o Centro de Treinamento Anfíbio (*Amphibious Training Center*), em Camp Gordon Johnston, na costa da Flórida.¹⁶

Em caráter confidencial, um integrante do Estado-Maior do GHQ informou a Barton que a 4ª Divisão participaria do assalto à França, sob o codinome Overlord. Em setembro, ele viajou para a Inglaterra para um *briefing* geral sobre sua função e para examinar possíveis áreas de adestramento e bivaque. Quando chegou em Gordon Johnston, no início de outubro, ele e seu Estado-Maior prepararam um memorando de treinamento (Número 73), publicado em 14 de outubro, que explicava o plano de adestramento da divisão para os próximos nove

meses. O documento identificava três fases do adestramento: a primeira era uma introdução às operações anfíbias e o aperfeiçoamento das habilidades de pequenas unidades na Flórida, entre 18 de outubro e 31 de dezembro. A Fase 2 começaria depois que a divisão chegasse ao Reino Unido em janeiro e, embora isso não constasse do memorando por motivos de segurança, seu foco se concentraria em operações navio-terra mais sofisticadas. Quando o plano de assalto estivesse definido, o comando de Barton se concentraria em praticar a invasão.¹⁷

O Departamento de Guerra havia criado o Centro de Treinamento Anfíbio em outubro de 1942, próximo à cidade litorânea de Carrabelle, na Flórida, cerca de cem quilômetros a sudoeste de Tallahassee. A área de adestramento era grande o suficiente para acomodar toda uma divisão de infantaria reforçada. Embora o programa de instrução fosse sempre fluido, dependendo da unidade, geralmente consistia em várias fases diferentes:

- ◆ Operações de embarque
- ◆ Atividades enquanto embarcados e em trânsito até o local de desembarque
- ◆ Movimento do navio para a costa
- ◆ Operações iniciais de assalto¹⁸

Além disso, os oficiais do Estado-Maior participavam de um curso independente que enfatizava a função do comando no planejamento de todas as fases do assalto. Por fim, o centro ensinava uma série de matérias especiais, incluindo natação, condicionamento físico, combate com facas e baionetas e disparo com armas automáticas a partir de embarcação de desembarque. Quando a 4ª Divisão de Infantaria chegou em setembro de 1943, o centro já estava em funcionamento há mais de um ano e estava deixando de ser uma iniciativa exclusiva do Exército para se tornar uma operação conjunta do Exército e da Marinha.¹⁹



Nesta fotografia, divulgada em 12 de junho de 1944, tropas do Exército a bordo de uma LCTP se preparam para atravessar o Canal da Mancha rumo à França. Alguns desses homens usam a insígnia da 101ª Divisão Aeroterrestre. (Foto cedida pela Marinha dos EUA por intermédio do Arquivo Nacional)

Na Fase 1, as operações anfíbias foram a tarefa mais importante, seguidas por outras habilidades essenciais, como minagem, saneamento, patrulhamento e operações noturnas. Durante o adestramento do assalto, a divisão usava munição real sempre que possível e enfatizava o uso da baioneta. Além dos exercícios regulares, oficiais e graduados participavam de cursos sobre assuntos táticos e de liderança. O condicionamento físico era essencial, e a divisão realizava corridas de longa distância em terreno irregular pelo menos uma vez por semana. Marchavam com todas as vestimentas e equipamentos de combate por distâncias entre 24 e 40 quilômetros.²⁰

Os detalhes de grande parte do treinamento constavam de um programa de 271 páginas

intitulado “Shore to Shore Amphibious Training” (“Adestramento anfíbio terra-terra”, em tradução livre). O programa cobria quase tudo que uma unidade pudesse vir a experimentar, desde o carregamento das embarcações até o desembarque em terra distante, a comunicação durante a passagem para a costa e a organização da praia após o desembarque. Incluía também uma série de tutoriais para comandantes e estado-maior sobre como redigir uma ordem anfíbia. Esse programa terminava com uma série de exercícios concebidos para colocar em prática tudo o que os soldados e seus comandantes haviam aprendido.²¹

O programa de treinamento era desafiador e rigoroso. Os soldados que serviam na 4ª Brigada Especial de Engenharia sofreram com enjoos pela primeira



A Collipriest House, em Tiverton, na Inglaterra, serviu como Comando da 4ª Divisão de Infantaria, de fevereiro a maio de 1944. (Foto cedida por Geograph)

vez ao passarem horas no mar, balançando em suas embarcações de desembarque. Desembarcavam à noite nas praias das ilhas locais e na costa da Flórida. Caminhavam à noite para desenvolver o condicionamento físico e evitar o calor do dia. Nadavam todas as tardes para aprender a abandonar um navio em naufrágio e alcançar a costa. Pela primeira vez, os grupamentos táticos praticaram como unidades que incluíam infantaria, engenharia, paramédicos e artilharia. Embora não estivesse no plano de treinamento prescrito, a divisão tinha um plano modificado de adestramento de *rangers* para determinados membros de cada regimento. O Cap Oscar Joyner Jr., ex-integrante do Estado-Maior do Centro de Treinamento Anfíbio, então servindo na seção de operações (G3) da divisão, dirigia esse programa. Sua essência estava nas habilidades individuais básicas, como leitura de carta, navegação terrestre, uso de explosivos, detecção de minas e armadilhas e escalada de muralhas de defesa. Como observou o historiador do 22º Regimento de Infantaria: “Provavelmente, nenhuma fase do adestramento do regimento foi mais útil ou mais odiada do que o tempo passado em Camp Gordon Johnston, na Flórida.”²² No fim de novembro, esses jovens já estavam no melhor condicionamento físico de suas vidas, magros pelos exercícios

e bronzeados pelas horas ao sol.

Estavam prontos para a próxima fase do adestramento na Inglaterra.²³

Fase 2: Adestramento anfíbio geral no Reino Unido

A 4ª Divisão de Infantaria iniciou sua viagem para a Europa ao deixar o Camp Gordon Johnston em 1º de dezembro. Os veículos sobre rodas percorreram em comboio cerca de 725 quilômetros da costa até Camp Jackson, no estado da Carolina do Sul. Lá, seus integrantes limpavam ou substituíram as vestimentas e os equipamentos desgastados. A divisão retomou o deslocamento no fim de dezembro, dessa vez para Camp Kilmer, em Nova Jersey, onde se preparou para o desdobramento. Durante

o dia, inspetores do Departamento de Guerra e escritórios de diversas agências submeteram os militares a uma última série de verificações pré-desdobramento. As tropas receberam exames físicos e palestras sobre segurança e removeram todos os distintivos e insígnias de suas unidades. Preencheram os cartões de mudança de endereço e os enviaram para casa com todos os itens que não poderiam levar com eles. O Departamento de Guerra emitiu ordem de desdobramento para a divisão no fim de dezembro, e sua testa de vanguarda, liderada pelo Cel James Rodwell, Chefe do Estado-Maior, partiu do porto de Nova York em 27 de dezembro. Finalmente, o 8º Regimento de Infantaria de Van Fleet foi o primeiro, partindo em 10 de janeiro no RMS *Franconia*, um navio de passageiros da empresa Cunard. Em 19 de janeiro, toda a divisão já estava no mar. Levaram 13 dias para atravessar o gélido Oceano Atlântico. No final de janeiro, toda a divisão havia chegado em Liverpool, e o processo de desembarque começou.²⁴

O movimento da Ivy Division fez parte da Operação Bolero, o desdobramento do Exército dos EUA e das Forças Aéreas do Exército dos EUA para a Inglaterra. O *Bolero Combined Committee* (Comitê Conjunto Bolero, em tradução livre), de

Londres, supervisionava a “recepção, acomodação e manutenção das forças estadunidenses no Reino Unido”.²⁵ Esse grupo atuava de forma coordenada com todos os elementos do governo local e nacional britânico para garantir que o processo fosse o mais tranquilo possível. Supervisionava o terreno e as instalações das tropas estadunidenses e designava as áreas de alojamento. De Liverpool, os soldados da divisão embarcavam em trens e se deslocavam para suas áreas de acampamento na grande península no sudoeste da Inglaterra chamada Devon (ou, às vezes, Devonshire). Um dos motivos pelos quais o comitê escolheu esse local foi a relativa facilidade que oferecia ao adestramento anfíbio no Canal da Mancha e no Canal de Bristol. Estava também localizado próximo aos portos de embarque e das áreas finais de desembarque no oeste da Normandia.²⁶ Assim que chegou, Barton se apresentou ao Gen Div Omar N. Bradley, Comandante do Primeiro Exército dos EUA, para receber um *briefing* sobre o que esperar nos próximos meses.²⁷

O comando ficava em uma linda mansão do início do século XVIII chamada Collipriest House, em Tiverton. O comando da artilharia divisionária ficava no vilarejo vizinho de Cullompton, com os batalhões espalhados perto dos regimentos que apoiavam. O 12º Regimento de Infantaria do Cel Harry Henderson encaminhou-se à área próxima a Exeter. O 8º Regimento de Infantaria de Van Fleet concentrou seu comando em Honiton, e o 22º Regimento de

Logo após instalados, os regimentos começaram o adestramento de pequenas unidades em preparação para os exercícios mais abrangentes. Espaços para adestramento na zona rural britânica eram escassos. Em pouco tempo, o comando do teatro de operações estadunidense providenciou para que a divisão praticasse em uma área chamada *U.S. Army Assault Training Center* (Centro de Treinamento em Assalto do Exército dos EUA, em tradução livre), localizada entre Braunton e Barnstaple. Ali, as tropas da divisão poderiam praticar com armas de infantaria, carros de combate, artilharia e apoio aéreo, todos usando a mesma munição que usariam em combate. Em Braunton, os soldados aprenderam ou relembrouam como organizar equipes de barcos, liderar grupos de assalto e superar barreiras anticarro (“*hedgehogs*”) e outros obstáculos que os combatentes inimigos poderiam usar para bloquear o assalto da divisão.²⁹ Como Barton havia decidido liderar a invasão com o 8º Regimento de Infantaria, ele o enviou imediatamente para Braunton. Seu adestramento especializado incluía técnicas de assalto anfíbio, redução das defesas de praia e assalto a locais fortificados. Como observou o historiador da divisão, “O adestramento em Braunton foi bem organizado, intensivo, interessante e de imenso valor prático para seus participantes.”³⁰ O restante da divisão passou o mês de fevereiro praticando com seu novo equipamento nos escalões companhia e batalhão. Esse adestramento incluía exercícios com tiro real e disparos diretos e indiretos sobre as tropas de assalto.³¹

[O]s soldados aprenderam ou relembrouam como organizar equipes de barcos, liderar grupos de assalto e superar barreiras anticarro (“*hedgehogs*”) e outros obstáculos que os combatentes inimigos poderiam usar para bloquear o assalto da divisão.

Infantaria de Tribolet se deslocou para vários vilarejos em Newton Abbot e arredores. A distância entre o comando da divisão e os diversos comandos podia ultrapassar 72 quilômetros, dificultando a interação de Barton e seu estado-maior com seus comandantes, agora praticamente por conta própria quando não participavam de exercícios de adestramento.²⁸

Em 23 de janeiro, Eisenhower, então o comandante supremo dos Aliados, notificou a Junta de Chefes do Estado-Maior de que havia aprovado uma alteração significativa na concepção da invasão. Como a posição dos Aliados em termos de homens e materiais havia melhorado desde o desenvolvimento do plano de invasão original, eles agora poderiam



Enquanto isso, de fevereiro a 5 de junho, o comandante da divisão participava de uma sequência quase diária de visitas, reuniões e inspeções. O diário de Barton registra cada uma delas, que consumiam mais da metade do tempo que tinha disponível para preparar seu comando. O Secretário de Guerra dos EUA, o Primeiro-Ministro britânico e quase todos os oficiais-generais e coronéis de estado-maior de ambos os Exércitos se dirigiram ao seu comando em Tiverton. Barton se reunia com os membros do comando do Corpo de Exército quase diariamente. Com mais de 30 anos de serviço na infantaria, “Tubby” Barton conhecia e havia servido com muitos dos oficiais estadunidenses. Portanto, nesse ambiente de atividade constante, havia pouco tempo para reflexão e ponderação por parte de um comandante de divisão às vésperas de uma das batalhas mais importantes dos EUA.³⁴

A divisão precisava aperfeiçoar suas habilidades anfíbias gerais como parte

O Gen Bda Raymond O. Barton, comandante geral da 4ª Divisão de Infantaria, transmite instruções por rádio, em 27 de abril de 1944, a bordo do USS *Bayfield*, na costa da Inglaterra, durante o Exercício Tiger. (Foto cedida pelo Exército dos EUA por intermédio do Arquivo Nacional)

assaltar outra praia, Utah, na Península de Cotentin. Bradley designou essa missão à 4ª Divisão de Infantaria como parte do VII Corpo de Exército. A divisão foi encarregada de tomar aquela praia, unir-se a duas divisões de forças aeroterrestres lançadas sobre o interior e dirigir-se ao norte a fim de liderar o esforço de captura do porto de Cherbourg.³² Como os estados-maiores de Eisenhower e Bradley ainda não haviam definido os detalhes da invasão, Barton e a 4ª Divisão de Infantaria continuaram a execução da Fase 2 de seu plano de adestramento para outubro.³³

te da Fase 2 do adestramento. O 8º Regimento de Infantaria havia iniciado esse processo em Braunton no final de fevereiro. Para o 12º Regimento de Infantaria, começou com a Operação Muskrat em 12 de março. Em Plymouth, três navios de assalto os aguardavam: o USS *Dickman*, o USS *Barnett* e o USS *Bayfield*, que serviria como posto de comando do corpo de exército e da divisão durante a invasão. Eles se dirigiram ao norte até o Mar de Clyde, a sudoeste de Glasgow, na Escócia. Lá, eles ancoraram e, durante a primeira semana, os batalhões praticaram vários



Tropas estadunidenses desembarcam em uma praia na Inglaterra, em 25 de abril de 1944, durante o Exercício Tiger, o ensaio final antes da invasão da França ocupada pelos nazistas. (Foto cedida pelo U.S. Signal Corps por intermédio da Biblioteca do Congresso)

exercícios, como alcançar as estações de embarcações em condições de escuridão total, desembarcar pelas laterais dos navios e usar equipamento completo em escadas, redes e cordas. Durante toda a semana, os soldados enfrentaram chuva fria e os enjoos previsíveis causados pela agitação das águas costeiras no fim do inverno. Para o exercício da semana seguinte, um destacamento da 1ª Brigada Especial de Engenharia embarcou nos três navios. Agora, os soldados colocaram seu treinamento em prática ao se organizarem em equipes de barcos, descendo rapidamente pelas laterais dos navios-transporte e entrando nas embarcações Higgins designadas. Eles se organizaram em levadas de assalto e se aproximaram da costa hostil. Em seguida, pularam na água gelada, muitas vezes até a

altura das axilas, e caminharam até a margem. Foi uma experiência angustiante pelo perigo constante de lesões ou afogamento, e todos estavam constantemente molhados e com frio.³⁵

Barton assistiu ao exercício final de um ponto acima da praia até 30 minutos após o desembarque das tropas. Em seguida, desceu à praia. Ele não ficou satisfeito com o que encontrou. Os soldados pareciam apáticos e desmotivados. Na maioria dos casos, agiam sem empenho, sem usar o terreno para cobertura e para se abrigarem do fogo inimigo direto. Mais importante ainda, os comandantes não estavam assumindo o comando e fazendo correções alinhadas com a sua perspectiva. Ele encontrou Henderson e o levou para percorrer a praia, apontando o que via.

O comandante do regimento estava na divisão há pouco tempo, e Barton não se impressionou com o que descobriu.³⁶

O 22º e 8º Regimentos de Infantaria realizaram exercícios semelhantes. Tribolet apelidou de Mink a sua série de adestramentos, que ocorreu em Slapton Sands. Diferentemente do 12º Regimento de Infantaria, ele precisava apenas qualificar dois batalhões, já que o 3º Batalhão treinaria com o regimento de Van Fleet. Ele praticou os mesmos adestramentos do Exercício Muskrat. Enquanto isso, o 8º Regimento, incluindo o 3º Batalhão do 22º Regimento de Infantaria, deslocou-se para Dartmouth e continuou seu adestramento de assalto em outro exercício chamado Otter, no mesmo período. Como Van Fleet seria o primeiro a chegar em terra, ele exigiu que seu treino fosse mais aprofundado, com um sentido de urgência maior.³⁷

Fase 3: Preparando para Netuno

Em meados de março, os comandantes e estados-maiores do Primeiro Exército e do VII Corpo de Exército haviam tomado a maioria das decisões centrais de planejamento. Embora o VII Corpo de exército só viesse a publicar a Ordem de Campanha nº 1, Neptune (*Field Order #1, Neptune*), em 28 de maio, Barton sabia que o Gen Bda J. Lawton Collins, Comandante do Corpo de Exército, havia designado à 4ª Divisão de Infantaria a tarefa de desembarcar na Península de Cotentin, agrupar-se com as 82ª e 101ª Divisões Aeroterrestres e dirigir-se ao norte em direção a Cherbourg. Estava na hora de passar para a Fase 3 de seu plano de adestramento, preparando-se para a invasão.³⁸

O Exercício Beaver foi o primeiro ensaio significativo da invasão. Realizado de 27 a 30 de março, seria um ensaio completo do assalto previsto, com o 8º e 22º Regimentos de Infantaria à frente. Agora, os regimentos eram organizações de armas combinadas intituladas grupos de combate regimentais. Além da infantaria, a divisão designou a eles pelotões de carros de combate, engenheiros, paramédicos, tropas de comunicação e um batalhão de artilharia de apoio direto. Em muitos casos, esses reforços permaneceriam durante toda a guerra. Para esse exercício e para a invasão, a 1ª Brigada Especial de Engenharia e o 1106º Grupo de Engenharia se juntaram à 4ª

Divisão. Como essa era uma atividade dirigida pelo VII Corpo de Exército, Collins e seu comando também controlavam o 502º Regimento de Infantaria Paraquedista da 101ª Divisão Aeroterrestre e recebiam apoio da Nona Força Aérea.³⁹

O exercício foi realizado no Centro de Treinamento em Assalto, em Slapton Sands, na costa sul de Devon e a oeste de Dartmouth. Era uma praia de onze quilômetros de extensão, com um terreno semelhante ao que os estadunidenses encontrariam em junho. É digno de nota o Slapton Ley, um pântano salgado logo atrás da praia, o que reproduzia quase exatamente a situação na praia de Utah.⁴⁰

Usando a minuta da ordem de campanha da 4ª Divisão de Infantaria como guia, o 8º Grupo de Combate Regimental tomou a frente, seguido pelo 22º e 12º Grupos de Combate Regimentais. Foi o primeiro ensaio significativo do plano de assalto da divisão. De forma geral, o desembarque e o assalto na praia ocorreram conforme o programado. As unidades de assalto asseguraram uma cabeça de ponte e se deslocaram para o interior. Mas Barton não estava satisfeito com o desempenho de algumas de suas companhias e batalhões.⁴¹

O exercício continuou no dia seguinte. Era hora de as unidades de logística começarem a apoiar os grupos táticos na costa. O Serviço de Suprimentos do Teatro de Operações Europeu (*European Theater Service of Supply*) desembarcou cerca de 1.800 toneladas de alimentos, combustível e munição, permitindo que todos praticassem operações de reabastecimento. Naquela noite, as unidades de combate começaram a retornar aos seus acampamentos em Devon. Ao mesmo tempo, o comandante da divisão e seu grupo de operações foram a Plymouth e se reuniram com o Comandante da Força-Tarefa Naval, Alte Don P. Moon, Collins e o Estado-Maior do VII Corpo de Exército. Como um exercício dessa escala, ele expôs muitas falhas no adestramento da unidade e na cooperação entre o Exército e a Marinha. Muitos participantes se lembravam desse acontecimento como muito confuso. Com base em seu desempenho no último mês, Barton substituiu um de seus comandantes de regimento, o Cel. Harry Henderson, do 12º Regimento de Infantaria. Bradley enviou-lhe o Cel. Russell P. "Red" Reeder Jr., um dos jovens pupilos de Marshall que havia acabado de chegar ao teatro de operações para substituí-lo.⁴²

As primeiras discussões sobre o Exercício Tiger tiveram início quase no mesmo momento em que Eisenhower e o general britânico Bernard L. Montgomery, comandante da força terrestre, chegaram à Inglaterra em fevereiro, e eles concordaram em incluir outra praia na invasão. Bradley, portanto, ordenou que Collins começasse a planejar o exercício em 1º de abril, com a data de execução na última semana do mês. Como se tratava de um ensaio geral, a organização das tarefas era a mesma que o Corpo de Exército usaria na praia de Utah, em junho. A 4ª Divisão de Infantaria desembarcaria por mar, conforme programado, com o apoio da 1ª Brigada Especial de Engenharia para limpar as praias de minas e obstáculos. Não era prático usar grandes quantidades de aeronaves para transportar as tropas das 82ª e 101ª Divisões Aeroterrestres. Essas tropas chegaram de caminhão para simular o agrupamento com as forças que desembarcariam por mar no Dia D (dia da execução) + 1. Nesse mesmo dia, o comboio logístico de unidades de apoio médico, de intendência e outras também ensaiaria seu desembarque e o estabelecimento do elemento de apoio na praia da invasão.⁴³

Guiando-se pela minuta da Ordem de Campanha nº 1, Neptune, do VII Corpo de Exército, Barton e seu Estado-Maior prepararam a Ordem de Campanha nº 1, Exercício Tiger, em 18 de abril.⁴⁴ A divisão empregaria seus três regimentos, agora configurados como grupamentos táticos com todos os engenheiros e carros de combate de apoio, exatamente como planejado para a invasão. O Grupamento Tático 8 de Van Fleet, reforçado pelo 3º Batalhão, 22º Regimento de Infantaria, tomou a frente e se deslocou para Lower Ley para assegurar a via trafegável. O Grupamento Tático 22 de Tribolet, exceto o batalhão sob o controle de Van Fleet, seria a próxima leva. Sua missão era desembarcar na praia, assegurar uma via trafegável e assumir o comando de seu 3º Batalhão. Em seguida, deveria continuar o ataque ao longo de sua rota de avanço designada. O Grupamento Tático 12 de Reeder desembarcou em seguida com a tarefa de assegurar um local para travessia de rio. A 1ª Brigada Especial de Engenharia foi integrada à divisão, apoiando o desembarque e melhorando as condições da praia para as forças e suprimentos de acompanhamento. Por fim, após as tropas de assalto, viriam as unidades de suprimento

de divisão, corpo de exército e Exército, praticando a movimentação navio-terra de munição e alimentos necessários. Esse treinamento foi o mais próximo da invasão que o Estado-Maior do VII Corpo de Exército conseguiu planejar e executar.⁴⁵

Mais de 30 mil soldados se encaminharam aos portos de embarque em 22 de abril, chegando alguns dias depois nas zonas de concentração, na costa sul de Devon. Quinta-feira, 27 de abril, foi um dia bom para um adestramento de invasão, e o bombardeio com tiro real estava pronto para começar. No entanto, por vários motivos, Moon adiou o assalto das 07h30 para as 08h30, o que nunca deve ser feito no último minuto. A fricção, descrita por Carl von Clausewitz, assumiu o controle.⁴⁶ Nem todos os navios foram notificados. As Companhias E e F, do 8º Regimento de Infantaria, receberam a mudança de ordens e recuaram. No entanto, a Companhia G, a unidade de reserva, nunca recebeu a mensagem e permaneceu em terra conforme planejado. Ficou sozinha em terra quando a Marinha começou seu bombardeio reprogramado. Felizmente, os armamentos pesados não atingiram ninguém, mas algumas explosões chegaram perto demais de alguns soldados na praia.⁴⁷

A divisão tinha outros problemas: Barton e os comandantes mais antigos perceberam a falta de energia em todo o comando. Os soldados não conseguiram empregar os aspectos fundamentais de cobertura e abrigo como se fosse uma invasão. Parte do problema foi a ausência dos comandantes de regimento nos desembarques iniciais. Van Fleet e Tribolet ficaram presos em um “barco isolado”. Em teoria, eles tinham a opção de desembarcar em qualquer lugar, posicionando assim os comandantes de regimento onde fosse necessário. No entanto, o capitão britânico teve outras ideias e só alcançou a praia muito mais tarde. Ao desembarcar, Barton ouviu uma narrativa repleta de termos de baixo calão de Van Fleet, que não havia tido oportunidade de corrigir os problemas de sua equipe. Pouco tempo depois, por volta de 10h45, na praia, Barton encontrou Montgomery, o Alte Bertram H. Ramsay (comandando a Força Naval dos Aliados) e o Gen Div Courtney Hodges, Subcomandante de Bradley. Sem conhecer o histórico do problema do desembarque, Montgomery confrontou o comandante da divisão.

“Onde se meteram os comandantes de regimento, General? Eles devem estar com as tropas durante o desembarque.” Bastante ofendido, Barton respondeu: “Escute, General, é melhor dizer isso ao seu capitão britânico, pois os meus comandantes estariam aqui se não fosse pela ineficiência dele”. Montgomery recuou e discutiu a questão com Ramsay.⁴⁸

Embora essa tenha sido a oportunidade de treinamento mais importante para a 4ª Divisão de Infantaria, o Exercício Tiger também entrou para a história como um dos fracassos mais significativos das Marinhas britânica e estadunidense no Teatro de Operações Europeu. No início da noite de 27 de abril, um comboio de oito navios de desembarque de carros de combate (*Landing Ship, Tank, LSTs*) partiu de Plymouth rumo a uma zona de concentração em Lyme Bay, a leste da área de desembarque do exercício. Essas grandes embarcações, cada uma com 120 metros de comprimento e capacidade para transportar 20 carros de combate e mais de 200 soldados, eram a espinha dorsal da força de invasão dos Aliados. A bordo desse comboio estava a força de acompanhamento do desembarque, incluindo tropas e equipamentos que forneciam apoio de engenharia, logístico, médico e de comunicações. Muitos deles eram da 1ª Brigada de Engenharia. Pouco depois da meia-noite de 28 de abril, nove torpedeiros alemães deixaram o porto de Cherbourg para investigar as atividades relatadas perto de Plymouth. Ao fazer contato com as embarcações dos Aliados por volta das 02h00, eles encontraram as LSTs e iniciaram o ataque. Quando terminou e os navios de patrulha britânicos chegaram para expulsá-los, as embarcações alemãs haviam afundado duas LSTs (507 e 531), danificado outras duas e neutralizado aproximadamente 800 soldados e marinheiros dos Aliados. Temendo que a notícia de seu sucesso pudessem alertar os alemães sobre a invasão iminente, o comando dos Aliados impôs uma quarentena de segurança ao redor da área. Eles instruíram os paramédicos e outras

pessoas cientes do desastre para que não dissessem nada. Oficiais mais antigos de ambas as nações e Forças responsabilizaram uns aos outros pela tragédia. Como a maioria das ações militares, os detalhes do incidente mantiveram o status de classificado até o fim da guerra.⁴⁹ No entanto, como em muitos casos semelhantes, a maioria considerou o ocorrido como o preço a pagar pela preparação para a invasão e seguiu em frente. Moon gentilmente enviou uma mensagem a Collins para “expressar meus mais profundos sentimentos pelas perdas sofridas (pela 1ª Brigada Especial de Engenharia) em nosso primeiro contato conjunto com o inimigo.”⁵⁰

Conclusão

O assalto do Exército dos EUA à costa da Normandia não aconteceu por acaso. Foram necessários muitos meses de adestramento e prática para garantir que todos os aspectos complexos da invasão fossem combinados para resultar no sucesso tático. A 1ª e a 29ª Divisões de Infantaria tinham programas de treinamento semelhantes aos da 4ª Divisão de Infantaria em preparação para seu assalto na praia de Omaha. O mesmo ocorreu com as 82ª e 101ª Divisões Aeroterrestres, que praticaram seus saltos noturnos antes do assalto naval. Os soldados britânicos e canadenses, que desembarcariam nas praias Gold, Juno e Sword, também participaram de programas abrangentes de adestramento anfíbio. Como o historiador Peter Caddick-Adams ressaltou na introdução de *Sand & Steel*, “Em comparação com os alemães, a maioria dos militares que assaltaram o norte da França havia passado por um grau incrível de treinamento penoso e realista que os colocou no auge da forma física, aclimatou-os para o combate e os preparou, mental e fisicamente, bem o suficiente para vencer.”⁵¹ Para a Divisão Ivy de Raymond O. Barton, esse treinamento penoso e realista começou na costa quente do Golfo do México e terminou na costa gelada de Slapton Sands oito meses mais tarde. ■

Referências

1. George L. Mabry, “The Operations of the 2nd Battalion 8th Infantry (4th Inf. Div.) in the Landing at Utah Beach, 5-7

June 1944 (Normandy Campaign) (Personal Experience of a Battalion S-3)” (artigo de aluno, Infantry Officer Advanced

- Course, Donovan Research Library, Fort Moore, GA, 1947); Raymond O. Barton, "War Diary: March 1944 to January 1945", documentos pessoais de Barton, coleção particular da família Barton (Barton Papers); Roland G. Ruppenthal, *Utah Beach to Cherbourg* (1948; repr., Washington, DC: U.S. Army Center of Military History [CMH], 1984), p. 43-47.
2. Daniel J. Hughes, ed., *Moltke on the Art of War: Selected Writings* (Novato, CA: Presidio, 1993), p. 45.
 3. Joseph Balkoski, *Utah Beach: The Amphibious Landing and Airborne Operations on D-Day* (Mechanicsburg, PA: Stackpole Books, 2005), pg. 330.
 4. G-3, 4ª Divisão de Infantaria, "Training Memorandum 73: Training Directive, 18 October 1943-16 March 1944", 14 de outubro de 1943, entry 37042, box 3320, 4th Infantry Division Memos, Training, Record Group (RG) 338 (Army Organizations), National Archives at College Park, College Park, MD (NACP).
 5. Raymond O. Barton, "Letter to Clare Conway Barton, May 10, 1940", Barton Papers; Peter J. Schifferle, *America's School for War: Fort Leavenworth, Officer Education, and Victory in World War II* (Lawrence: University Press of Kansas, 2010), p. 14-15.
 6. Kent Roberts Greenfield, Robert R. Palmer e Bell I. Wiley, *The Army Ground Forces: The Organization of Ground Combat Troops* (1947; repr., Washington, DC: U.S. Army CMH, 1987), p. 9-10.
 7. John B. Wilson, *Armies, Corps, Divisions and Separate Brigade* (Washington, DC: U.S. Army CMH, 1987), p. 187; Raymond O. Barton, *The 4th Motorized Division, Camp Gordon, GA* (Augusta, GA: Walton Printing, 1942), p. 12. Fort Benning foi renomeado como Fort Moore em 2023.
 8. John B. Wilson, *Armies, Corps, Divisions and Separate Brigade* (U.S. Army CMH, 1987), p. 187; Raymond O. Barton, *The 4th Motorized Division, Camp Gordon, GA* (Augusta, GA: Walton Printing, 1942), p. 12. O Exército renomeou esse posto como Fort Moore em 2023.
 9. 4th Infantry Division Headquarters, "Narrative History, 4th Infantry Division, June 1940-March 1946", p. 2, entry 427, box 5663, RG 407 (World War II Operational Reports), NACP; Leonard L. Lerwill, *The Personnel Replacement System in the United States Army*, Department of the Army Pamphlet No. 20-211 (Washington, DC: Department of the Army, 1954), p. 247-49. Observação: A maioria dos registros do VII Corpo de Exército e da 4ª Divisão de Infantaria está disponível também na Coleção de Microfilmes do Departamento de Guerra na Combined Arms Research Library, Fort Leavenworth, Kansas.
 10. Christopher R. Gabel, *The U.S. Army GHQ Maneuvers of 1941* (Washington, DC: U.S. Army CMH, 1991), p. 27-29.
 11. Kent Roberts Greenfield e Robert R. Palmer, *Origins of the Army Ground Forces General Headquarters, United States Army, 1940-1942, Study No. 1* (Washington, DC: Headquarters, Army Ground Forces, 1946), p. 24, <https://cgsc.contentdm.oclc.org/digital/collection/p4013coll8/id/4437/rec/1>; Gabel, *The U.S. Army GHQ Maneuvers*, p. 133-35, 155-57.
 12. Gerden F. Johnson, *History of the Twelfth Infantry Regiment in World War II* (Boston: National Fourth [Ivy] Division Association, 1947), p. 35.
 13. *Ibid.*, p. 36. O Fort Gordon foi renomeado como Fort Eisenhower em 2023.
 14. Information Office, *U.S. Army Training Center, History of Fort Dix, New Jersey, 1917-1967* (Fort Dix, NJ: U.S. Army Training Center, 1967), chap. 9.
 15. Johnson, *History of the Twelfth Infantry Regiment*, p. 39.
 16. General Staff War Department, "Memorandum for Commanding General, Army Ground Forces: Amphibious Training, 18 August, 1943", RG 337 (Records of Headquarters Army Ground Forces), NACP; Greenfield, Palmer, and Wiley, *Organization of Ground Combat Troops*, p. 338-39; Wilson, *Armies, Corps, Divisions and Separate Brigades*, p. 197.
 17. "Army Retirement Board Proceedings: Raymond O. Barton, September 29, 1945", RG 319 (Records of the Army Staff), National Archives at Saint Louis. Barton revela ter ido à Inglaterra em setembro de 1943. Training Memorandum 73, RG 338, NACP.
 18. Marshall O. Becker, *The Amphibious Training Center: Study No. 22* (Washington, DC: Historical Section, Army Ground Forces, 1946), p. 4, 57-70; Peter T. Wolfe, *Training Memorandum Number 2*, RG 337, NACP.
 19. *Ibid.*
 20. Training Memorandum 73, RG 338, NACP.
 21. "Syllabus", Headquarters, Amphibious Training School, 1 October 1943, RG 337, NACP.
 22. Johnson, *History of the Twelfth Infantry Regiment*, p. 40.
 23. Bill Boice, *History of the Twenty-Second United States Infantry Regiment in World War II* (autopublicação, 1959), p. 2; Andrew Haggerty, "Three Generals, Staff Officers, Swim Their Fifty Yards", *The Ivy Leaf: Weekly Newspaper of the 4th Infantry Division*, 11 November 1943.
 24. Boice, *History of the Twenty-Second United States Infantry Regiment*, p. 2-3; Paul F. Braim, *The Will to Win: The Life of General James A. Van Fleet* (Annapolis, MD: Naval Institute Press, 2008), p. 66-67; Johnson, *History of the Twelfth Infantry Regiment*, p. 41-44.
 25. Findlater Stewart, "Subject: American Forces in the United Kingdom: Reception and Liaison Arrangements Bolero Combined Committee", carta para John Maude, Ministro da Saúde, MH79/571, The National Archives of the UK.
 26. Roland G. Ruppenthal, *Logistical Support of the Armies, Volume I: May 1941-September 1944* (1953; repr., Washington, DC: U.S. Army CMH, 1995), p. 54, 61-65.
 27. Headquarters, 4th Infantry Division, "Narrative History, 4th Infantry Division, June 1940-March 1946", 7, RG 407, NACP.
 28. *Ibid.*; Boice, *History of the Twenty-Second United States Infantry Regiment*, p. 4; Johnson, *History of the Twelfth Infantry Regiment*, p. 45; H. W. Blakeley, *4th Infantry Division (Yearbook), 1941-48* (Baton Rouge, LA: Army and Navy Publishing, 1946), p. 78.
 29. Johnson, *History of the Twelfth Infantry Regiment*, p. 46; "Welcome to Braunton", Braunton Countryside Centre, acesso em 15 mar. 2024, <https://www.brauntoncountrysidecentre.org/explore-braunton/>.
 30. Narrative History, RG 407, NACP.
 31. *Ibid.*
 32. Stephen C. Kopher, *COSSAC: Lt. Gen. Sir Frederick Morgan and the Genesis of Operation Overlord* (Annapolis, MD: Naval Institute Press, 2020), p. 214; Alfred D. Chandler Jr. and Stephen E. Ambrose, eds., "Cable, Eisenhower to Combined Chiefs of Staff, January 23, 1944", *The Papers of Dwight David Eisenhower: The War Years*, vol. III (Baltimore: Johns Hopkins

University Press, 1970), p. 673-74.

33. Training Memorandum 73, RG 338, NACP.
34. Barton, "War Diary", Barton Papers.
35. Johnson, *History of the Twelfth Infantry Regiment*, p. 47-49; Clifford L. Jones, "Part VI, Neptune: Training, Mounting, The Artificial Ports", em *The Administrative and Logistical History of the ETO* (Washington, DC: U.S. Army CMH, 1946), p. 240, <https://www.ibiblio.org/hyperwar/ETO/Admin/ETO-AdmLog-6/index.html>.
36. Barton, "War Diary", Barton Papers.
37. Boice, *History of the Twenty-Second United States Infantry Regiment*, p. 4-5; Jones, *Administrative and Logistical History*, p. 240.
38. VII Corps G-3, "Field Order #1 (Neptune)", 28 May 1944, RG 407, NACP.
39. Jones, *Administrative and Logistical History*, p. 241.
40. Ibid., 240; Peter Caddick-Adams, *Sand & Steel: The D-Day Invasion and the Liberation of France* (Oxford: Oxford University Press, 2019), p. 198-99.
41. Jones, *Administrative and Logistical History*, p. 242; 4th Infantry Division G3, "Field Order #1, May 12, 1944, Neptune", 1944, entry 427, box 5763, RG 407, NACP; 4th Infantry Division Headquarters, "History of the 4th Infantry Division (SHAFE Background)", p. 8, RG 407, NACP; Barton, "War Diary", Barton Papers.
42. Barton, "War Diary", Barton Papers; "COL (R) Russell P. Reeder, Jr. '26", West Point Association of Graduates, acesso em 6 mar. 2024, <https://www.westpointaog.org/DGARussell-ReederJr1926>; Christopher D. Yung, *Gators of Neptune: Naval Amphibious Planning for the Normandy Invasion* (Annapolis, MD: Naval Institute Press, 2006), p. 159-60.
43. Jones, *Administrative and Logistical History*, p. 253; VII Corps G-3, "Field Order #1(Neptune)", 28 May 1944, RG 407, NACP.
44. 4th Infantry Division G3, "Field Order #1, Exercise TIGER", 18 April 1944, RG 407, NACP; Jones, *Administrative and Logistical History*, p. 255-56.
45. Ibid.
46. Carl von Clausewitz, *On War*, ed. e trad. Michael Howard e Peter Paret, indexed ed. (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984), p. 119-21.
47. Jones, *Administrative and Logistical History*, p. 254-55; Yung, *Gators of Neptune*, p. 161; Stephen P. Cano, ed., *The Last Witness: The Memoirs of George L. Mabry, Jr. from D-Day to the Battle of the Bulge* (Fresno, CA: Linden Publishing, 2021).
48. Raymond O. Barton, entrevista por Cornelius Ryan, box 013, folder 07, Cornelius Ryan Collection of World War II Papers, Ohio University Libraries Digital Archival Collections, <https://media.library.ohio.edu/digital/collection/p15808coll15/id/17349/rec/1>.
49. Jones, *Administrative and Logistical History*, p. 257-263; Charles B. MacDonald, *Slapton Sands: The Cover-up That Never Was*, Army 38, no. 6 (1988): p. 64-67; Caddick-Adams, *Sand & Steel*, p. 238-39; Yung, *Gators of Neptune*, p. 165-67.
50. "Letter Moon to Collins", 29 April 1944, J. Lawton Collins Papers, 1914-1975, Dwight David Eisenhower Presidential Library, Abilene, Kansas.
51. Caddick-Adams, *Sand & Steel*, p. xxxviii.



Staff Ride virtual da Normandia



Os produtos de visitas de estudo (*staff rides*) virtuais da Normandia estão disponíveis para download no site da Army University Press. Esse estudo se concentra no lado estadunidense da invasão, incluindo o assalto aeroterrestre, as praias de Omaha e Utah, Pointe du Hoc e um estudo sobre sustentação e os portos artificiais. Os materiais incluem notas do instrutor, textos para leitura prévia pelos participantes e o terreno virtual. Esses produtos permitirão que as organizações com acesso ao Virtual Battlespace 3 realizem sua própria visita de estudo virtual com a equipe ou conduzam suas próprias sessões de desenvolvimento profissional sem o terreno.



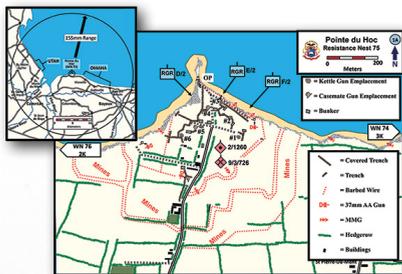
Praia de Omaha



Defesas alemãs



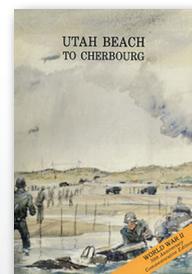
Mansão Brecourt



Material do instrutor



Staff Ride virtual



Material para leitura prévia



Para saber mais sobre *staff rides* virtuais, acesse

<https://www.armyupress.army.mil/Educational-Services/Staff-Ride-Team-Offerings/>





Militares do 11º Batalhão de Montanha dos Emirados Árabes Unidos e assessores da 3ª Brigada de Assistência às Forças de Segurança dos EUA preparam-se para realizar um movimento tático noturno, em 26 de fevereiro de 2023, durante o rodízio 23-04 do Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto em Fort Johnson, Louisiana. (Foto: Maj Jason Welch, Exército dos EUA)

Lewis e Stokes

O que Lawrence da Arábia e seus sargentos nos ensinam sobre o assessor de combate moderno

Ten Cel Garrett M. Searle, Exército dos EUA

Para garantir a tomada do trem eram necessárias armas e metralhadoras. Então, o Egito escolheu dois instrutores-sargentos enérgicos da Escola do Exército em Zeitum [...] Seus nomes talvez fossem Yells e Brooke, mas se tornaram Lewis e Stokes em razão de suas ferramentas adoradas.

—T. E. Lawrence

O relato autobiográfico de T. E. Lawrence, *Os sete pilares da sabedoria*, é um dos melhores escritos de tempos de guerra, não apenas pela qualidade atemporal de sua narrativa, mas também pela genialidade única do autor como assessor militar e especialista tático. Winston Churchill, que conhecia Lawrence pessoalmente e admirava muito tanto o homem quanto a sua escrita, escreveu que *Os sete pilares* revelava “tudo o que é mais vital na guerra.”¹ Embora Lawrence seja, sem dúvida, o protagonista de sua própria história, a narrativa também incorpora as experiências de centenas de outros homens envolvidos na Primeira Guerra Mundial e seu teatro de operações do Oriente Médio. Esses personagens menores constituem um componente essencial da vitalidade do livro. Durante a minha leitura, fui atraído para a história — que achei especialmente cativante — de dois homens, provavelmente porque aparentavam ser o que há de mais parecido com dois indivíduos comuns que despencam na órbita insólita de Lawrence. Lawrence apresenta os sargentos Lewis e Stokes na citação acima enquanto se prepara para uma incursão na Ferrovia de Hejaz.²

O nome de guerra dado a cada um por Lawrence refletia sua respectiva expertise com a metralhadora

O Ten Cel Garrett Searle, do Exército dos EUA, é oficial de assuntos civis, servindo, atualmente, no Estado-Maior do U.S. Army Security Force Assistance Command. Anteriormente, serviu em funções de comando e estado-maior na 95ª Brigada de Assuntos Civis e na 2ª Brigada de Assistência às Forças de Segurança. Tem mestrado pela Naval Postgraduate School.

Lewis, uma metralhadora leve revolucionária de calibre .30, e o morteiro Stokes, o primeiro sistema moderno de morteiro de 81 mm. Ambos os tipos de armas são hoje onipresentes no campo de batalha moderno, mas em 1917, representavam uma mudança revolucionária nas ferramentas disponíveis para a infantaria no apoio a fogo e manobra.³ Lawrence claramente

reconhecia a utilidade deles em sua campanha. Levou esses especialistas para trabalhar ao seu lado em sua missão de assessoria pois sabia que seus conhecimentos e habilidades seriam vitais ao sucesso de seus parceiros e seu papel de apoio na campanha maior.⁴

Mais de cem anos após sua aventura no deserto, Lawrence e seus dois sargentos ainda têm muito a nos dizer sobre o papel de um assessor nas operações de combate em larga escala e o possível efeito específico da combinação acertada de personalidade, conhecimentos, força de vontade e apoio externo. A capacidade deles de adotar novas tecnologias para apoiar seu parceiro e vincular suas ações no tempo e no espaço com o esforço de guerra mais abrangente aumentou exponencialmente o impacto da Revolta Árabe no teatro de operações. Atualmente, o moderno corpo de assessores do Exército dos EUA, encontrado principalmente no Comando de Assistência às Forças de Segurança (*Security Force Assistance Command*) e no 1º Comando das Forças Especiais (*1st Special Forces Command*), está trabalhando para modernizar suas formações e melhorar sua compreensão de seu papel no apoio a esse tipo de guerra em larga escala.

Mediante uma análise das experiências e impactos de Lawrence e seus dois companheiros, Lewis e Stokes, este artigo explora a função crucial dos assessores militares nas operações de combate em larga escala. Ao traçar paralelos entre *insights* históricos e os desafios enfrentados pelas unidades modernas de assessores do Exército dos EUA, o estudo identifica componentes essenciais para a assessoria bem-sucedida, recomenda melhorias estruturais para aprimorar o desempenho na guerra contemporânea e destaca os benefícios singulares do trabalho como assessor de combate, tanto para o militar quanto para o Exército.

Contexto estratégico

Eu queria contato com os britânicos; atuar como a ala da direita dos Aliados na conquista da Palestina e da Síria [...] Na minha opinião, se a revolta não chegasse ao campo de batalha principal contra a Turquia, teria de admitir o fracasso, e permanecer como segundo plano do segundo plano.

—T. E. Lawrence⁵

O teatro de operações do Oriente Médio da Primeira Guerra Mundial foi um esforço de economia de meios tanto para a Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e



T. E. Lawrence (ao centro) segura um projétil de morteiro durante uma aula sobre o morteiro Stokes por volta de 1917, em Aqaba, Jordânia. É possível que seja o Sd Walter Herbert Brook (Sgt Stokes) carregando o morteiro à esquerda. (Foto cedida pelo Museu Imperial da Guerra)

Rússia) quanto para as Potências Centrais (Alemanha e Áustria-Hungria). Depois que o Império Otomano (Turquia) juntou-se à guerra ao lado das Potências Centrais, sua participação ameaçou imediatamente o Canal de Suez, que servia como uma ligação vital entre o Reino Unido e seu império distante ao sul e ao leste.

Após derrotar dois ataques otomanos na zona do canal em 1915 e 1916, a estratégia britânica adotou uma mentalidade ofensiva no teatro de operações, motivada em grande parte por aspirações pós-guerra para o Oriente Médio, impulsionadas por uma combinação, ao fim desastrosa, de imperialismo, sionismo, e ganância.⁶ O apoio a uma revolta incipiente entre as tribos árabes na região ocidental da Península Arábica, conhecida como Hejaz, foi visto como uma maneira de expulsar os turcos, e os britânicos e franceses começaram a investir recursos.

Por uma combinação do destino e suas próprias manobras obstinadas, Lawrence, então um capitão de 28 anos sem um dia sequer de treinamento militar real, tornou-se o principal oficial de ligação e assessor da Revolta Árabe. Antes da incursão descrita neste artigo, Lawrence conquistou o respeito de todos ao conceber e liderar um

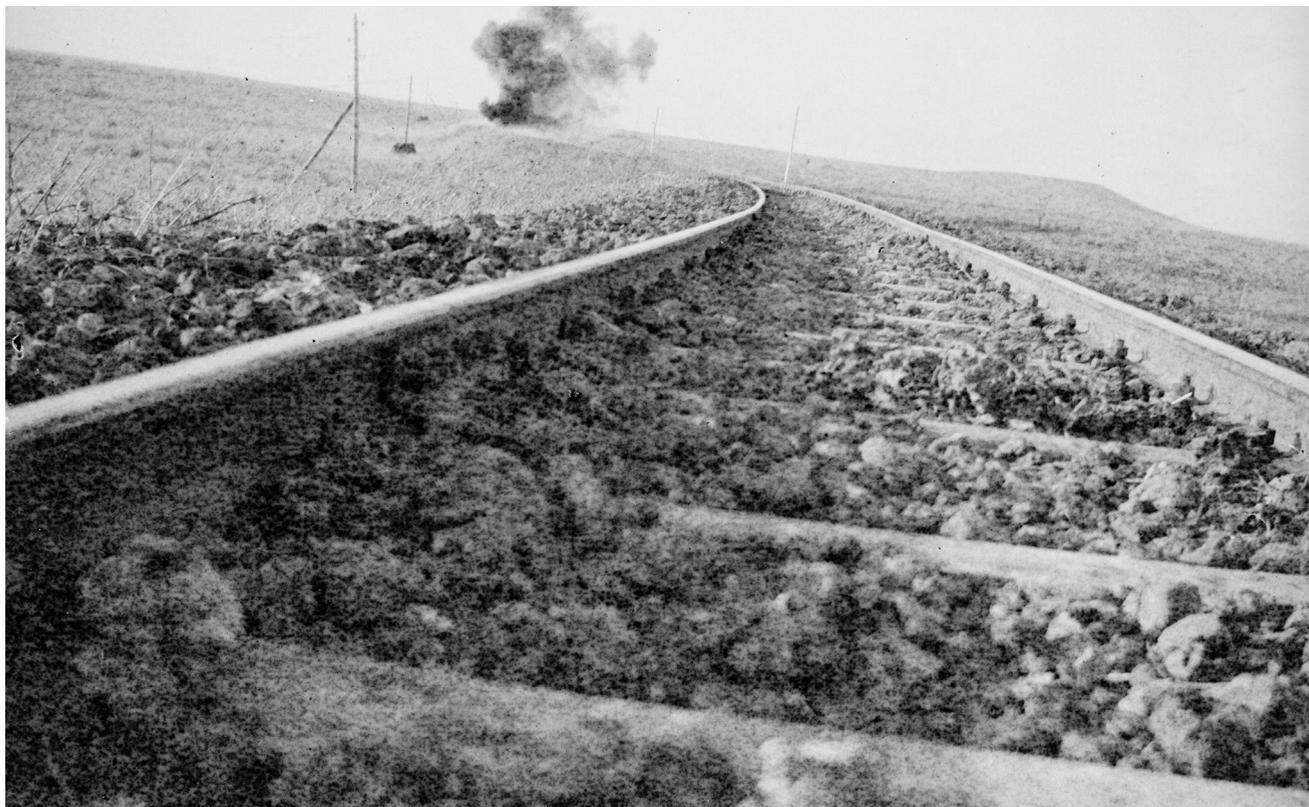
ataque surpresa terrestre ousado por parte de membros de tribos árabes para tomar o porto de Aqaba, importante do ponto de vista estratégico.⁷ A partir desse ponto, as forças árabes representaram o flanco direito do avanço liderado pelos britânicos na Palestina. É nesse cenário que encontramos Lawrence, Lewis e Stokes treinando forças irregulares árabes em sua base em Aqaba e se preparando para uma incursão em postos avançados e infraestrutura ferroviária turca no leste da Síria.⁸

Quem eram Lewis e Stokes

Lewis, o australiano, em um momento de grande ambição, disse que ele e Stokes gostariam de fazer parte do meu grupo. Uma ideia nova e interessante. Com eles, deveríamos nos sentir seguros quanto aos nossos destacamentos técnicos, enquanto atacamos um lugar guarnecido de tropas.

—T. E. Lawrence⁹

É impossível dizer o que levou os sargentos Stokes e Lewis a se oferecerem para a missão, perigosa e incerta, de acompanhar Lawrence no deserto. No entanto, a trajetória deles certamente não difere muito da de



Bomba explode na linha ferroviária de Hejaz por volta de 1917, perto de Daraa, na Síria, durante uma das inúmeras incursões de sabotagem realizadas por T. E. Lawrence. (Foto de T. E. Lawrence, cedida pelo Museu Imperial da Guerra)

muitos jovens que buscaram a oportunidade de aventuras, glória e perigo presentes apenas no combate aproximado. Sabemos muito pouco sobre eles além do que foi incluído na história de Lawrence. Seus nomes verdadeiros eram Sgt Charles Reginald Yells, do 9º Regimento de Cavalaria Leve da Austrália (*9th Australian Light Horse Regiment*), e Sd Walter Herbert Brook, do 25º Batalhão dos Fuzileiros Reais do País de Gales (*Royal Welsh Fusiliers*). O registro oficial inclui o reconhecimento — marcante por ser breve e direto — por ações enquanto acompanhavam Lawrence. Termina com uma descrição da “grande destruição causada” durante a incursão, provando que esses dois homens alcançaram seu objetivo de um combate real.¹⁰ No único outro relato contemporâneo da unidade, o jornalista Lowell Thomas descreve Yells (Lewis) como “um glutão por adrenalina e um tigre em combate.”¹¹ Na minha observação dos homens e mulheres que compõem as fileiras das unidades de assessores modernas do Exército dos EUA, um desejo de aventura e a atração por tudo o que não é familiar ainda desempenham um papel importante no preenchimento dessas forças totalmente voluntárias,

e um desejo por essas experiências é, provavelmente, um requisito para o sucesso no terreno. Provavelmente nossos dois protagonistas estavam entediados de seu trabalho na guarnição e se voluntariaram para a incursão para se livrarem da monotonia que caracteriza a grande maioria da experiência em tempos de guerra.

A partir da descrição dos homens oferecida por Lawrence, sabemos que suas personalidades eram bem diferentes. Lewis, o atirador de metralhadora, era a força motriz por trás do voluntariado e assumiu mais facilmente suas novas funções inseridas nas forças estrangeiras. Era aberto e generoso com seus novos aliados, assimilando rapidamente suas formas de agir, embora provavelmente não aos extremos como seu comandante. Por outro lado, Stokes pareceu ter se voltado mais para dentro com sua nova posição no exterior, tornando-se mais decididamente britânico. Lawrence descreveu-o como um “John Bull”, uma espécie de Tio Sam britânico.¹² Essas duas abordagens fomentaram o respeito de seus parceiros de maneiras diferentes, e sua combinação de várias formas é fundamental para o sucesso como assessor ou instrutor incorporado junto a parceiros estrangeiros.

Para ter êxito, um assessor militar deve estar, ao mesmo tempo, seguro de seus próprios fundamentos e disposto a se despir de predisposições quando necessário para se encaixar no ambiente e demonstrar unidade de propósito. Incliná-lo demasiadamente na direção de qualquer um desses polos resultará em fracasso. Um indivíduo que “se torna local” perderá de vista a missão que foi enviado para cumprir. Por outro lado, um militar que não consegue ter empatia com seu parceiro ou olha com superioridade para a cultura, comida, métodos, etc., vai achar impossível construir confiança e terá dificuldade em sua função de ligação e assessor estrangeiro. Vale notar que o próprio Lawrence foi único em sua capacidade de combinar ao extremo essa dicotomia. Sentia-se confortável no comando do Gen Edmund Allenby, no Cairo, com seus pisos polidos e móveis de vime, e estava igualmente satisfeito nas tendas de beduínos da [tribo] Howeitat, com a areia vermelha de Wadi Rum invadindo todas as cavidades. Essa capacidade é rara e não deve ser menosprezada.¹³ Em vez disso, as unidades de assessores devem tentar identificar militares que apresentem um equilíbrio desses atributos e consigam manter o foco nos objetivos de sua nação de origem, ao mesmo tempo que permanecem flexíveis às exigências e comportamentos culturais que ajudarão a construir confiança e lubrificar as engrenagens da parceria.

Esse requisito é um dos vários fatores que impulsionam as unidades de assessores modernas do Exército dos EUA a manterem um processo sólido de avaliação e seleção. As Forças de Operações Especiais do Exército (*Army's Special Operations Forces*, ARSOF) têm uma longa história de dependência de processos de seleção organizados para trazer as pessoas certas para suas unidades. Esses programas de avaliação e seleção incluem uma combinação de desafios físicos, cognitivos e interpessoais, em condições que provocam estresse e fadiga, para avaliar a aptidão para a função específica que o candidato está buscando.¹⁴ Desde a criação das Brigadas de Assistência às Forças de Segurança (SFAB) em 2017, o Exército tem mantido a necessidade de tornar essas unidades uma força totalmente voluntária e implementou um processo de seleção em níveis. Embora essas unidades não sejam consideradas forças de operações especiais, seus assessores estão integrados aos parceiros estrangeiros e devem apresentar a combinação certa de atributos para serem bem-sucedidos. Assim, um processo de avaliação e seleção continua a

ser importante para a viabilidade a curto e longo prazos dessas unidades. Recentemente, o Comando de Assistência às Forças de Segurança iniciou um esforço para expandir seu programa de avaliação a fim de incluir graduados e oficiais, começando com comandantes de unidade, sargentos de unidade, comandantes de companhia e subtenentes. Anteriormente, esses assessores eram contratados com base na conclusão de uma função de desenvolvimento-chave em seu escalão atual e em uma entrevista de painel. A avaliação e seleção presenciais proporcionarão a oportunidade de obter uma compreensão mais holística de suas principais competências e inteligência emocional, resultando em equipes de assessores melhores e mais eficazes.

O que contribuíram para o combate e o que conquistaram

Na faixa em meia-lua, o inimigo estava protegido das metralhadoras, mas Stokes inseriu seu primeiro projétil, e, depois de alguns segundos, veio um estrondo com a explosão depois do trem no deserto. Ele tocou o parafuso de elevação, e seu segundo disparo caiu bem ao lado dos caminhões no vão profundo onde os turcos haviam se refugiado. Ele deixou o local em ruínas.

—T. E. Lawrence¹⁵

Lawrence estava disposto a arriscar e trazer os dois novatos, pois sabia que seus conhecimentos especializados seriam cruciais para o sucesso de seu esforço de incursão e desenvolveria capacidades em seus parceiros, com efeitos duradouros. Certamente, essas novas ferramentas poderiam fazer a diferença entre sucesso e fracasso para seus parceiros, mas a única forma de convencer as forças árabes a empregar as novas armas era demonstrar sua eficácia em um combate de vida ou morte.¹⁶ Para isso, ele precisava de especialistas ao seu lado no combate aproximado, capazes de integrar a tecnologia no momento decisivo para alcançar o efeito crítico.

Esse conhecimento especializado é demonstrado claramente na citação acima, com Stokes e Lewis tendo a capacidade (e o apoio de seu comandante) de transitarem de forma fluida entre os papéis de instrutores, assessores e, quando necessário, como atiradores de metralhadora ou morteiro. No decorrer deste artigo, refiro-me a Stokes, Lewis e Lawrence como assessores, mas esse termo parece descrever alguém que permanece à margem, oferecendo conselhos de



Assessores do Exército designados para a 1ª Brigada de Assistência às Forças de Segurança empregam um pequeno veículo aéreo não tripulado RQ-11B Raven durante treinamento tático em Fort Irwin, Califórnia, em 17 de agosto de 2023. Os assessores treinaram ao lado de participantes na simulação e parceiros reais para se prepararem para operações de combate em larga escala. (Foto: Maj Jason Elmore, Exército dos EUA)

forma casual e apressada. A realidade para esses homens, como tem sido para os assessores militares em vários outros contextos, foi uma indefinição das linhas entre os papéis de ligação, assessor, instrutor e combatente.¹⁷ Antes da missão descrita nas citações, os dois sargentos trabalhavam como instrutores das forças árabes em desenvolvimento. Durante a incursão, passaram a uma função mais direta como combatentes e líderes, assim como Lawrence, que muitas vezes serviu como comandante de fato durante essas expedições.

As unidades de assessores modernas do Exército dos EUA, especialmente as novas equipes de assessores da SFAB, incluem uma gama diversificada de especialistas capazes de aplicar suas habilidades para apoiar um parceiro em conflito. A capacidade que essas equipes oferecem é especificamente orientada para o nível tático da guerra, incorporada no escalão brigada e abaixo das forças armadas de uma nação parceira. Nesse nível, eles atuam como assessores, bem como integradores de fogos, inteligência e sustentação. Oferecem conhecimentos especializados funcionais

em armas, equipamentos de comunicação, pequenos sistemas de aeronaves remotamente pilotadas (SARP), morteiros, artilharia e equipamentos essenciais de sustentação e manutenção. Mais importante ainda, no entanto, a diversidade da estrutura da equipe permite que ultrapassem o uso técnico de equipamentos e se concentrem em integrar esses sistemas a um conceito operacional, oferecendo conselhos sobre como combater com o emprego deles conforme uma abordagem de armas combinadas.

Embora as SFABs modernas tenham uma ampla gama de qualificações militares e ampla capacidade geral para apoiar as forças militares estrangeiras, elas não dispõem dos meios para rapidamente integrar conhecimentos específicos e direcionados. O mesmo acontece nas formações das ARSOFs, que enfrentam dificuldade para se desviar de seus quadros de organização, revelando preferência pela santidade de cada “unidade de ação”.¹⁸ A autoridade doutrinária e de estrutura organizacional capaz de rapidamente integrar os conhecimentos especializados e ajustar a organização

por tarefas está ausente em ambas. Em um cenário de combate em grande escala, o parceiro estrangeiro apoiado por eles quase certamente precisará ou solicitará uma capacidade específica que as SFABs, focadas em generalistas, não serão capazes de disponibilizar em quantidade. No campo de batalha moderno, é mais provável que se trate de conhecimentos especializados no emprego de sistemas de mísseis guiados anticarro, pequenos SARP, munições vagantes, capacidade de guerra eletrônica, fogos de precisão de longo alcance (como o Sistema de Artilharia de Foguetes de Alta Mobilidade) e a combinação desses sistemas em conceitos operacionais eficazes.¹⁹ Uma maneira de abordar essa deficiência seria estabelecer uma ligação mais formal entre as forças de assessores e a Organização de Gestão de Treinamento em Assistência de Segurança do Exército (*Army's Security Assistance Training Management Organization*). Essa organização encarrega e desdobra equipes especializadas de assistência à segurança para treinar parceiros estrangeiros em equipamentos ou capacidades fornecidos por um programa de assistência à segurança. Ajusta rapidamente seu quadro de organização para contratar o conhecimento especializado adequado para um caso específico de assistência à segurança. Combinar essa especialização com as unidades de assessores operacionais ajudaria a criar o tipo de flexibilidade que será necessária em conflito.

Certamente, a força de assessores deve ter a capacidade de resolver rapidamente as lacunas de conhecimento para atender às necessidades dos parceiros. No entanto, o treinamento recente de equipes de assessores milita-

atuou como o tecido conjuntivo entre uma divisão do Exército dos EUA e as Forças Armadas de uma nação parceira amiga que se defendia contra um ataque inimigo. A conexão era necessária para vencer a superioridade em fogos da força inimiga sobre a nação parceira amiga. Os meios da divisão ajudaram o parceiro com o desenvolvimento de cenário operativo comum, proteção contra ameaças de asa rotativa inimigas e lançamento de fogos em apoio a combates aproximado e em profundidade amigos. Equipes de assessores posicionadas junto a postos de comando da força parceira facilitaram a integração da aviação de ataque dos EUA, destruindo mais de 80 viaturas de combate e sistemas de artilharia inimigas em um período de três dias. Em última análise, esse apoio permitiu que o parceiro se defendesse de forma eficaz e ganhasse tempo para que as forças estadunidenses desenvolvessem poder de combate.

Apesar desse sucesso, a ênfase nas funções de ligação e apoio significa que a carga de trabalho de uma equipe de assessores ficará concentrada em um pequeno número de comandantes. O combate em larga escala testaria a capacidade do Exército de manter esse tipo de ligação com os parceiros no nível operacional em grande escala. Os impactos táticos identificados na história de Lewis e Stokes são interessantes e viscerais — um trem fumegante cheio de furos no deserto —, mas a profundidade real do impacto de Lawrence foi evidente no nível operacional. Sua capacidade de unir a resistência árabe para formar uma força de combate competente e aplicar essa força no flanco direito do teatro de operações contribuiu significativamente para o sucesso final das forças britânicas contra o

“ Sua capacidade de unir a resistência árabe para formar uma força de combate competente e aplicar essa força no flanco direito do teatro de operações contribuiu significativamente para o sucesso final das forças britânicas contra o Império Otomano na Palestina. ”

res nos centros de treinamento de combate do Exército (CTCs) demonstrou que, em um cenário de operações de combate em larga escala, os assessores passarão mais tempo na função de ligação, apoiando seus parceiros com o fornecimento de acesso ou informações provenientes de recursos militares dos EUA ou aliados. Durante um recente rodízio de CTC, uma força-tarefa de assessores

Império Otomano na Palestina. Isso foi possível devido a vários fatores, mas Lawrence manteve estreita coordenação e ligação com Allenby, Comandante da Força Expedicionária Egípcia da Grã-Bretanha, e conseguiu mais ou menos alinhar as operações árabes aos objetivos britânicos, maximizando a eficácia geral do esforço de guerra combinado contra os otomanos.²⁰

As atuais forças de assessores militares do Exército têm capacidade limitada para esse tipo de assessoria estratégica. As formações das ARSOFs tendem a se concentrar fortemente no treinamento e emprego de suas unidades de ação dos escalões mais baixos, lideradas por capitães: destacamentos operacionais Alpha, destacamentos de operações psicológicas e equipes de assuntos civis. Durante treinamentos coletivos, as ações de escalões mais elevados de comando (companhia, batalhão e grupo) privilegiam as funções de comando e controle, em vez de assessoria ou apoio direto aos parceiros. Por outro lado, as SFABs empregam um modelo doutrinário em que cada escalão de comando, desde o nível de grupo de combate até o de brigada, é principalmente uma equipe de assessores liderada pelo comandante daquele escalão, com a capacidade de mudar para um foco maior nas funções de comando e controle, se necessário conforme o perfil da missão.²¹ Essa estrutura (ou ênfase) aumenta a capacidade de envolvimento em assessoria de nível operacional, conforme descrito acima. Entretanto, ainda é consideravelmente limitado. Cada brigada tem apenas um pequeno número de oficiais e graduados mais antigos com a experiência e antiguidade necessárias para estabelecer credibilidade como assessor ou oficial de ligação acima do escalão brigada nas forças armadas de uma nação parceira.

Para se preparar para esse requisito, o Exército deve implementar várias mudanças estruturais. Primeiro, com pequenas mudanças na sede do Comando de Assistência às Forças de Segurança, essa formação poderia oferecer uma capacidade de assessoria de nível estratégico permanente. Em segundo lugar, o Exército deve desenvolver uma espécie de reserva de assessores (nos componentes da Ativa e Guarda Nacional/ Reserva do Exército) composta por oficiais mais antigos e graduados com treinamento e conhecimentos especializados relevantes prévios que poderiam ser aproveitados quando surgisse a necessidade. A integração dessa reserva também concederia autoridade para ajustar rapidamente a organização por tarefas das equipes de assessores a fim de concentrar os conhecimentos especializados necessários para assessorar e estabelecer ligação com um parceiro no escalão divisão ou acima. Por fim, as ARSOFs devem procurar expandir o uso de suas formações lideradas por majores e tenentes-coronéis em suas três principais especialidades mais diretamente como assessores e oficiais de ligação junto a parceiros

estrangeiros. Isso aproveitaria a experiência e a maturidade desses comandantes e melhoraria o desempenho em apoio aos objetivos de missão que dependem desses parceiros.

O que aprenderam

De Aqaba, os dois sargentos embarcaram apressadamente em um navio rumo ao Egito. Cairo havia se lembrado deles e não gostou que não tivessem retornado. No entanto, eles se dispunham alegremente a pagar as penalidades por isso. Haviam vencido sozinhos uma batalha, tiveram disenteria, sobreviveram à base de leite de camelo e aprenderam a percorrer 50 quilômetros por dia sobre camelos sem sentir dor. Além disso, Allenby deu uma medalha a cada um.

—T. E. Lawrence²²

Além do benefício para a missão ou objetivo, o trabalho realizado por assessores como Lewis e Stokes tem benefícios intrínsecos para o indivíduo. Pode ser uma experiência incrivelmente gratificante para os que são corajosos o suficiente para buscar a oportunidade e dispostos a aceitar suas dificuldades. Lawrence encarou esses desafios como parte da recompensa, adotando a visão cristã que vincula as adversidades com força e salvação.²³ Isso explica por que escolheu destacar as dificuldades da experiência como parte de seu benefício mais importante para os dois graduados. Entendeu que eles iriam embora com recompensas tangíveis e intangíveis. O mesmo acontece com os assessores militares modernos: seu serviço junto a parceiros estrangeiros os torna melhores comandantes e seres humanos porque exige o desenvolvimento da empatia, competência e perseverança. Porém sua contribuição mais importante talvez seja a experiência — encher a bagagem de um comandante jovem com desafios superados e novos conhecimentos adquiridos.

Embora a descrição dos benefícios feita por Lawrence se concentre nos graduados como indivíduos, também podemos especular sobre a difusão desses benefícios para as unidades às quais foram designados posteriormente. A competência tática aprimorada deles e o aumento do conhecimento do ambiente operacional por eles certamente tiveram benefícios tangíveis em suas missões seguintes. Essa difusão de benefícios ainda é um componente da proposta de valor para as missões de assessoria no Exército dos EUA. Quando foram criadas em 2017,

as SFABs receberam um modelo de geração de forças e efetivo diferente das unidades de operações especiais mais antigas e mais estabelecidas. Ao contrário das formações das ARSOs, compostas por oficiais e graduados que mudam sua qualificação militar ao entrar e servem a maior parte de suas carreiras nas Forças Especiais, assuntos civis e unidades de operações psicológicas, as SFABs são preenchidas com oficiais e graduados que mantêm sua atual qualificação militar e servem por um período finito, normalmente de dois a três anos. Após o serviço em SFABs, eles retornam para outra unidade convencional do Exército para a próxima função em sua progressão de desenvolvimento profissional. Isso significa que outras formações do Exército se beneficiam diretamente do crescimento e desenvolvimento obtidos durante o trabalho de um militar como assessor.

Conclusão

À medida que o Exército dos EUA se moderniza para enfrentar desafios atuais e previstos, as parcerias e alianças estrangeiras continuarão a desempenhar um papel fundamental em qualquer futuro combate de poder terrestre. Quanto mais o Exército apoiar coletivamente suas unidades de assessores com efetivo e recursos, mais bem preparado estará para desenvolver e manter esses vínculos essenciais. Nossos parceiros confiarão em nós, e nós confiaremos neles para superar sistemas de antiacesso/negação de área, criar linhas interiores e defender linhas de comunicação nos estágios iniciais de qualquer conflito.²⁴ O exemplo de Lawrence e suas forças árabes demonstra esse efeito simbiótico nas etapas decisivas da guerra e o papel que os parceiros podem desempenhar em teatros de operações secundários para reduzir os recursos disponíveis aos adversários. O treinamento recente da SFA do Exército está identificando lacunas a serem abordadas para disponibilizar a força de assessores mais eficaz possível em futuros conflitos.

Esse treinamento em exercícios de CTC e Warfighter do Exército deve ser mantido e expandido para ajudar a fechar essas lacunas e desenvolver a interoperabilidade entre as equipes de assessores, a força conjunta e nossos aliados e parceiros.

No nível individual, a história de Stokes e Lewis lembra-nos o papel importante que nossos assessores desempenharão e a necessidade indispensável de investir em seus conhecimentos especializados e expandir a disponibilidade de especialistas no assunto em apoio à missão de assessoria. Devemos continuar a selecionar os melhores indivíduos para servir nessa função e compreender a importância da combinação certa de competência, empatia e perseverança necessárias ao sucesso. Mais importante ainda, a história deles nos lembra o valor da experiência de assessoria para os oficiais e graduados, bem como o benefício coletivo de seu serviço nesta capacidade única para a Força. O investimento contínuo nessa capacidade pode apenas servir para melhorar o nosso Exército a partir de dentro, e não devemos perder de vista esse benefício importante e duradouro para a Força.

Em 1917, foram Lewis e Stokes, mas como chamaríamos nossos sargentos em 2024? Essa hipótese se mostra mais difícil devido ao uso de siglas e tantas combinações sem sentido de letras e números para as armas modernas. Talvez gostaríamos de contar com o Sgt Gustaf por sua experiência com canhões anticarro sem recuo e mísseis guiados. Certamente, a proficiência do Sgt Switchblade em pequenos SARP e munições vagantes seria útil.²⁵ Não importa como sejam chamados, a história desses assessores em combates em larga escala ainda está por ser escrita. Portanto, devemos fazer todo o possível agora para garantir que a capacidade de assessoria em combates de nossa nação esteja totalmente preparada para o próximo grande combate. ■

Referências

Epígrafe. T. E. Lawrence, *Seven Pillars of Wisdom: A Triumph* (1926; repr., New York: Anchor Books, 1991), p. 344.

1. Winston Churchill, "An English Classic", *The Daily Mail*, 29 July 1935, reprinted in "Churchill and Lawrence—Seven Pillars—Three

Appreciations", International Churchill Society, acesso em 4 jan. 2024, <https://winstonchurchill.org/publications/finest-hour/finest-hour-119/churchill-and-lawrence-seven-pillars-three-appreciations/>.

2. A Ferrovia de Hejaz era a linha de comunicação norte-sul fundamental conectando a Palestina aos principais centros

populacionais da Península Arábica. Representava um componente crítico do controle otomano da região.

3. Neil Faulkner, *Lawrence of Arabia's War: The Arabs, The British and the Remaking of the Middle East in WWI* (New Haven, CT: Yale University Press, 2016), p. 328–30.

4. A descrição da incursão que envolveu Stokes e Lewis e as citações no início de cada seção deste artigo podem ser encontradas nos capítulos 61-68 de *Os sete pilares*. No total, representam apenas cerca de 30 páginas do livro, portanto uma pequena fração do trabalho de forma geral. Além da incursão repleta de suspense, essas 30 páginas também incluem uma das seções mais enigmáticas da história, segundo a qual o banho de Lawrence em uma nascente é interrompido por um ancião murmurante, visto como um profeta por Lawrence, e cujos gemidos ininteligíveis resultam em uma tangente tortuosa sobre as origens do cristianismo. Como tal, a passagem é uma amostra representativa da abrangência do conteúdo encontrado na história de Lawrence.

5. Lawrence, *Seven Pillars*, p. 274.

6. Scott Anderson, *Lawrence in Arabia: War, Deceit, Imperial Folly and the Making of the Modern Middle East* (New York: Doubleday, 2013), p. 152.

7. *Ibid.*, p. 338.

8. Veja Nicholas J. Saunders, *Desert Insurgency: Archaeology, T. E. Lawrence, and the Arab Revolt* (Oxford, UK: Oxford University Press, 2020), p. 207–11; Faulkner, *Lawrence of Arabia's War*, p. 302–5. A incursão descrita nas citações é conhecida como a incursão de Halat Ammar devido à sua proximidade com a estação ferroviária de mesmo nome, localizada no que é hoje a fronteira entre a Jordânia e a Arábia Saudita. Pesquisas arqueológicas do Projeto Grande Revolta Árabe em 2013 confirmaram a localização e a geometria da ação.

9. Lawrence, *Seven Pillars*, p. 345.

10. Uma cópia do reconhecimento feito aos dois graduados pode ser encontrada nos arquivos do Australian War Memorial: "Honours and Awards (Recommendation): Charles Reginald Yells", Australian War Memorial, acesso em 3 jan. 2024, <https://www.awm.gov.au/collection/R1560412>.

11. Lowell Thomas, *With Lawrence in Arabia* (1924; repr., New York: Skyhorse, 2017), p. 145.

12. Lawrence, *Seven Pillars*, p. 345.

13. Na verdade, a polaridade dessas duas ideias provavelmente contribuiu para sua depressão mais tarde na vida. Ele teve dificuldade em aceitar os objetivos estratégicos de sua nação em face de um Estado árabe independente.

14. Patrick Roberson, Stuart Gallagher e Kurtis Gruters, "Demystifying the Art of Assessment and Selection", *Small Wars Journal*, 17 August 2022, <https://smallwarsjournal.com/jrn/art/demystifying-art-assessment-selection>.

15. Lawrence, *Seven Pillars*, p. 368.

16. A incursão descrita nessa seção do livro teve também um benefício real tangível para as forças árabes participantes, uma vez que resultou em uma quantidade considerável de bens domésticos saqueados do trem destruído.

17. Veja Robert K. Sawyer, *Military Advisors in Korea: KMAG in Peace and War* (Washington, DC: U.S. Army Center of Military History, 1962), p. 140. O exemplo dos assessores estadunidenses do Military Advisory Group to the Republic of Korea (KMAG) no início da Guerra da Coreia oferece uma boa ilustração dessa indefinição de papéis.

18. "Who We Are", United States Army Special Operations Command, acesso em 3 jan. 2024, <https://www.soc.mil/USAS-FC/HQ.html>. O 1º Comando das Forças Especiais usa o termo "unidade de ação" para descrever seus destacamentos operacionais e equipes. Veja também R. D. Hooker Jr., "America's Special Operations Problem", *Joint Force Quarterly* 108 (January 2023), <https://ndupress.ndu.edu/JFQ/Joint-Force-Quarterly-108/Article/Article/3264605/americas-special-operations-problem/>.

19. Donald Wilkins, "The 2022 Russo-Ukrainian War: Current and Future Employment of Unmanned Platforms Supporting Infantry Operations", *Infantry* 112, no. 2 (2023): p. 46-48, https://www.moore.army.mil/Infantry/Magazine/issues/2023/Summer/PDF/Summer23_INFMag.pdf; veja também Josef Danczuk, "Bayraktars and Grenade-Dropping Quadcopters: How Ukraine and Nagorno-Karabakh Highlight Present Air and Missile Defense Shortcomings and the Necessity of Unmanned Aircraft Systems", *Military Review* 103, no. 4 (July-August 2023): p. 21-33, <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/July-August-2023/Grenade-Dropping-Quadcopters/>.

20. O Gen Edmund Allenby acreditava fervorosamente na utilidade dos esforços de Lawrence junto aos árabes, afirmando que sua cooperação era "de tal importância que nenhum esforço deveria ser poupado para que todos os benefícios resultantes fossem colhidos". Apud Sean McMeekan, *The Ottoman Endgame: War, Revolution, and the Making of the Modern Middle East, 1908–1923* (New York: Penguin Books, 2015), p. 360.

21. Army Techniques Publication 3-96.1, *Security Force Assistance Brigade* (Washington, DC: U.S. Government Publishing Office, 2 September 2020), para. 1-10.

22. Lawrence, *Seven Pillars*, p. 376.

23. Como o sentimento encontrado em Romanos 5:3: "Nós nos alegamos em nossos sofrimentos, sabendo que o sofrimento produz resistência".

24. Charles Flynn e Sarah Starr, "Interior Lines Will Make Land Power the Asymmetric Advantage in the Indo-Pacific", *Defense One*, 15 March 2023, <https://www.defenseone.com/ideas/2023/03/interior-lines-will-make-land-power-asymmetric-advantage-indo-pacific/384002/>.

25. Obrigado ao Maj Paul Dunn pela ajuda com esses nomes de guerra. David Hambling: "Failure or Savior? Busting Myths About Switchblade Loitering Munitions in Ukraine", *Forbes* (site), 8 June 2022, <https://www.forbes.com/sites/davidhambling/2022/06/08/failure-or-savior-busting-myths-about-switchblade-loitering-munitions-in-ukraine/>. A Switchblade é uma munição vagante produzida pela AeroVironment que é lançada a partir de um tubo e então direcionada por seu operador para um alvo designado.



Integrantes da 5ª Brigada de Assistência às Forças de Segurança treinam ao lado de soldados do Exército indiano durante o exercício Yudh Abhyas no Rajastão, Índia, em 9 de fevereiro de 2021. (Foto: 2º Sgt Joseph Tolliver, Exército dos EUA)

Capacitando as operações no escalão divisão em todo o espectro do conflito

O que uma SFAB pode fazer por você

Ten Cel Eric B. Alexander, Exército dos EUA

São 22h00 e o Comandante da 3ª Divisão de Infantaria (3ª DI) está iniciando a reunião de visualização do comandante. Setenta e duas horas antes, o posto de comando tático da 3ª DI, um batalhão de Sistema de Artilharia de Foguetes de Alta Mobilidade, um batalhão de Sistema de Lançamento Múltiplo de Foguetes, um elemento de aviação de ataque da brigada de aviação de combate e um conjunto de forças da brigada de assistência às forças de segurança (security force assistance brigade, SFAB) foram rapidamente desdobrados em apoio a uma opção de dissuasão flexível para conter uma crise em desenvolvimento. O Comandante olha ao redor da sala e pergunta se a força parceira está pronta caso o inimigo cruze a fronteira internacional. O Comandante do conjunto de forças da SFAB dá um passo à frente para apresentar sua análise da capacidade do parceiro e seu plano para a ação retardadora. O Comandante da divisão escuta enquanto o Comandante do conjunto de forças da SFAB discorre sobre o plano da força parceira. À medida que o Comandante do conjunto de forças da SFAB explica o plano da força parceira, fica evidente que precisarão de ajuda em inteligência, vigilância, reconhecimento e fogos. O Comandante da divisão dirige-se ao Chefe do Estado-Maior e indaga sobre o impacto do redirecionamento de meios do combate em profundidade da divisão para fins de capacitação da brigada parceira. O Chefe do Estado-Maior explica a coordenação contínua com o Estado-Maior do conjunto de forças da SFAB e descreve o risco para o combate em profundidade da divisão. No final da discussão, estava claro que, se o parceiro não conseguisse manter o domínio do terreno por 96 horas, a missão fracassaria. O Comandante da divisão está confiante nos preparativos entre seu Estado-Maior e o conjunto de forças da SFAB caso a crise escalasse para conflito. Com os assessores da SFAB de apoio à divisão integrados à força parceira, o parceiro poderá retardar a escalada até a chegada das brigadas de combate dos Estados Unidos da América (EUA).

A mesma SFAB de sempre?

Ainda há muitas percepções errôneas sobre o papel da SFAB na força futura. Muitos no Exército consideram as SFABs um dreno de efetivo organizacional em um ambiente limitado. Veem seus melhores e mais brilhantes oficiais e graduados deixarem suas unidades para cumprir missões nas SFABs. Verbas e equipamentos que poderiam ir para as divisões operacionais são destinados às SFABs. Outros reconhecem a utilidade das SFABs na competição, mas não veem nenhum papel para a organização em crises ou conflitos. Muitas dessas crenças decorrem da missão

original (Afeganistão) e estabelecimento da organização (as unidades nada podiam fazer se um militar optasse pela SFAB). O Exército dos EUA está, como um todo, passando por mudanças significativas na doutrina, na organização e no treinamento, voltando-se para as operações de combate em larga escala como centro do conceito operacional da Força. As SFABs estão passando por mudanças semelhantes. As SFABs atuais e futuras não são como você deve se lembrar. O Field Manual (FM) 3-0, *Operations* (Manual de Campanha 3-0, *Operações*), redefine e esclarece o papel das SFABs como parte das operações multinacionais em apoio à ação unificada.¹ Essas mudanças devem levar a uma nova análise de como as SFABs capacitam as operações de divisão.

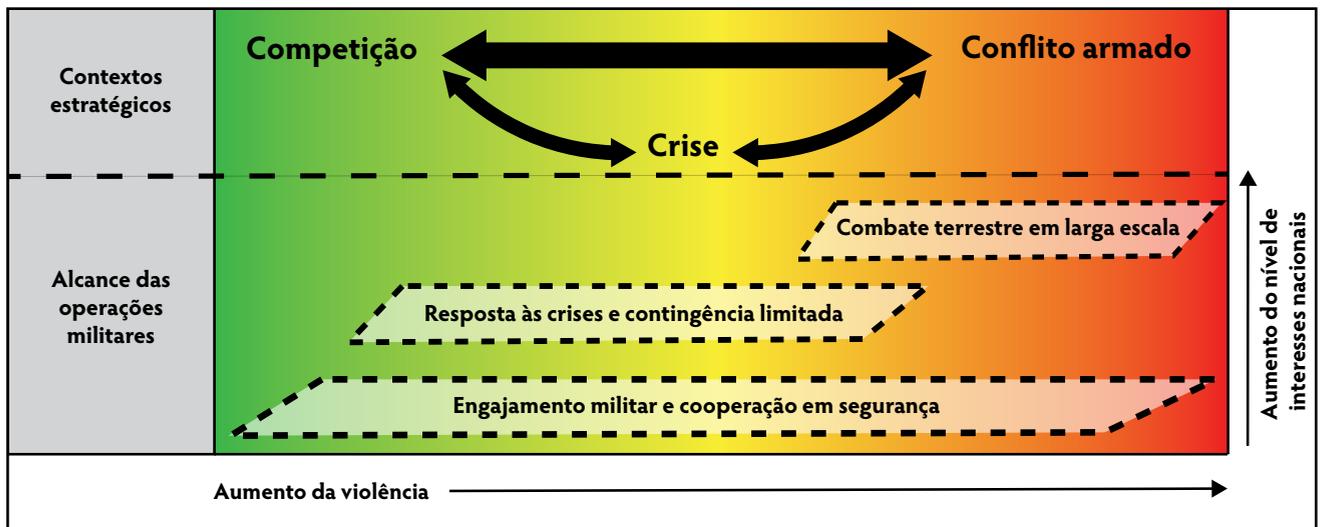
Os conjuntos de forças de assessores das SFABs capacitam operações no nível de divisão em todo o espectro do conflito (veja a Figura 1).² Os assessores oferecem benefícios tangíveis às divisões durante a competição, a crise e o conflito. As SFABs atraem oficiais e graduados talentosos da força operacional após terem concluído missões de desenvolvimento-chave. Em seguida, os assessores retornam à força operacional com treinamento e habilidades adicionais. Se a força operacional vai enviar recursos humanos escassos, é justo explicar o retorno sobre o investimento nos níveis da organização e do militar individualmente.

Estamos todos juntos nessa! O ambiente operacional

Divisões, corpos de exército e SFABs estarão no mesmo ambiente operacional no futuro. Conforme descrito no FM 3-0, esse ambiente operacional é uma mistura complexa de competição, crise e conflito em múltiplos domínios contra adversários adaptáveis e capacitados.³ As forças do Exército nesse ambiente operacional devem obter e manter o apoio de aliados e parceiros para preparar

O Ten Cel Eric B.

Alexander, do Exército dos EUA, é Comandante do 1º Batalhão, 2ª Brigada de Assistência às Forças de Segurança (SFAB). É formado em Engenharia Mecânica pela Drexel University e tem mestrado em Políticas Públicas pela Georgetown University. Suas missões anteriores incluem o comando do 1º Batalhão, 27º Regimento de Infantaria no Haváí, três desdobramentos em apoio à Operação Iraqui Freedom com a 101ª Divisão Aeroterrestre e a 4ª Divisão de Infantaria, bem como um desdobramento operacional na África com a 2ª SFAB.



(Figura do FM3-0, Operations)

Figura 1. Contextos estratégicos e categorias operacionais do Exército

forças em posições avançadas para combater e vencer em inferioridade numérica e isoladas. Não apenas as forças em posições avançadas dos EUA, mas também as forças aliadas e parceiras são as que têm maior probabilidade de absorver o choque inicial de crises e conflitos.⁴ Durante a competição e a crise, os adversários contestarão o desdobramento das forças do Exército, buscando decisões antes que os EUA possam intervir.⁵ Os assessores resolvem essas lacunas nas capacidades de brigada e divisão.

A integração de aliados e parceiros em operações futuras é uma condição essencial do conceito operacional do Exército, e as operações futuras serão multinacionais.⁶ A comunicação, as relações e a compreensão são fundamentais nessas operações multinacionais. Os comandantes de operações multinacionais devem estabelecer ligação de qualidade com as forças parceiras para manter um cenário operativo comum eficaz. Além do entendimento situacional, os aliados e parceiros multinacionais contribuem com forças adicionais para as operações e, muitas vezes, possuem capacidades que faltam às forças dos EUA.⁷ O maior desafio que os comandantes dos EUA enfrentarão em operações multinacionais consiste em manter a unidade de esforços na ausência de um comando formal ou relação de apoio com as forças parceiras.⁸ No contexto estratégico de competição, crise e conflito, “as SFABs oferecem a capacidade de formar parcerias com forças convencionais aliadas e parceiras.”⁹ Essa

capacidade de assessoria profissionalizada está presente apenas nas SFABs e proporciona um multiplicador de força único para as operações do Exército.

Pagar agora ou pagar depois? Seu investimento durante a competição

Servindo como uma operação de economia de meios, as SFABs na competição ganham tempo e pessoal ao absorver os requisitos de cooperação em segurança no teatro de operações do comando combatente. Isso permite que as brigadas e divisões se concentrem na preparação para as operações de combate em larga escala em vez de conduzir tarefas de cooperação em segurança no teatro de operações ou responder a crises criadas por adversários que se aproveitam da dissuasão fraca. Cada assessor capaz de apoiar as iniciativas de cooperação em segurança no teatro de operações do comando combatente para melhorar a capacidade do parceiro cria menos demanda por rodízio de forças. Além de absorver os requisitos de cooperação em segurança no teatro de operações, os assessores das SFABs estabelecem condições favoráveis para a chegada de forças estadunidenses em caso de escalada para uma crise.

As forças do Exército ajudam aliados e parceiros a aprimorar suas capacidades e habilidades militares durante a competição. Além disso, desenvolvem a interoperabilidade com parceiros, o que será fundamental no caso de eclosão de um conflito. “A preparação para operações de combate e a demonstração da

interoperabilidade da força conjunta dos EUA com aliados e parceiros constituem a dissuasão mais poderosa de adversários.¹⁰ Essa dissuasão proporciona vários benefícios para as formações operacionais. A dissuasão aumenta a probabilidade de que um parceiro seja capaz de evitar a escalada para uma crise. Também diminui a probabilidade de que brigadas e divisões dos EUA tenham de ser desdobradas para apoiar um parceiro. As missões das SFABs na competição transmitem confiança aos aliados e parceiros, aprimoram a interoperabilidade e, por fim, aumentam a agilidade da força multinacional em crises ou conflitos.¹¹ As equipes das SFABs estão executando essas tarefas de competição em nome dos comandantes de comandos combatentes em todo o mundo, todos os dias.

Como parte da cooperação em segurança, as SFABs “desenvolvem capacidades militares de aliados e de outros países amigos em operações de autodefesa e multinacionais, melhoram a troca de informações e o compartilhamento de inteligência, fornecem às forças estadunidenses acesso em tempos de paz e de contingência e atenuam as condições que poderiam conduzir a uma crise.”¹² Na competição, equipes de SFABs são continuamente desdobradas para o mundo todo com o fim de avaliar, apoiar, estabelecer ligação e assessorar as forças de segurança estrangeiras (*foreign security forces*, FSFs). Essas atividades assumem diversas formas em diversos níveis, do tático ao estratégico. Nos exercícios, as equipes de assessores colaboram com as FSFs para aperfeiçoar as tarefas essenciais da missão da equipe e, ao mesmo tempo, treinam as FSFs em competências essenciais e desenvolvem a interoperabilidade. Em alguns casos, as equipes desenvolvem capacidades ajudando o parceiro a adquirir novas habilidades, aumentando a interoperabilidade do parceiro com a força conjunta ou viabilizando o emprego de novos equipamentos pelo parceiro. Em alguns comandos combatentes, os assessores também apoiam as operações treinando parceiros estrangeiros para preparar contingentes em apoio às operações multinacionais de manutenção da paz. A capacitação de contingentes para operações de manutenção da paz proporciona às FSFs uma experiência operacional e de desdobramento valiosa. Essas atividades permitem que as FSFs sejam exportadoras de segurança de rede e contribuam para a estabilidade regional. Os assessores trabalham em estreita colaboração com seus parceiros, entendem suas capacidades e limitações e têm conhecimento íntimo e em tempo real da geografia e cultura da nação anfitriã. O desenvolvimento de capacidades

e o treinamento com as FSFs na competição proporciona acesso, influência e familiaridade que conferem benefícios durante crises e conflitos. As brigadas e divisões são os beneficiários diretos. Ao ingressar em uma situação de crise ou conflito, o acesso, a influência e a maior capacidade do parceiro oferecem vantagens claras às forças dos EUA e reduzem o risco tanto para a missão quanto para a força.

Há vários exemplos de benefícios das SFABs na competição. Na área de responsabilidade do Comando dos EUA na África, aproximadamente cem assessores cumprem a maior parte dos requisitos de cooperação em segurança no teatro de operações, o que elimina a necessidade de uma brigada alinhada regionalmente. Isso libera 3.500 militares para que se concentrem no treinamento e na preparação para as operações de combate em larga escala. Nossos assessores estão colaborando com nossos parceiros em suas questões de segurança mais urgentes, treinando em tarefas de segurança de fronteira para combater a expansão do extremismo na região do Sahel. O treinamento ajuda nossos parceiros a aprimorar suas habilidades atuais e aumentar a confiança. Uma pequena equipe trabalhando com o parceiro gera um retorno sobre o investimento desproporcional para enfrentar ameaças globais significativas. Simultaneamente, esses assessores estão desenvolvendo conexões e relacionamentos com seus parceiros. Esse envolvimento reduz a necessidade por forças dos EUA ao capacitar o parceiro a estabilizar a situação de segurança local. Nossos assessores estão trabalhando em esforços semelhantes junto a vários parceiros na África. Além disso, uma de nossas equipes de logística colabora com nosso parceiro no nível nacional, ajudando a aprimorar a distribuição, manutenção e a interoperabilidade de sustentação. Alguns parceiros são os principais instrutores das operações de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas (ONU), preparando forças para missões em todo o continente. Nossos esforços de assessoria permitem que o parceiro seja um exportador de segurança de rede, contribuindo para a estabilidade em todo o comando combatente. Essa estabilidade reduz a necessidade por esforços unilaterais dos EUA, conservando a prontidão preciosa das brigadas e divisões estadunidenses. Nossos assessores estão formando relacionamentos, acumulando conhecimento cultural e apoiando o sistema de educação militar em diversos países parceiros. O impacto dos assessores sobre percepções em relação aos EUA apresenta benefícios incalculáveis às brigadas ou divisões que um dia poderão operar com

essas forças armadas estrangeiras. Todos esses esforços de assessoria, e muitos outros em nível global, contribuem para a competição entre grandes potências do comando combatente, criando condições favoráveis para a redução da probabilidade de crises e conflitos.

Se extrapolamos essa análise para todos os comandos combatentes, o investimento de 500 a 800 assessores recupera nove brigadas, removendo-as dos requisitos de cooperação em segurança do teatro de operações anteriormente executados com as brigadas (de forças alinhadas regionalmente). Também devolve militares com experiências e habilidades únicas às brigadas e divisões. Esses assessores adquirem experiência cultural e conhecimento regional antes de concluírem suas missões e retornarem às brigadas e divisões do Exército. Esse reinvestimento de talentos das SFABs beneficia todas as unidades que recebem assessores, reinvestindo líderes adaptáveis e experientes em suas formações.

O balão sobe! Se a dissuasão falhar e houver uma crise, o que você receberá pelo seu investimento nas SFABs?

Embora os benefícios para as divisões e brigadas durante a competição sejam difíceis de internalizar, os benefícios durante a crise são mais evidentes. A conexão, a base de conhecimentos e o posicionamento dos assessores no terreno proporcionam vários benefícios à força conjunta em uma crise. Caso surja uma crise com um adversário, as SFABs trabalham com o parceiro para estabilizar a situação, eliminando a necessidade de envio de forças estadunidenses ou ganhando tempo e espaço até a chegada de forças multinacionais parceiras. As equipes das SFABs facilitam a integração e melhoram a consciência situacional das novas forças dos EUA agindo como elemento de ligação entre as forças parceiras e estadunidenses. Se a desescalada for alcançada, as SFABs são a unidade ideal para auxiliar o parceiro na reconstituição, liberando da tarefa as brigadas e divisões. Os cenários de crise das SFABs se enquadram em duas grandes categorias: (1) os assessores já estão presentes no início da crise, ou (2) os assessores das SFABs são enviados no início da crise como uma opção de dissuasão flexível. Ambos os cenários geram benefícios semelhantes para brigadas e divisões mobilizadas em apoio a um parceiro em crise.

A demonstração do compromisso dos EUA com a nação anfitriã e a conexão desenvolvida com as FSFs

conferem benefícios imediatos se as equipes estiverem no país no início da crise. Os assessores que já estão no país forneceriam indicações e avisos críticos antes do início da crise, permitindo que a força conjunta reaja mais rapidamente. Os assessores desdobrados com todo o seu equipamento estão em boas condições para responder tanto como elementos de ligação para as forças multinacionais que chegam quanto para ajudar as FSFs a manterem o domínio de acidentes capitais, viabilizando opções de resposta flexível subsequentes. Os assessores propiciam atualizações em tempo real de operações e inteligência à medida que uma crise se desenrola. Atuam como elementos de ligação essenciais para a recepção, concentração, movimento para as linhas de frente e integração conjuntas (*joint reception, staging, onward movement, and integration*, JRSOI) das forças multinacionais que chegam. A capacidade de identificar, coordenar e confirmar portos aéreos e marítimos de desembarque e instalações de JRSOI para as forças de abertura do teatro de operações aumenta a velocidade de entrada. Para deixar claro, as equipes de assessores são treinadas para reforçar as atividades de JRSOI. Encarregar os assessores de executar missões de JRSOI por períodos prolongados reduz sua capacidade de executar missões que exigem treinamento específico de assessoria. No entanto, a presença da equipe de assessores no início da geração de forças capacita as forças designadas para a abertura do teatro de operações para que estabeleçam e executem as missões de JRSOI rapidamente. Especificamente, a fase de integração de JRSOI se beneficia do apoio da equipe de assessores. As equipes informam os comandantes e o novo estado-maior sobre a situação atual no terreno, a análise cultural e geográfica realista da área operacional e a análise da situação operacional das FSFs.

Uma crise em um país sem equipes de assessores se beneficia de uma opção de dissuasão flexível “para estabelecer a capacidade de ligação ou conduzir a assistência às forças de segurança.”¹³ O desdobramento de assessores indica um compromisso com a nação parceira. Essa opção de dissuasão flexível oferece benefícios semelhantes a um cenário com uma equipe de assessores já no país no início da crise, disponibilizando inteligência, análises operacionais, ligação e apoio a uma FSF. Nesse cenário, os assessores são menos eficazes na capacitação de JRSOI, mas ainda podem servir para desenvolver a consciência situacional sobre portos aéreos e marítimos de desembarque e áreas de concentração coordenadas para os

comandantes dos EUA. As equipes de assessores que chegam como parte de uma opção de dissuasão flexível integram-se rapidamente às FSFs para desenvolver um cenário operativo comum e apoiar as FSFs com efeitos conjuntos para ajudar a estabilizar a situação.

À medida que a crise avança, as equipes de assessores das SFABs usam sistemas sólidos de comando de missão para transmitir atualizações operacionais e de inteligência essenciais ao exército do teatro de operações ou para o comando da força-tarefa conjunta, caso algum seja ativado. As equipes, sob a direção do exército do teatro de operações ou da força-tarefa conjunta, estabelecem a ligação e apoiam as FSFs para formar uma defesa crível, garantindo a capacidade de sobrevivência das forças aliadas no teatro de operações. As equipes avaliam, apoiam, estabelecem a ligação e assessoram as FSFs a fim de manter um acidente capital ou um terreno decisivo. Isso cria condições para amplificar as opções de dissuasão flexível e as opções de resposta flexível adicionais à medida que a força conjunta tenta retornar à competição. As equipes de assessores incorporadas às FSFs fornecem *insights* sobre as ações e atitudes do parceiro para contribuir com dados sobre a eficácia das opções de dissuasão flexível e opções de resposta flexível. Caso o desdobramento para a nação em crise não seja viável, as equipes de assessores conduzem missões de geração (treinar e equipar) em uma nação vizinha, liberando da missão as brigadas estadunidenses. Nesse cenário, conjuntos de forças capacitadoras personalizadas administram o recebimento, a distribuição e a sustentação do material bélico de assistência militar, enquanto as equipes de treinamento desenvolvem a capacidade das formações das FSFs.

“Independentemente das capacidades empregadas, costuma haver dois resultados gerais de uma crise. Ou a dissuasão é mantida e ocorre a desescalada, ou dá-se início ao conflito armado.”¹⁴ Em uma transição de retorno à competição, as equipes de assessores das SFABs são um meio ideal para avaliar, apoiar, fazer a ligação e assessorar as FSFs na reconstituição das forças após uma crise. As equipes das SFABs são especialmente qualificadas para esclarecer a confusão da crise, seja porque já estão no país ou por meio do desdobramento rápido para a área de crise como uma opção de dissuasão flexível.

As contribuições das SFABs para a crise parecem ótimas, mas a prática é mais difícil do que a teoria. O Exército concordou em testar uma resposta operacional

das SFABs às crises durante um rodízio inédito do Centro Nacional de Treinamento (*National Training Center, NTC*), em fevereiro de 2023. A 2ª SFAB enviou um conjunto de forças para o NTC em apoio à 3ª Divisão de Infantaria (3ª DI). Nesse cenário, uma nação amiga estava sob ameaça de invasão por um vizinho. Os EUA optaram por enviar uma opção de dissuasão flexível de SFAB e uma opção de resposta flexível que consistia em um comando de divisão (3ª DI), um batalhão de Sistema de Artilharia de Foguetes de Alta Mobilidade, um batalhão de Sistema de Lançamento Múltiplo de Foguetes e um elemento de aviação de combate. O elemento da SFAB integrou-se à força parceira, replicada pelo 1º Esquadrão, 11º Regimento de Cavalaria Blindado, para auxiliar no planejamento de uma ação retardadora caso a crise se transformasse em conflito (veja a Figura 2). O envolvimento da SFAB com o parceiro permitiu que a divisão compreendesse o plano do parceiro e os recursos necessários. Essas informações foram essenciais para determinar a alocação dos recursos escassos dos EUA entre o combate da divisão e o combate em profundidade da força parceira, caso o retorno à competição fracassasse. Um desequilíbrio de recursos em qualquer direção poderia levar ao fracasso da missão. O vínculo entre a SFAB, a divisão e o parceiro acabou criando condições favoráveis quando a dissuasão falhou e a crise se transformou em conflito.

Os centros de treinamento de combate são uma excelente preparação, mas ainda são apenas um substituto para as operações reais. Um exemplo do mundo real para a resposta das SFABs às crises e seus benefícios para brigadas e divisões são as operações em curso na Europa. As equipes das SFABs estão apoiando os requisitos de assessoria anteriormente cumpridos pelas brigadas de combate do Exército. Isso evita que as brigadas de combate designem pessoal para essas missões de treinamento e fornecimento de material militar, criando o espaço operacional para se concentrarem na preparação para operações de combate em larga escala. Isso cria uma profundidade operacional na Europa, permitindo que forças em posições avançadas e de rodízio continuem preparadas em caso de escalada para conflito. Quantas brigadas adicionais precisariam ser enviadas ao Comando Europeu dos EUA (*U.S. European Command*) para assumir os requisitos de treinamento cumpridos pelas equipes de assessores? Pequenos investimentos em pessoal de

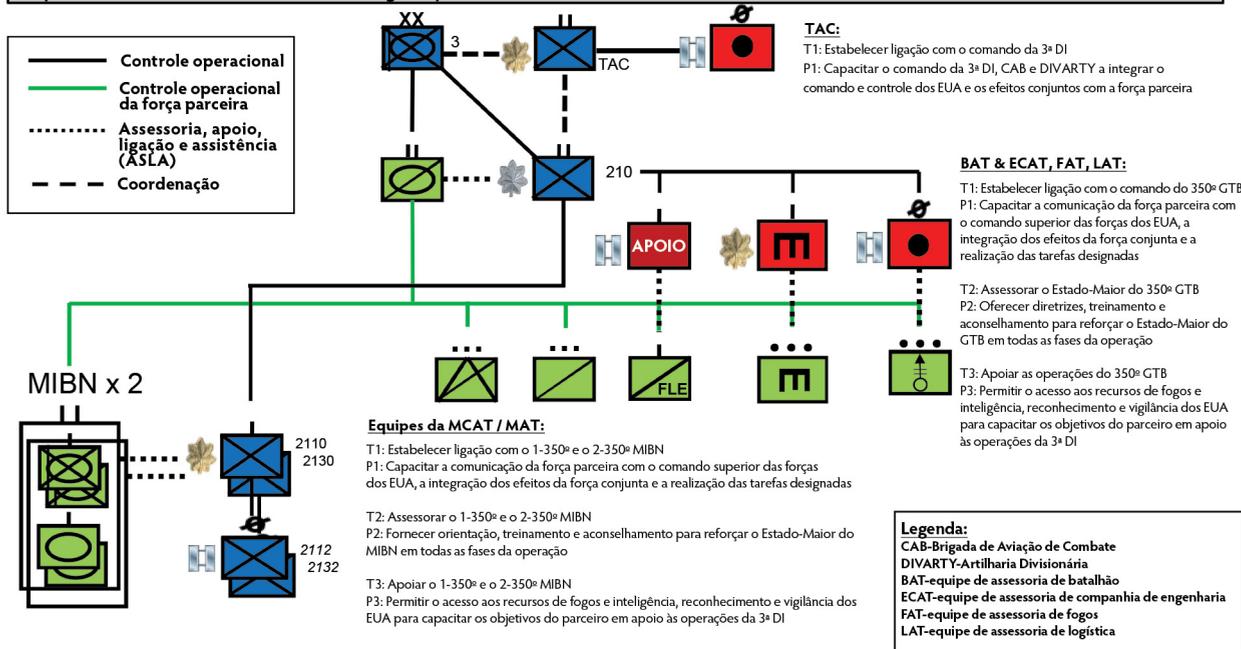


Conceito de assessoria do Red Lion



2ª SFAB — Todos combatem!

Declaração de conceito: Os Red Lions fazem parceria no escalão com o 350º GTB usando uma estrutura vertical de subordinação para realizar a tarefa de assistência operacional às forças de segurança com uma postura de acompanhamento e capacitação para apoiar o rodízio 23-04 do NTC de 4 a 23 de fevereiro de 2023 a fim de validar as equipes de assessores em missões de ASLA em um ambiente de operações de combate em larga escala para apoiar os objetivos táticos dos EUA de uma força parceira, com ela e por meio dela. O conjunto de forças estabelecerá ligação com o comando da 3ª DI para capacitar o apoio dos EUA a uma força tática da nação parceira e conduzir todos os aspectos das atividades de ASLA com a brigada parceira.



(Figura do autor)

Figura 2. Conceito de assessoria das operações de combate em larga escala

assessoria estão beneficiando formações muito maiores e, ao mesmo tempo, capacitando as forças parceiras para que se defendam e dissuadam a agressão.

Assumimos daqui por diante. Agradecemos a ajuda das SFABs

Se a crise escalar para um conflito, as SFABs continuarão a agregar benefícios às operações das brigadas e divisões estadunidenses. Em uma função operacional, as SFABs avaliam, estabelecem a ligação, apoiam e assessoram as forças parceiras em apoio às operações multinacionais. O fornecimento, às brigadas e divisões adjacentes, de uma análise realista das capacidades e limitações da força parceira oferece informações vitais aos comandantes. Essa análise é essencial para qualquer operação combinada com forças parceiras. As SFABs são um elemento de ligação bidirecional fundamental para os comandantes estadunidenses. Por meio de sistemas de comando de

missão sólidos e interoperáveis, elas fornecem inteligência, avaliação dos efeitos do combate, informação sobre processamento de alvos e cenário operativo comum em tempo real aos comandantes dos EUA. Além disso, as SFABs disponibilizam informação de inteligência e processamento de alvos das forças estadunidenses para o parceiro, permitindo uma melhor integração dos efeitos. As SFABs dão acesso a capacidades únicas de parceiros que não constam do inventário estadunidense pelos mesmos canais de comando de missão. Por outro lado, as SFABs possibilitam o apoio dos EUA às forças parceiras em fogos conjuntos, inteligência e sustentação, permitindo que as forças parceiras se integrem melhor às operações multinacionais. Por fim, as SFABs assessoram os comandantes dos EUA orientando-lhes sobre as preocupações, os planos, os desejos e outros aspectos do clima organizacional dos parceiros, ao mesmo tempo que os aconselham sobre as melhores maneiras de se

integrarem às operações. Todas essas funções permitem que os comandantes dos EUA aumentem o poder de combate e, ao mesmo tempo, minimizem o risco de falhas de comunicação, fratricídio e fracasso da missão mediante a inclusão de parceiros.

As SFABs estão preparadas para “conduzir atividades de ligação e apoio para capacitar operações multinacionais durante conflitos armados”.¹⁵ Duas categorias abrangentes de emprego das SFABs se apresentam logicamente em um cenário de conflito que envolva operações de combate em larga escala. Essas categorias são as duas funções de assistência às forças de segurança, “operacional” e “geradora”, presentes na Army Techniques Publication 3-96.1, *Security Force Assistance Brigade* (Publicação Técnica do Exército 3-96.1, *Brigada de Assistência às Forças de Segurança*).¹⁶ As funções “operacionais” usam equipes de SFAB para integrar um aliado ou parceiro em uma campanha de operações em múltiplos domínios. A função “geradora” usa equipes de SFAB para auxiliar as FSFs a organizar, treinar e equipar uma força para emprego futuro.¹⁷ Essas categorias não são mutuamente excludentes e podem ser atribuídas a um conjunto de forças de assessoria em qualquer nível, variando cronologicamente de acordo com a situação.

Nas operações de combate em larga escala, as SFABs parecem ótimas, mas isso tudo é apenas teoria. Como mencionado anteriormente, o Exército testou o conceito durante o rodízio 23-04 do NTC. A SFAB desempenhou uma função operacional em apoio à força parceira e à 3ª DI durante a transição de uma crise para um conflito. Nos níveis tático e operacional, o elemento da SFAB integrou equipes de assessores nos diferentes escalões para acompanhar as FSFs em operações de combate.

Em um papel de acompanhamento e capacitação nos estágios iniciais do conflito, os conjuntos de forças da SFAB estabeleceram a ligação e apoiaram as forças parceiras para estabilizar a situação operacional. O conjunto de forças utilizou seus sistemas robustos de comando de missão para se conectar a um pequeno comando multinacional (3ª DI) destacado para capacitar nossa brigada parceira a executar com êxito uma ação retardadora. O conjunto de forças forneceu ao comando inteligência e consciência situacional da força parceira. O comando concedeu acesso às capacidades de operações em múltiplos domínios, como fogos de precisão de longo alcance, fogos conjuntos, guerra eletrônica e inteligência, vigilância e reconhecimento. Essas capacidades permitiram que os assessores apoiassem

as forças parceiras para atingir os objetivos de abertura do teatro de operações da coalizão. A brigada parceira conduziu uma ação retardadora bem-sucedida durante quatro dias para permitir a chegada da 2ª Brigada, 3ª DI, antes de retomar o ataque (durante seu rodízio subsequente). A dificuldade de executar operações em comparação com os exercícios Warfighter tradicionais foi um dos muitos benefícios do rodízio 23-04 do NTC, conforme observado pela 3ª DI. O atrito gerado por problemas de comunicação, falhas de equipamento e atrasos no cronograma causados pelas condições climáticas, pelo terreno e por um adversário pensante criaram uma oportunidade de treinamento muito mais sólida para a 3ª DI, a SFAB e as unidades capacitadoras desdobradas para fins de rodízio da divisão.

Esperem! Ainda tem mais!

Há outros benefícios em enviar militares do Exército para que se tornem assessores, além dos benefícios táticos e operacionais conferidos pelas SFABs em competição, crise e conflito. Os militares do Exército retornam com treinamento adicional em qualificações militares e treinamento multidisciplinar, certificações, consciência cultural, habilidades de pensamento crítico, experiência em gestão de treinamento e na interação com líderes militares superiores e civis. Também recebem, nas SFABs, treinamento específico aplicável diretamente à missão das operações de combate em larga escala. Os assessores podem participar de cursos tradicionais e não tradicionais, como atendimento prolongado em campanha, armas estrangeiras, direção avançada e cursos de mestre em resiliência e instrutores-mestres. Esses cursos oferecem conjuntos de habilidades diversificados aos militares que retornam às brigadas e divisões. Além dos cursos glamourosos, os assessores geralmente são oficiais de movimentação de unidades, materiais perigosos e certificados em contêineres, devido ao desdobramento descentralizado das equipes das SFAB na competição. Isso confere habilidades e experiências essenciais de desdobramento aos comandantes de brigadas e divisões. Embora nem todos os assessores se tornem fluentes em um idioma estrangeiro, muitos adquirem capacidade linguística com a imersão cultural e os programas de idiomas da unidade. A organização de pequenas equipes multidisciplinares dá origem a um treinamento multidisciplinar intrínseco entre as qualificações militares. Por exemplo, mecânicos podem aprender sobre manobras. Assessores de manobras podem aprender sobre comunicação. Paramédicos podem aprender sobre logística. Todos

os assessores devem aprender sobre outras especialidades para que a equipe funcione. Esse treinamento multidisciplinar cria líderes versáteis e competentes em diversas especialidades, que retornam às brigadas e divisões. A natureza da assessoria na competição exige várias repetições de execução e planejamento de treinamento de pequenas unidades. Os militares enviados para se tornarem assessores retornam bem à frente de seus pares na gestão de treinamento. A natureza descentralizada da assessoria na competição expõe os comandantes a problemas complexos que exigem autonomia e criatividade para serem resolvidos. Essas repetições aumentam a adaptabilidade e a flexibilidade dos militares que retornam às suas unidades. Os assessores geralmente atuam nos níveis de brigada, divisão, nacional e de embaixada durante o emprego. Essas experiências produzem líderes maduros e articulados, que retornam às divisões e brigadas para liderar militares no escalão seguinte. Por fim, os militares enviados para se tornarem assessores viabilizam a competição conjunta e os conceitos de campanha por meio de seu trabalho de cooperação em segurança no teatro de operações globalmente em cada comando combatente.¹⁸

As SFABs produzem um fluxo constante de militares treinados e com consciência cultural para as brigadas e divisões do Exército. Para servir em uma SFAB, os oficiais e graduados devem ter concluído a fase de desenvolvimento-chave em seu grau hierárquico atual. Há poucos postos — ou até mesmo nenhum — nos quadros de organização e dotação modificados nas divisões ou brigadas para oficiais ou graduados após o desenvolvimento-chave antes da promoção. As SFABs estão buscando líderes de alta qualidade que tenham concluído suas missões de desenvolvimento-chave

e estejam prontos para deixar a formação. Os boatos de que as SFABs estão roubando talentos são imensamente exagerados. A experiência nas SFABs ajuda os comandantes a ampliar o período de desenvolvimento-chave subsequente e os devolve às unidades operacionais preparados para se destacarem em suas próximas missões de desenvolvimento-chave. Portanto, esse investimento não só traz dividendos nos níveis tático, operacional e estratégico, como também os líderes de alta qualidade retornam com habilidades e conhecimentos que não conseguem obter em nenhum outro lugar.

Vale a pena?

As SFABs aprimoram as operações da divisão em todo o espectro da competição, desde a competição até a crise e o conflito. O investimento em talentos da força operacional é devolvido com juros. Durante a competição, os assessores estabelecem uma conexão, aprimoram a capacidade e a interoperabilidade do parceiro e criam exportadores de segurança regional. Todos esses benefícios estabelecem condições favoráveis para as unidades estadunidenses em caso de uma escalada. Além disso, o treinamento e a experiência que os assessores adquirem na competição são levados para a força operacional quando deixam as SFABs. Durante a crise, os assessores cumprem funções de ligação essenciais para que um parceiro dissuada a escalada ou estabeleça condições favoráveis se a desescalada fracassar. Durante o conflito, os assessores multiplicam o poder de combate para o comando dos EUA ou da coalizão ao capacitar a integração das forças parceiras nas operações da coalizão. Com todos esses benefícios para brigadas e divisões, o investimento é um ótimo negócio. Agora é a hora de comprar! ■

Referências

1. Field Manual (FM) 3-0, *Operations* (Washington, DC: U.S. Government Publishing Office [GPO], 2022), para. 2-65.

2. *Ibid.*, p. 1-14, fig. 1-3.

3. *Ibid.*, para. 1-4.

4. *Ibid.*, para. 1-18.

5. *Ibid.*, para. 1-17.

6. *Ibid.*, para. 2-58.

7. *Ibid.*, para. 2-59–2-60.

8. *Ibid.*, para. 2-65.

9. *Ibid.*

10. *Ibid.*, para. 4-3.

11. *Ibid.*, para. 3-10.

12. *Ibid.*, para. 4-43.

13. *Ibid.*, p. 5-6, tabela 5-1.

14. *Ibid.*, para. 5-3.

15. *Ibid.*, para. 4-89.

16. Army Techniques Publication 3-96.1, *Security Force Assistance Brigade* (Washington, DC: U.S. GPO, 2020), p. 4-9.

17. FM 3-22, *Army Support to Security Cooperation* (Washington, DC: U.S. GPO, 2023), p. 2-9.

18. U.S. Joint Chiefs of Staff, *Joint Concept for Integrated Campaigning* (Washington, DC: U.S. Joint Chiefs of Staff, March 2018), p. 9.



Integrante de unidade especial da polícia ucraniana cai após disparar um obuseiro D-30 contra posições russas perto de Kreminna, Ucrânia, em 7 de julho de 2023. (Foto de Libkos via Associated Press)

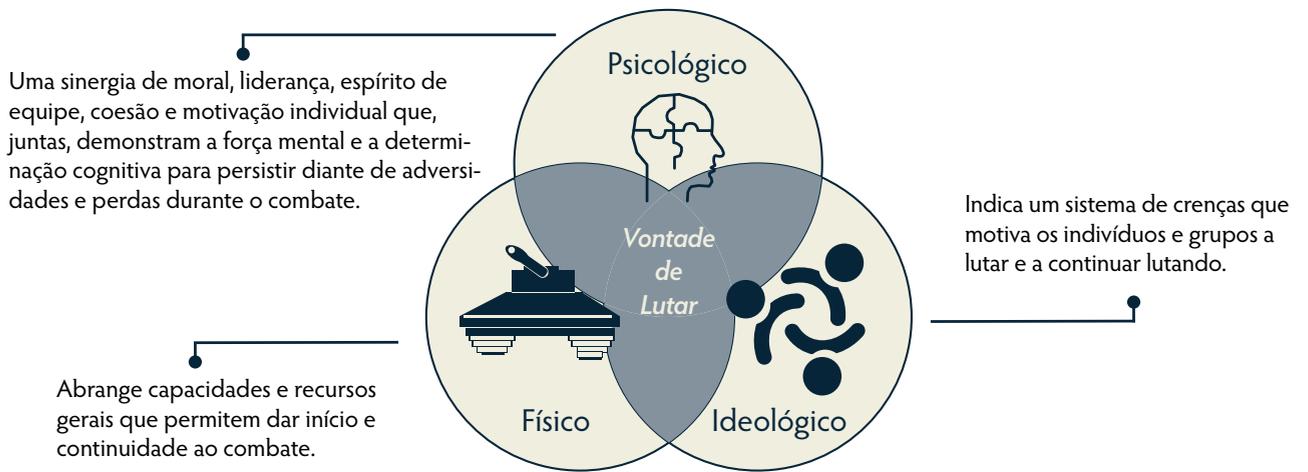
“Vontade de lutar”

Insights do século XXI sobre a Guerra Russo-Ucraniana

Benjamin A. Okonofua, Ph.D.

Nicole Laster-Loucks, Ph.D.

Ten Cel (Res) Andrew Johnson, Exército dos EUA



(Figura da Global Cultural Knowledge Network)

Figura 1. Elementos analíticos da vontade de lutar

Estamos travando uma guerra contra um país cujo tamanho é 28 vezes maior do que o nosso, cuja população é quatro vezes maior do que a nossa e cujas capacidades militares são muitas vezes maiores do que as nossas. Estamos travando uma guerra terrestre, aérea, marítima e cibernética, entre outras. Estamos em guerra não há oito meses, mas há oito anos e oito meses. Tudo isso confirma a nossa resiliência, a coragem de defender o que é nosso e a vontade de vencer. Será que outros países resistiriam a essa pressão? [...] Quanto aos outros, não posso afirmar, mas nós estamos perseverando, unindo forças, acumulando reservas, fortalecendo a defesa e, passo a passo, libertando a nossa pátria. Conquistamos nossa vitória com muita dificuldade. Mas ela será alcançada com certeza.

—Valerii Zuluzhnyi, ex-Comandante em Chefe das Forças Armadas da Ucrânia, 31 de outubro de 2022

A Guerra Russo-Ucraniana de 2022 é um conflito complexo e prolongado que requer uma análise cuidadosa das forças que impulsionam a determinação, a capacidade e a narrativa das partes beligerantes. Unidas, essas forças formam uma “vontade de lutar”, um componente frequentemente subestimado nos anais da guerra e da defesa estratégica. Isso se desenvolve no nível individual, estendendo-se ao nível nacional e é essencial para alcançar a vitória.¹

Basicamente, a vontade de lutar pode ser vista como uma combinação de resiliência psicológica, competência e capacidade física, bem como convicção ideológica (veja a Figura 1). Essas dimensões estão em constante

evolução ou mudança devido à interação entre forças oponentes únicas. Cada dimensão desempenha um papel fundamental na configuração da dinâmica do conflito, influenciando tanto as estratégias adotadas quanto a tenacidade das nações envolvidas.

Uma ilustração vívida da importância histórica de uma vontade implacável de lutar seria a evolução estratégica dos Estados Unidos da América (EUA) durante a Segunda Guerra Mundial. O país não tinha uma visão clara da vitória ao ingressar no conflito. Em 1942, ocorreu uma virada significativa quando a liderança estadunidense se comprometeu com a ambiciosa meta de obter a rendição total e incondicional das potências do Eixo, após avaliar diferenças em poder de combate, o contexto estratégico global e o imperativo moral de derrotar o fascismo. Essa resolução foi oficialmente reafirmada na Conferência de Casablanca em 1943, quando o Presidente Franklin D. Roosevelt e o Primeiro-Ministro Winston Churchill anunciaram que não haveria negociações de paz, apenas a busca pela rendição incondicional. Essa postura, que fortaleceu a vontade nacional de lutar contando com recursos militares superiores, foi fundamental para assegurar a vitória.² Por outro lado, os conflitos no Vietnã e no Iraque ressaltam a importância de avaliar a vontade de lutar de aliados e adversários. No Vietnã, os EUA se depararam com uma forte resistência dos norte-vietnamitas e dos vietcongues, que estavam firmemente empenhados em defender seu país e resistir às forças externas. Essa determinação contribuiu de forma significativa para o

prolongamento do conflito, mesmo diante dos recursos militares superiores dos EUA.³ De forma similar, no Iraque, a resiliência e dedicação dos grupos insurgentes à causa, juntamente com os objetivos estratégicos pouco claros dos EUA e seus aliados, prolongaram os conflitos e causaram resultados mistos.⁴

Esses exemplos destacam a complexidade dos engajamentos militares, onde os elementos psicológicos e ideológicos da guerra são tão essenciais quanto os aspectos físicos. Ressaltam a importância fundamental da vontade de lutar, juntamente com as capacidades militares, para determinar os resultados dos conflitos. Esse conceito, que incorpora determinação, resiliência e resolução, frequentemente exerce uma influência decisiva nos resultados do engajamento para além do poder de combate apenas.⁵ Reconhecer a natureza multifacetada da vontade de lutar, que engloba aspectos psicológicos, físicos e ideológicos, é fundamental para comandantes, formuladores de políticas, planejadores e acadêmicos. A análise subsequente dessas dimensões no contexto da guerra russo-ucraniana visa a desvendar a complexa interação de fatores que impulsionam esse conflito prolongado, ilustrando como esses elementos de resolução, que não são estáticos, evoluem ao longo do tempo e interagem de forma dinâmica para influenciar os engajamentos militares em curso. Entender essa dinâmica é essencial para compreender as motivações e ações das partes envolvidas, destacando a importância da vontade de lutar na definição das trajetórias dos conflitos.

Vontade psicológica de lutar

A vontade psicológica de lutar, ou a determinação para persistir no combate, desempenha um papel crucial na manutenção da resolução para além dos limites das divisões territoriais. Abrange uma série de fatores interativos, como moral, liderança, coesão e motivação, que induzem forças armadas e civis a perseverarem em meio à adversidade.

Benjamin A. Okonofua, Ph.D., é Gerente de Projetos de nível estratégico para o programa de análise, monitoramento e avaliação de cooperação em segurança na seção de Estratégia, Planos e Política (J-5) do Comando dos EUA na África. É especialista em assuntos sobre a África na Global Cultural Knowledge Network e professor adjunto da National Intelligence University. Recebeu seu Ph.D. da Georgia State University e é membro do conselho editorial da Sage Open.

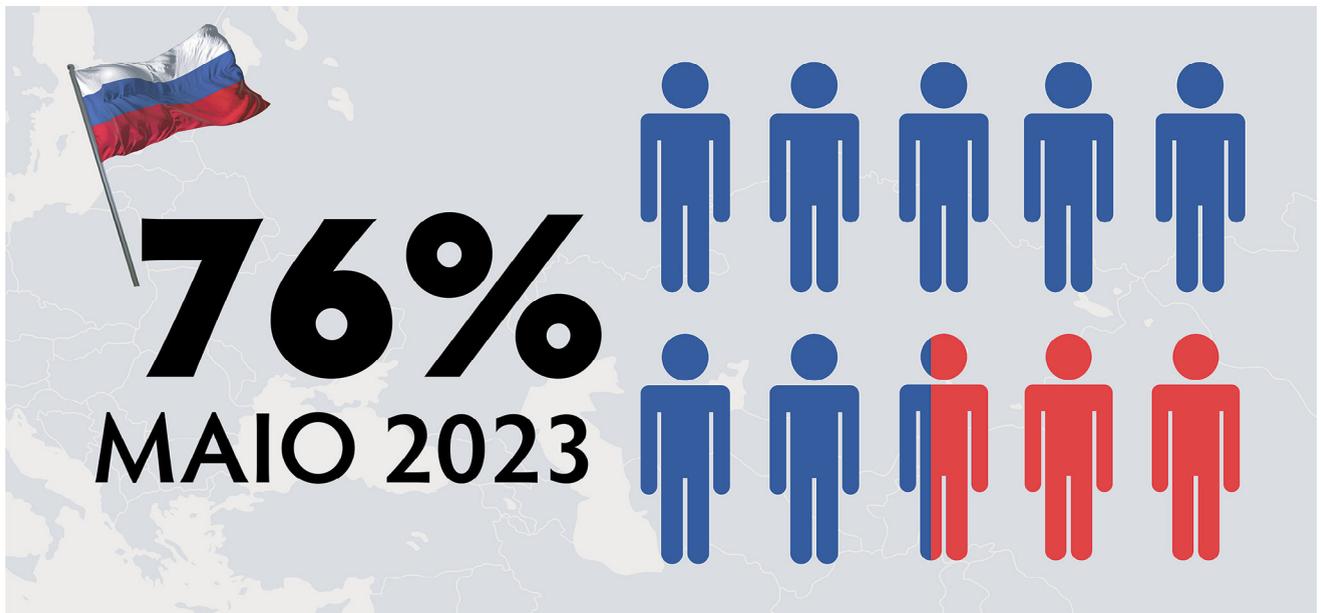
Em qualquer conflito, a força da resolução de uma nação muitas vezes é impulsionada por fatores psicológicos. O moral, o senso de propósito e a determinação individual desempenham papéis essenciais para possibilitar que os combatentes transcendam limitações físicas. Liderança e coesão fortalecem ainda mais a coragem mental e a determinação cognitiva de militares e civis, fomentando a resiliência diante das adversidades do combate. Por exemplo, na Batalha de Stalingrado, os soldados soviéticos enfrentaram duras adversidades, porém, demonstraram uma determinação inabalável, fortalecida por líderes como o Gen Georgy Zhukov, o que aumentou a resiliência e, em última instância, virou o curso do combate a seu favor.⁶

Diversos fatores internos e externos influenciam continuamente a vontade psicológica de lutar. Compreender essa dimensão é adquirir *insights* cruciais quanto à dinâmica que determina a resistência e o sucesso dos engajamentos militares, tornando-se um elemento fundamental da resolução e, por vezes, o ponto de inflexão em qualquer conflito.

A vontade psicológica de lutar da Rússia. Para compreender a dinâmica da guerra, é essencial compreender a dimensão psicológica por trás da vontade de lutar da Rússia no conflito atual. No início, Moscou enquadrou a guerra como uma “operação militar especial”, a fim de propagar as narrativas do Kremlin de desnazificação e desmilitarização, minimizar os riscos perante as forças russas e sociedade ucraniana e reforçar a confiança na

Nicole Laster-Loucks, Ph.D., é a principal cientista social da Global Cultural Knowledge Network na seção de inteligência (G-2) do Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA. De 2011 a 2012, serviu no Afeganistão como cientista social junto ao Sistema de Terreno Humano em apoio à Operação Enduring Freedom. Obteve seu Ph.D. na University of Texas, em Austin, e é a arquiteta-chefe da Exploitable Conditions Framework.

O Ten Cel Andrew Johnson, da reserva remunerada do Exército dos EUA, é analista sênior de pesquisa da Global Cultural Knowledge Network do Exército dos EUA. É autor de diversos estudos e cursos de treinamento focados na análise de aspectos socioculturais do ambiente operacional. É oficial da reserva remunerada das Forças Especiais, concluiu bacharelado pela University of Washington e mestrado pela Kansas State University.



(Figura do ANO Levada Center)

Figura 2. Porcentagem de russos que apoiam a chamada “operação militar especial” na Ucrânia

superioridade militar russa. No entanto, a realidade no campo de batalha desmantelou essas expectativas. As tropas russas sofreram baixas e perdas de equipamento significativas, principalmente entre unidades de elite como as *Spetznaz* (operações especiais) e tropas aeroterrestres. Alguns soldados foram ludibriados; acreditando que participariam de sessões de treinamento, acabaram envolvidos em combates na Ucrânia. Além disso, os objetivos da operação militar especial, como a desmilitarização e a desnazificação da Ucrânia, eram, na verdade, desinformação promovida pelo Kremlin. É provável que esses fatores tenham contribuído para reduzir a vontade psicológica de lutar das tropas russas.

Além disso, a assimetria de informações provinda da Rússia, que superestimou sua força e subestimou as capacidades ucranianas, gerou uma violação significativa de expectativas (veja o Quadro na página 77).⁷ As narrativas do Kremlin sobre seu poderio militar, respaldadas por exhibições visíveis de forças e equipamentos, inicialmente aumentaram a confiança, mas foram contestadas pela realidade do combate com a Ucrânia.⁸ Com o tempo, muitos russos começaram a questionar a lógica da guerra e a duvidar da própria excelência militar.⁹ As disparidades entre as informações oficiais e as experiências dos soldados

no campo de batalha minaram ainda mais a vontade de lutar, fazendo com que os soldados desejassem se render ou fugir do combate.¹⁰

Os esforços do Kremlin que, para conquistar o apoio dos cidadãos, enquadraram o conflito como necessário para defender a pátria contra uma ameaça externa “maligna”, enfrentaram desafios para manter o controle sobre o espaço das informações.¹¹ Os relatos das “tropas de bloqueio” russas, encarregadas de evitar retiradas não autorizadas, evidenciaram a ansiedade do comando em relação à vontade de lutar.¹² Embora o apoio interno russo tenha gradualmente diminuído a partir de seu ponto mais alto de 80% dos entrevistados, a maioria ainda apoia a guerra (veja a Figura 2).¹³ Entretanto, a conscientização crescente sobre a realidade da guerra abalou a confiança do público, aumentou a desilusão e fez cair a vontade de lutar das tropas.¹⁴ Apesar dos esforços contínuos do Presidente Vladimir Putin, ataques com número elevado de baixas continuam a afetar o moral das tropas e a prejudicar sua eficácia.¹⁵

A vontade psicológica de lutar da Ucrânia. A dimensão psicológica da vontade de lutar da Ucrânia no conflito atual indica uma notável resiliência e determinação entre militares e civis ucranianos. A guerra, que teve início com a anexação da Crimeia



Enquanto a operação militar da Rússia na Ucrânia continua, as tropas russas de defesa química, biológica e radiológica do Distrito Militar do Sul assistem a uma transmissão on-line do discurso anual do Presidente Vladimir Putin à Assembleia Federal em um laptop em um local desconhecido. (Foto de RIA Novosti/Sputnik via Associated Press)

pela Rússia em 2014 e o conflito na região de Donbas, marcou profundamente a identidade nacional e a resolução ucranianas. Os ucranianos enfrentaram a agressão e as aspirações russas de restabelecimento do domínio regional, incentivando uma mentalidade coletiva de guerra contra uma ameaça existencial ao Estado ucraniano.¹⁶

Diversas pesquisas indicam que quase todos os ucranianos acreditam na vitória sobre a Rússia. Esse apoio é bem maior em regiões mais distantes das linhas de frente, a oeste e ao centro, e um pouco menor em áreas mais próximas do conflito, ao sul e ao leste. A oposição à agressão russa já existia muito antes da invasão de 2022, pois a maioria exigia a libertação de todos os territórios ocupados pela Rússia.¹⁷

Contudo, é essencial reconhecer que o entusiasmo inicial em se voluntariar para combater a Rússia diminuiu à medida que a guerra adentrou seu terceiro ano, com o aumento de baixas e sem um desfecho definido em vista. Essa mudança levou as Forças Armadas da Ucrânia a depender mais da conscrição e a flexibilizar critérios de qualificação para o alistamento.¹⁸ Embora

essas mudanças reflitam a natureza evolutiva do conflito, não diminuem a vontade psicológica de lutar.

Vontade física de lutar

A vontade física de lutar é fundamental para que um país continue determinado a persistir durante um conflito, transcendendo fronteiras nacionais. Engloba a capacidade e os recursos para dar início e sustentar engajamentos, com o apoio de elementos como treinamento, liderança, equipamento, pessoal e logística. No contexto de qualquer conflito armado, o emprego eficaz dos recursos militares é fator essencial e determinante para a vitória.

A capacidade inclui adestramento e liderança, enquanto recursos incluem pessoal e equipamento militar. Ambos são essenciais para moldar a vontade física de lutar, aprimorando a eficácia das operações, fortalecendo recursos e aumentando a resolução das forças militares. As forças armadas são capazes quando são dotadas de um nível adequado de competência para competir. Além disso, pessoal, equipamentos, logística e apoio adequados contribuem para a capacidade

CLASSIFICAÇÃO DO PODER DE COMBATE SEGUNDO O GLOBAL FIREPOWER INDEX		2021	2022	2023
 Federação Russa		2º	2º	2º
 Ucrânia		25º	22 ^a	15º

(Figura do Global Firepower Index)

Figura 3. Classificação do poder de combate da Rússia e da Ucrânia segundo o Global Firepower, 2021-2023

física de uma nação de se envolver em conflitos prolongados. A Batalha das Termópilas, ocorrida em 480 a.C., ilustra esse ponto: um exército espartano liderado pelo rei Leônidas e em grande inferioridade numérica demonstrou excepcional resiliência física e perspicácia em combate contra um inimigo persa muito superior.¹⁹ Porém, conforme demonstrado pela vitória, em 2015, do Estado Islâmico sobre um exército iraquiano com recursos superiores, recursos físicos, por si só, não garantem a vitória.²⁰

Assim, a compreensão da vontade física de lutar oferece *insights* valiosos sobre a habilidade de uma nação perseverar diante de adversidades. Isto destaca a dinâmica complexa que determina o êxito ou o fracasso de operações militares, tornando-a uma dimensão indispensável da resolução em qualquer cenário de conflito.

A vontade física de lutar da Rússia. A confiança excessiva da Rússia em sua superioridade militar em termos de forças, poder de fogo e controle informacional relativamente ao seu adversário ucraniano menor, porém bem comandado, treinado e motivado, conduziu ao fracasso de seus objetivos iniciais e exigiu uma reavaliação de estratégias e táticas. A operação militar especial expôs deficiências consideráveis nas capacidades militares russas, incluindo

Comparação entre o poder de combate ucraniano e o russo

Antes da invasão de fevereiro de 2022, as Forças Armadas da Ucrânia eram significativamente mais fracas do que as russas em termos de material bélico e efetivo. Desde a invasão, a Ucrânia vem alçando posições mais elevadas na classificação do poder de combate de acordo com o Global Firepower Index, enquanto a posição da Rússia permanece estável. A Ucrânia passou por um programa de modernização militar após a tomada da Crimeia e da região de Donbas, no leste da Ucrânia, pela Rússia, em 2014-2015. Em janeiro de 2023, a Ucrânia já havia avançado dez posições na classificação global devido à resposta da nação como um todo à invasão da Rússia e ao correspondente apoio militar e econômico substancial fornecido pelo Ocidente. A Rússia manteve-se estável na classificação devido aos seus enormes recursos de efetivos e material bélico, mesmo com suas limitações de preparação, liderança, treinamento e suprimento.

Fonte: "2023 Russia Military Strength", Global Firepower, 19 January 2023, https://www.globalfirepower.com/country-military-strength-detail.php?country_id=russia.strength-detail.php?country_id=russia.

Comando e controle russos versus comando de missão

A Rússia não emprega o conceito estadunidense de “comando de missão” em sua versão do processo decisório militar e não tem nada equivalente ao conceito de “intenção do comandante”. Na prática, o sistema russo de tomada de decisão exige um conjunto de táticas relativamente rígido. Pode-se descrever melhor as táticas russas, no escalão batalhão e abaixo, como condutas de combate padronizadas para forças terrestres, infantaria naval e unidades aeroterrestres. Segundo oficiais estadunidenses e ocidentais que interagiram com seus homólogos russos, parece haver várias distinções fundamentais na abordagem russa do processo decisório militar. Em primeiro lugar, os líderes militares russos parecem usar um processo decisório militar abreviado e, em grande parte, informal. Segundo, os comandantes russos deliberadamente esperam até o último momento para tomar decisões, quando se sentem confiantes de terem reunido o máximo de informações necessárias. Terceiro, o sistema russo foi projetado para apoiar um comandante altamente capacitado e um estado-maior relativamente pequeno. Assim, o processo decisório militar russo é muito mais centrado no comandante do que no caso das forças armadas ocidentais, e a personalidade do comandante é de extrema importância.

Fonte: Roger N. McDermott e Charles K. Bartles, *The Russian Military Decision-Making Process & Automated Command and Control* (Hamburg, DE: German Institute for Defence and Strategic Studies, 29 October 2020), <https://gids-hamburg.de/the-russian-military-decision-making-process-automated-command-and-control/#.process-automated-command-and-control/#>.

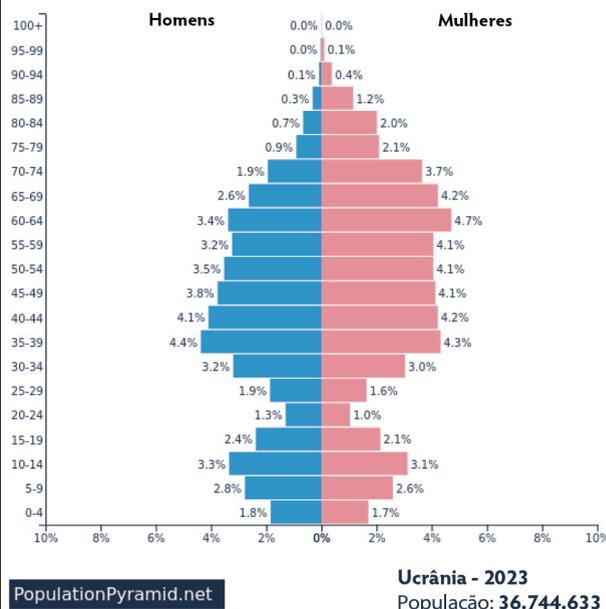
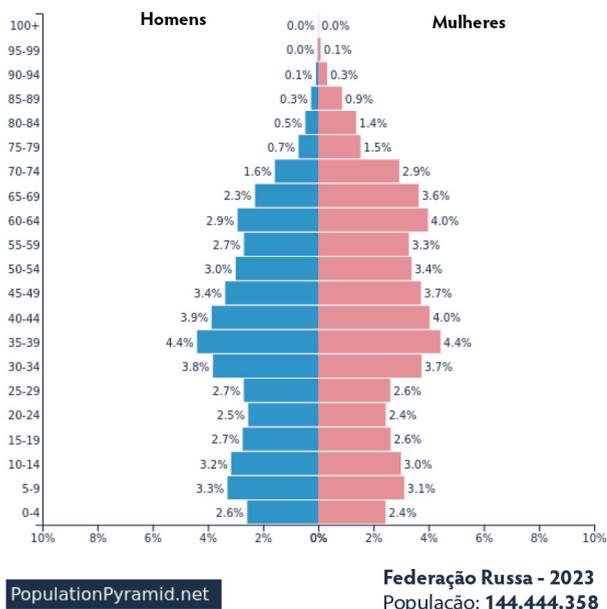
táticas, treinamento, logística e liderança. Devido a essas deficiências, houve consideráveis baixas e perdas de equipamentos, minando, em última instância, a vontade de lutar das Forças Armadas russas.

Desde a invasão em fevereiro de 2022, mesmo com recursos e poder de fogo superiores, as forças russas têm demonstrado continuamente um desempenho inferior ao do inimigo ucraniano (veja a Figura 3).²¹ As Forças Armadas da Rússia já haviam iniciado um programa de modernização há uma década, destinando uma parte significativa de seu orçamento militar para a aquisição de armas e uma parcela considerável de seu PIB para a defesa.²² No entanto, deficiências contínuas, inclusive o planejamento, alocação de recursos e execução da guerra inadequados, resultaram em fracassos no campo de batalha.²³ A Rússia retomou o uso de táticas no estilo soviético após não ter sido capaz de, rapidamente, forçar a capitulação de Kiev mediante a preparação do ambiente seguida de investidas militares ágeis.²⁴ Desde então, as táticas russas passaram a identificar pontos fracos nas linhas ucranianas e a explorá-los, com algum sucesso. Contudo, a dependência russa em relação a táticas de força bruta juntamente com a resistência determinada das forças ucranianas, a falta de iniciativa da liderança de escalões inferiores e o adestramento inadequado

contribuíram para o grande número de baixas e perdas de equipamento pela Rússia. Além disso, a vontade de lutar das Forças Armadas russas ficou enfraquecida pela precariedade da logística e pelo apoio médico limitado, sendo ainda agravada por uma liderança militar de cima para baixo, em vez de centralizada nos escalões inferiores.²⁵

A absorção de perdas significativas de pessoal e equipamentos, inclusive entre unidades de elite como a *Spetznaz* e as tropas aeroterrestres, transmite a mensagem de que o comando russo está disposto a aceitar esses custos, o que pode vir a minar a vontade de lutar tanto das tropas quanto do público em geral.²⁶ Uma recente reorganização das forças de infantaria russas, visando a conservar tropas de elite, fortaleceu a vontade de lutar em formações mais especializadas, porém enfraqueceu a resolução da infantaria de nível inferior, que se sentiu descartável.²⁷ Apesar das grandes baixas, a significativa vantagem populacional da Rússia sobre a Ucrânia supre um número maior de substitutos para as baixas no campo de batalha. Porém, as baixas crescentes exerceram pressão política sobre Putin e afetaram o moral dos soldados.²⁸

Novas tropas inadequadamente treinadas, especialmente conscritos e reservistas russos mobilizados às



(Figura do [PopulationPyramid.net](https://www.populationpyramid.net))

Figura 4. Comparação entre as populações da Rússia e da Ucrânia

pressas, conhecidos como *mobiki*, contribuíram para o elevado número de baixas. Tanto os soldados russos quanto os ucranianos relataram que os substitutos russos chegam ao campo de batalha após somente duas semanas de adestramento e, muitas vezes, com armas e equipamentos ultrapassados. Segundo registros de comunicações interceptadas, soldados e comandantes russos queixam-se da escassez de munição, da falta de peças de reposição, da alimentação inadequada e do apoio médico precário no campo de batalha.²⁹ Em tempos de paz, a falta de adestramento, equipamento e apoio adequados já afeta negativamente o moral, e esse sentimento é amplificado ainda mais em situações de combate, levando as tropas russas a se recusarem a combater em algumas ocasiões.³⁰

A vontade física de lutar da Ucrânia. Ao longo dos anos, a transformação das Forças Armadas da Ucrânia indicou uma evolução notável, passando de uma força muito focada no comando e com equipamentos antiquados, no padrão soviético, a uma força moderna e adaptável, no padrão ocidental. Embora ainda militarmente mais fraca que a Rússia em termos de capacidade mensurável, o compromisso da Ucrânia em reconstruir suas Forças Armadas, com o apoio dos EUA e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), aumentou significativamente sua vontade física de lutar.³¹

Desde a anexação da Crimeia em 2014, a Ucrânia tem recebido grande apoio externo em termos de adestramento, armamentos e desenvolvimento institucional, principalmente dos EUA e de outros países da OTAN. Com essa ajuda, a Ucrânia desenvolveu uma Força Armada profissional, com maior capacidade institucional, liderança e acesso a equipamentos modernos.³² No entanto, o apoio externo recebido antes da invasão não se traduziu imediatamente em sucesso no campo de batalha. Inicialmente, o grande número de baixas, os desafios logísticos, os atrasos na entrega de armamentos, a má comunicação e a dependência, por parte dos comandantes mais antigos, de liderança e táticas no estilo soviético abalaram o moral.³³

No entanto, o constante apoio do Ocidente aumentou e melhorou as capacidades e os recursos das Forças Armadas da Ucrânia. Os programas de adestramento que abrangem sistemas de armas avançados (por exemplo, Patriot, HIMARS, carros de combate M-1 Abrams e Leopard), táticas de armas combinadas e princípios de comando de missão proporcionaram aos soldados ucranianos um conjunto diversificado de habilidades essenciais para a guerra moderna.³⁴ Notavelmente, a transição de uma estrutura de comando rígida, de cima para baixo, para uma abordagem

A Igreja Ortodoxa Russa

Por gerações, a Igreja Ortodoxa Russa tem desempenhado um papel significativo na capacidade de Moscou exercer influência tanto interna quanto externamente. O Kremlin investe recursos consideráveis usando a Igreja Ortodoxa Russa para difundir a ideia de um “mundo russo” global, que abrange não apenas os russos étnicos, mas também os falantes do idioma russo, suas famílias e outros, cujas conexões culturais, familiares ou comerciais com a Rússia os tornam “compatriotas” da nação (*Sootechestvenniki*). A Rússia é o maior país ortodoxo do mundo, com 90 milhões de membros da igreja. O Patriarcado de Moscou lidera a maior comunidade de cristãos ortodoxos do mundo, totalizando 150 milhões, o que representa metade do número total de cristãos ortodoxos no mundo todo.

Fontes: Robert Kurz, Foreign Military Studies Office, como parte da Ukrainian Senior National Defense Personnel Studies Group Consultation realizada em Kiev, Ucrânia, em maio de 2016 e nos EUA, em novembro de 2017; Vera Zakem, Paul Saunders e Daniel Antoun, *Mobilizing Compatriots: “Russia’s Strategy, Tactics, and Influence in the Former Soviet Union”* (Arlington, VA: CNA, November 2015), https://www.cna.org/CNA_files/PDF/DOP-2015-U-011689-1Rev.pdf; J. Eugene Clay, “Invasion of Ukraine Has Split 200 Million Orthodox Christians”, Greek Reporter, 29 March 2022, <https://greekreporter.com/2022/03/29/ukraine-split-300-million-orthodox-christians/>; Laurence Peter, “Orthodox Church Split: Five Reasons Why It Matters”, BBC, 17 October 2018, <https://bbc.com/news/world-europe-45877584>; “Orthodox Church”, WorldData.info, acesso em 21 mar. 2024, <https://www.worlddata.info/religions/orthodoxes.php>.

de comando de missão mais flexível, capacitou os comandantes superiores e intermediários a demonstrar iniciativa e tomar decisões mais ágeis no campo de batalha.³⁵

Outro fator fundamental que contribuiu para o sucesso e o moral elevado das Forças Armadas da Ucrânia é o desenvolvimento de um corpo competente de graduados ucranianos. Essa transformação se alinha às práticas militares ocidentais, que promovem independência e iniciativa em unidades menores. O novo senso de autonomia dos soldados ucranianos, promovido por unidades lideradas por graduados que empregam os princípios de comando de missão, aumentou visivelmente o moral em comparação com a abordagem rígida e centralizada das Forças Armadas russas.³⁶

No entanto, a Ucrânia ainda enfrenta desafios físicos. O grande número de baixas continua a causar desgaste, com a perda de soldados e comandantes experientes. Com o passar do tempo e o aumento das baixas, torna-se cada vez mais difícil lidar com a escassez de tropas, especialmente considerando que a população da Ucrânia é um quarto da população da Rússia (veja a Figura 4).³⁷ O conflito prolongado gerou uma falta de tropas experientes e, muitas vezes, os substitutos carecem de experiência e adestramento adequados devido às exigências do conflito.³⁸ As estimativas revelam taxas surpreendentemente elevadas de baixas, tanto mortos quanto feridos, ressaltando o preço que a Ucrânia vem pagando pela guerra.³⁹



(Imagem cedida pelo Ministério da Defesa da Ucrânia)

Figura 5. Vídeo das Forças Armadas da Ucrânia, da campanha de mídia social #FreedomIsOurReligion

Influência russa por meio da Igreja

A Ucrânia tem sido alvo direto da influência russa por meio da Igreja Ortodoxa Russa. Ao lado da Rússia, a Ucrânia tem a maior população ortodoxa do hemisfério norte, com aproximadamente 65% de seus 27,8 milhões de habitantes identificando-se como membros da Igreja Ortodoxa. Até a criação e o reconhecimento oficial da Igreja Ortodoxa da Ucrânia (*Orthodox Church of Ukraine*, OCU) em 2018, a maioria das comunidades ortodoxas do país estava sob o Patriarcado de Moscou, Patriarcado de Kiev (que se separou do primeiro em 1992)¹ e Igreja Ortodoxa Ucraniana Autocéfala.² Até recentemente, a Igreja Ortodoxa Ucraniana (*Ukrainian Orthodox Church*, UOC), sob o Patriarcado de Moscou, constituía a maior comunidade ortodoxa do país e era a mais integrada com a liderança eclesiástica politicamente influenciada por Moscou. Atualmente, a OCU cresceu a ponto de minar e ofuscar significativamente o tamanho e a influência do Patriarcado de Moscou na Ucrânia, algo que ganhou ainda mais impulso com o prolongamento da guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

1. O Patriarcado de Kiev só foi oficialmente reconhecido pela comunidade ortodoxa maior em 2018 quando o Patriarca Ecumênico Bartolomeu, em Istambul, do Patriarcado de Constantinopla — cuja posição abrangente na comunidade da Igreja Ortodoxa o autoriza a reconhecer e endossar igrejas ortodoxas — revogou uma decisão do século XVII que subordinava a Igreja Ortodoxa da Ucrânia ao patriarcado de Moscou. O Patriarcado de Kiev reuniu, então, quase todas as igrejas não sujeitas ao Patriarcado de Moscou na Ucrânia em uma nova "Igreja Ortodoxa da Ucrânia", posteriormente reconhecida por Bartolomeu. Para a maioria dos ucranianos, isso simbolizou uma etapa final na independência do país em relação a Moscou. Valery Kalinosvsky, "Russian Orthodox Church Cuts Ties with Constantinople", MSN, 15 October 2018, <https://www.msn.com/enus/news/world/russianorthodoxchurchcyststieswithconstantinople/arBBQqBy2>; Carlotta Gall, "Ukrainian Orthodox Christians Formally Break from Russia", *New York Times* (site), 6 January 2019, <https://www.nytimes.com/2019/19/01/06/world/europe/orthodoxchurchukrainerrussia.html>.

2. "Autocéfala" significa que a igreja é independente.

Fonte: Vera Zakem, Paul Saunders e Daniel Antoun, *Mobilizing Compatriots: "Russia's Strategy, Tactics, and Influence in the Former Soviet Union"* (Arlington, VA: CNA, November 2015), https://www.cna.org/CNA_files/PDF/DOP-2015-U-011689-1Rev.pdf.

A escassez de suprimentos continua sendo uma preocupação. Apesar de ter se tornado a terceira maior importadora global de armas em 2022, a Ucrânia ainda enfrenta desafios com equipamentos da era soviética, escassez de munição e dificuldades na integração eficaz de armamentos modernos.⁴⁰ Esses fatores, somados à inexperiência em combate das novas tropas, podem afetar tanto sua vontade de lutar quanto a eficácia geral.⁴¹

Vontade ideológica de lutar

A vontade ideológica de lutar é um elemento distinto e vital na perseverança durante conflitos, transcendendo os limites impostos pela identidade nacional. Consiste na ciência das ideias do combatente a partir de um determinado sistema de crenças políticas ou religiosas e que dá origem a narrativas que justificam e motivam o engajamento em conflitos.⁴² Essas narrativas frequentemente retratam os combatentes como defensores contra ameaças percebidas, evocando sentimentos

históricos e reforçando crenças que sustentam a causa e que nascem de condições sociais propensas a protestos. Nesse contexto, instituições religiosas frequentemente desempenham um papel fundamental ao oferecer justificativas ideológicas para os conflitos, enquadrando-os como lutas sagradas. Assim, quer seja religioso, como visto em algumas das Cruzadas da Idade Média ou na busca de um califado islâmico pelo Estado Islâmico, quer seja politicamente motivado, como na Revolução Russa ou no nazifascismo, esse elemento pode ser o principal motivador do conflito.⁴³

No entanto, o grau de identificação da população com uma narrativa ideológica como um sistema de crenças pode variar enormemente, e a profundidade do compromisso religioso ou político influencia a resolução individual e coletiva. Ao compreender a vontade ideológica de lutar, pode-se perceber melhor as complexidades da resolução, esclarecendo a delicada interação entre narrativas, sentimentos históricos e influências religiosas no contexto dos conflitos armados.

A “Teoria da violação da expectativa” explica as vontades de lutar díspares da Rússia e da Ucrânia

A diferença na vontade de lutar entre russos e ucranianos pode ser explicada pelo conceito de violação da expectativa. Refere-se a situações em que os pensamentos ou as crenças de um indivíduo sobre um acontecimento ou resultado específico não correspondem ao que esperavam, sendo, ao contrário, violados ou questionados. Uma violação da expectativa pode ser tanto positiva quanto negativa. No contexto de conflitos militares, as violações da expectativa podem ter efeitos positivos e negativos na vontade psicológica para lutar.

Rússia. Os constantes fracassos, reveses ou expectativas não atendidas minaram o moral e enfraqueceram a vontade psicológica de lutar dos soldados russos. Decepções constantes levaram à perda de confiança, desmoralização e diminuição da convicção na probabilidade de sucesso. Além disso, a violação da expectativa gerou dúvidas e incertezas sobre a viabilidade de alcançar os objetivos da operação militar especial. À medida que a Rússia enfrentava repetidamente desafios inesperados das forças ucranianas, seus planos estratégicos começaram a ruir, minando a confiança das forças russas e gerando ceticismo sobre a possibilidade de vitória, enfraquecendo assim a vontade psicológica de lutar.

Ucrânia. Os soldados ucranianos sofreram uma violação da expectativa quando de seu sucesso inesperado ou desempenho no campo de batalha contra as forças russas. A superação das expectativas iniciais gerou um senso de empoderamento e fortaleceu sua crença na possibilidade da vitória. Além disso, a violação da expectativa promoveu maior coesão e confiança dentro das forças ucranianas. Conforme os soldados testemunhavam seus companheiros superando expectativas ou demonstrando bravura excepcional, suas crenças na força coletiva e nas capacidades de suas unidades se fortaleciam. Essa experiência compartilhada fortaleceu laços, aumentou o moral e intensificou a vontade psicológica de lutar como uma força coesa.

Fonte: Judee K. Burgoon e Jerold L. Hale, “Nonverbal Expectancy Violations: Model Elaboration and Application to Immediacy Behaviors”, *Communication Monographs* 55, no. 1 (1988): p. 58-79, <https://doi.org/10.1080/03637758809376158>.

A vontade ideológica de lutar da Rússia. A dimensão ideológica da vontade de lutar dos russos está intimamente ligada à narrativa do conflito e ao papel da Igreja Ortodoxa Russa. A justificativa do Kremlin para a operação militar especial retrata os soldados russos como defensores da pátria contra um inimigo maligno, no contexto da preservação da identidade russa e da civilização cristã ortodoxa. Essa narrativa desperta, de forma eficaz, o ressentimento histórico russo em relação ao nazismo e reforça a percepção de ameaça do Ocidente aos cidadãos russos na Ucrânia e na Rússia. A Igreja Ortodoxa Russa desempenha um papel fundamental nessa narrativa, conferindo legitimidade religiosa ao conflito e enquadrando-o como uma luta sagrada, semelhante à Grande Guerra Patriótica (Segunda Guerra Mundial). As narrativas do Kremlin e da Igreja Ortodoxa Russa provavelmente reforçaram o apoio interno à operação militar especial.⁴⁴

Apesar dos esforços do Kremlin de cultivar o apoio ideológico à guerra, existe uma lacuna significativa entre a identificação com essas narrativas e a prática religiosa na Rússia, especialmente entre os militares russos. Embora a Igreja Ortodoxa Russa endosse a narrativa do governo e encoraje os fiéis a apoiarem a guerra “santa”, o ceticismo em relação à religião dentro das Forças Armadas russas ainda é significativo. Esse ceticismo tem suas raízes na associação histórica da liderança da Igreja Ortodoxa Russa com o Kremlin, o que, muitas vezes, leva os soldados a considerarem vazias e insinceras as promessas religiosas.⁴⁵

A vontade ideológica de lutar da Ucrânia. A vontade ucraniana de lutar é mais psicológica que ideológica. Comparativamente, o elemento ideológico é bem reduzido. Os ucranianos estão motivados a combater as forças russas principalmente por motivos

políticos, sociais e racionais, e não por motivos religiosos (veja a Figura 5). As tentativas do Kremlin de usar a Igreja Ortodoxa Russa para influenciar o sentimento ucraniano e obter inteligência sobre as Forças Armadas da Ucrânia tiveram um resultado inesperado. Resultou na rejeição, pelo governo ucraniano e por uma parcela significativa da população, do controle do cristianismo ortodoxo por parte do Patriarcado de Moscou na Ucrânia.

A estratégia do Kremlin de promover o conceito de um Estado russo etnocultural maior, o *Russkiy Mir* (Mundo Russo), como forma de unir os russos e seus compatriotas, enfrentou forte resistência na Ucrânia.⁴⁶ O Serviço de Segurança Ucraniano conduziu investigações sobre entidades pró-Rússia da Igreja Ortodoxa Ucraniana (*Ukrainian Orthodox Church*, UOC), acusando-as de disseminar propaganda e desinformação russas, possivelmente coletando inteligência sobre as Forças Armadas da Ucrânia. Esse exame minucioso levou o governo ucraniano a limitar a influência da UOC e reforçou o sentimento popular antirrusso.⁴⁷

Em resposta à agressão da Rússia, os ucranianos ortodoxos se afastaram do Patriarcado de Moscou e voltaram-se para igrejas não submetidas à sua autoridade, incluindo a Igreja Ortodoxa da Ucrânia em crescimento. Notadamente, a decisão de Kiev de mudar a celebração do Natal da data ortodoxa tradicional de 7 de janeiro para 25 de dezembro ressalta ainda mais a resistência à tradição do Patriarcado de Moscou. Essa mudança representa uma resposta direta dos ucranianos ao ataque da Rússia ao seu território, identidade étnica e seus valores.⁴⁸

Conclusão

A Guerra Russo-Ucraniana oferece uma lição marcante sobre a dinâmica da vontade de lutar. Embora as capacidades materiais sejam importantes na guerra moderna, o espírito, a resiliência e o compromisso de um povo em defender sua terra natal, como demonstrado pela Ucrânia, podem moldar de forma significativa o curso de um conflito. A formulação de políticas e o planejamento devem ir além de simples avaliações das capacidades e recursos militares russos e ucranianos, e incorporar uma compreensão mais profunda dos fatores psicológicos e sociais que impulsionam sua vontade de lutar. Ambas as nações possuem motivações significativas, apesar de distintas, em seu desejo de prevalecer.

A vontade de lutar da Rússia tem origem, principalmente, de cima para baixo, moldada por um ambiente informacional controlado pelo Kremlin e reforçado por seus recursos abundantes. Apesar de o Kremlin explorar a Igreja Ortodoxa Russa, as motivações ideológicas não são a principal força motriz de nenhum dos lados nessa guerra.

A vontade de lutar da Ucrânia emana de uma profunda fonte psicológica e nacionalista, apoiada tanto por suas Forças Armadas quanto pela população. A ameaça existencial representada pela Rússia alimenta a determinação da Ucrânia, amplificada ainda mais pela realidade da defesa de sua terra natal. A Ucrânia desfruta de vantagem psicológica, porém enfrenta desafios tangíveis quanto à vontade de lutar, especialmente em termos de suprimentos e reforço de tropas. Por outro lado, a Rússia possui vantagem devido à sua economia e população maiores. A capacidade da Ucrânia de continuar lutando depende do apoio contínuo do Ocidente em termos de recursos materiais e de seu universo cada vez menor de cidadãos recrutáveis. O desenrolar da Guerra Russo-Ucraniana oferece várias lições que podem orientar os líderes militares dos EUA e seus aliados a planejar futuras estratégias de combate em larga escala e outros tipos de conflito:

Subestimando a resiliência. Uma das lições importantes é o perigo de subestimar a resiliência e a vontade de lutar de uma nação baseando-se em avaliações materiais. A Rússia, com seu poderio militar superior, enfrentou uma resistência mais forte do que o previsto devido à vontade determinada das forças de defesa e dos cidadãos ucranianos.

Superioridade moral. Uma nação ou um grupo que acredita ter a superioridade moral, é capaz de demonstrar uma vontade de lutar desproporcional. Para muitos ucranianos, a defesa da sua terra natal é vista em termos moralistas, alimentando ainda mais a sua resolução.

Solidariedade internacional. A vontade de lutar não é apenas um fenômeno interno. O apoio internacional, tanto moral quanto material, pode fortalecer o espírito de uma nação sob ameaça. A habilidade da Ucrânia de obter simpatia e apoio internacionais é importante para sustentar sua vontade de lutar.

Limitações do poder brando. Embora as estratégias de “poder brando” (*soft power*), como guerra de informação, propaganda e pressão econômica, sejam essenciais

em conflitos modernos, a Guerra Russo-Ucraniana demonstra que elas não conseguem corromper com facilidade a vontade determinada de lutar.

Implicações para o Exército dos EUA

O elemento psicológico da vontade de lutar é um ponto de inflexão. A vontade psicológica de lutar — intimamente ligada à capacidade física — é essencial. Quando o apoio externo se mantém constante, a resolução interna é decisiva. Mesmo para o Exército dos EUA, o apoio material por si só não é suficiente. Promover a resiliência psicológica é um fator intrínseco e vital para atingir os objetivos durante operações de combate em larga escala. O Exército dos EUA pode obter *insights* valiosos ao formar parcerias com aliados como a Ucrânia, para fortalecer suas estratégias de treinamento e desenvolvimento do moral.

A firme resistência da Ucrânia, mesmo quando em desvantagem, ressalta que enfrentar uma ameaça existencial suscita uma vontade de lutar arraigada. O Exército dos EUA pode abordar essa resistência fervorosa em seus exercícios e engajamentos futuros, e também considerar abordagens para ajustar estratégias ao enfrentar ou apoiar forças motivadas por essa variável.

Embora forças em desvantagem numérica, como a ucraniana, possam enfrentar dificuldades em uma guerra prolongada com desgaste de pessoal, podem ainda conseguir minar a resolução do adversário. É importante que o Exército dos EUA compreenda os benefícios de visar a vontade de um oponente, principalmente considerando aspectos de apoio material externo e operações psicológicas, bem como prevendo de que forma os adversários podem vir a usar táticas semelhantes contra eles.

A Guerra Russo-Ucraniana reforça a eficácia do comando de missão relativamente a uma estrutura de comando mais centralizada e de cima para baixo nas operações de combate em larga escala. A iniciativa e a inovação em todos os níveis de comando geram sucesso e contribuem para a vontade de lutar. Apesar de ainda estarem aprendendo a tirar mais proveito do uso das táticas de armas combinadas, as Forças Armadas da Ucrânia empregaram com eficácia o comando de missão, especialmente em suas contraofensivas. O Exército dos EUA pode se beneficiar e obter ganhos ao reforçar seus princípios de comando de missão, especialmente considerando que podem vir a ser empregados em operações de combate em larga escala.

O conflito ilustra que treinamento, liderança e equipamentos superiores podem contrabalançar vantagens numéricas. Ao investir estrategicamente no aprimoramento da qualidade de seu treinamento e equipamento, o Exército dos EUA pode se beneficiar da capacidade de compensar déficits numéricos em cenários futuros de operações de combate em larga escala. Além disso, ao observar o contraste entre os sucessos das Forças Armadas da Ucrânia e os reveses russos, o Exército dos EUA pode afinar seu foco na formação de forças bem treinadas e bem equipadas, garantindo prontidão e adaptabilidade. ■

Contribuíram para este artigo Robert Kurz (FMSO/GCKN), Susan Littleton (FMSO/GCKN), Charles Raymond (TRADOC G-2), Marcus Griffin, Ph.D., (GCKN), Ray Finch (FMSO), Peter Wood (FMSO), Charles Bartles (FMSO), Cindy Hurst (FMSO) e Neil Sleevi (CAC).

Referências

Epígrafe. Valerii Zaluzhnyi (CinCAFofUkraine), "Estamos travando uma guerra contra um país cujo tamanho é 28 vezes maior do que o nosso, cuja população é quatro vezes maior do que a nossa e cujas capacidades militares são muitas vezes maiores do que as nossas. [...]", Facebook, 31 October 2022, <https://www.facebook.com/CinCAFofUkraine/posts/pfbid02Zk9Qo8oe4xJnUeXL3w8U8V-54n91TMdAZsqp89M7JAPuQJTSHwFJaTShMorSKSWxl>.

1. Ben Connable et al., *Will to Fight: Returning to the Human Fundamentals of War* (Santa Monica, CA: RAND Corporation,

2019), https://www.rand.org/pubs/research_briefs/RB10040.html.

2. Office of the Historian, "The Casablanca Conference, 1943", U.S. Department of State, acesso em 13 mar. 2024, <https://history.state.gov/milestones/1937-1945/casablanca>; John Keegan, *The Second World War* (London: Penguin Books, 1998), p. 297-426.

3. Lewis Sorley, *A Better War: The Unexamined Victories and Final Tragedy of America's Last Years in Vietnam* (San Diego: Harcourt Brace, 1999), p. 2-9.

4. Thomas E. Ricks, *Fiasco: The American Military Adventure in Iraq* (London: Penguin Books, 2006), p. 3-12.

5. Colin S. Gray, *Modern Strategy* (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), p. 1-44; Mary Kaldor, *New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era* (New York: Polity Press, 2012), p. 1-14.
6. David M. Glantz, *Zhukov's Greatest Defeat: The Red Army's Epic Disaster in Operation Mars, 1942* (Lawrence: University Press of Kansas, 1999), p. 1-30.
7. Keith Gessen, "How the War in Ukraine Might End", *New Yorker* (site), 29 September 2022, <https://www.newyorker.com/culture/annals-of-inquiry/how-the-war-in-ukraine-might-end>.
8. Phillips Payson O'Brien e Edward Stringer, "The Overlooked Reason Russia's Invasion Is Floundering", *The Atlantic* (site), 9 May 2022, <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2022/05/russian-military-air-force-failure-ukraine/629803/>.
9. Sarah Oates, "Putin's Control over Ukraine War News Is Not Total – It's Challenged by Online News and Risk-Taking Journalists", *The Conversation*, 23 March 2022, <https://theconversation.com/putins-control-over-ukraine-war-news-is-not-total-its-challenged-by-online-news-and-risk-taking-journalists-179540>.
10. "Entire Divisions of Russian Army Are Surrendering and Over a Million People Have Used Ukrainian Website 'I Want To Live'", *Ukrainska Pravda*, 17 December 2022, <https://www.yahoo.com/news/whole-divisions-russian-army-surrender-154958448.html>.
11. Rebekah Koffler, *Putin's Playbook: Russia's Secret Plan to Defeat America* (Washington, DC: Regnery Publishing, 2021), p. 135.
12. Tom Watling, Tim McNulty e Sean Meleady, "Russian Mercenary Claims Deserters Are Shot and Thrown into Graves", *Express* (site), 1 February 2023, <https://www.express.co.uk/news/world/1728446/Russia-war-Commonwealth-forces-Australia-UK-military-live>; Allison Quinn, "Russia Now Has a Second Frontline Set Up Just to Kill Its Deserters: Intel", *Daily Beast*, 27 October 2022, <https://www.thedailybeast.com/russia-now-has-a-second-frontline-set-up-just-to-kill-its-deserters-intel>; Isabel van Brugen, "Russian Army Threatening to Shoot Deserters amid Low Morale: U.K.", *Newsweek* (site), 4 November 2022, <https://www.newsweek.com/russian-army-threatening-shoot-deserters-low-morale-uk-1756880>; Pjotr Sauer, "Russian Soldiers Say Commanders Used 'Barrier Troops' to Stop Them Retreating", *Guardian* (site), 27 March 2023, <https://www.theguardian.com/world/2023/mar/27/russian-soldiers-commanders-used-barrier-troops-stop-retreating>.
13. "Conflict with Ukraine: Assessments for March 2023", ANO Levada Center, 7 April 2023, <https://www.levada.ru/en/2023/04/07/conflict-with-ukraine-assessments-for-march-2023/>; "Conflict with Ukraine: Assessments for February 2023", ANO Levada Center, 13 March 2023, <https://www.levada.ru/en/2023/03/13/conflict-with-ukraine-assessments-for-february-2023/>; "Approval of Institution, Ratings of Parties and Politicians: March 2023", ANO Levada Center, 7 April 2023, <https://www.levada.ru/en/2023/04/07/approval-of-institutions-ratings-of-parties-and-politicians-march-2023/>; "Conflict with Ukraine: Assessments for April 2023", ANO Levada Center, 27 April 2023, <https://www.levada.ru/en/2023/04/27/konflikt-s-ukrainoj-ostenki-aprelya-2023-goadd/>.
14. Ibid.
15. "Putin's Gamble for Resurrection and Coups in Russia", *Odysee*, publicado por "Geo Perspective", 30 September 2022, [putin%27s-gamble-for-resurrection-and-a](https://odysee.com/@GeoPerspective/b/putin%27s-gamble-for-resurrection-and-a); Jack Watling e Nick Reynolds, *Meatgrinder: Russian Tactics in the Second Year of Its Invasion of Ukraine* (Londres: Royal United Services Institute for Defence and Security Studies, 19 May 2023), <https://rusi.org/explore-our-research/publications/special-resources/meatgrinder-russian-tactics-second-year-its-invasion-ukraine>.
16. Katri Pynnöniemi, "The Kremlin Rhetoric and the Framing of the War in Ukraine", *Russian Military and Security Research Group* (blog), 25 May 2022, <https://rusmilsec.blog/2022/05/25/the-kremlin-rhetoric-and-the-framing-of-the-war-in-ukraine/>; Steve Taylor, "Why Do Human Beings Keep Fighting Wars?", *Guardian* (site), 5 August 2014, <https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/aug/05/why-human-beings-keep-fighting-wars-warfare>.
17. Para comparar as pesquisas ucranianas, veja: "Ukrainians Still Committed to Victory, Staying in Ukraine—New Survey", *New Voice of Ukraine*, 23 April 2023, <https://english.nv.ua/life/new-survey-reveals-most-ukrainians-desire-for-victory-and-to-remain-in-ukraine-news-50319726.html>; "Public Opinion on the War, Victory, and Security Guarantees", *Razumkov Centre*, 24 April 2023, <https://razumkov.org.ua/en/sociology/press-releases/public-opinion-on-the-war-victory-and-security-guarantees>; "Symbols, Events, and Personalities Shaping Ukrainians' National Memory of Russia's War against Ukraine", *Ilko Kucheriv Democratic Initiatives Foundation*, 16 May 2023, https://dif.org.ua/en/article/symbols-events-and-personalities-shaping-ukrainians-national-memory-of-russias-war-against-ukraine#_Toc134379502; "What Ukrainians Think about Future of Crimea", *Ilko Kucheriv Democratic Initiatives Foundation*, 23 August 2021, <https://dif.org.ua/en/article/what-ukrainians-think-about-future-of-crimea>; Tobias Bunde, Sophie Eisentraut e Leonard Schutte, "Auch bei Russischem nuklearschlag 89 prozent der Ukrainer wollen weiterkämpfen" [Mesmo no caso de um ataque nuclear russo, 89% dos ucranianos querem continuar lutando], *Tagesspiegel* [*Daily Mirror*] (site), 2 July 2023, <https://www.tagesspiegel.de/internationales/auch-bei-russischem-nuklearschlag-89-prozent-der-ukraener-wollen-weiterkaempfen-bis-zur-rueckerberung-der-krim-9299993.html>; Anton Hrushetskyi, "Dynamics of Readiness for Territorial Concessions for the Earliest Possible End of the War: Results of a Telephone Survey Conducted on September 7-13, 2022", comunicado de imprensa do Kyiv International Institute of Sociology, <https://www.kiis.com.ua/?lang=eng&cat=reports&id=1133&page=1>; Anton Hrushetskyi, "Dynamics of Readiness for Territorial Concessions for the Earliest Possible End to the War: Results of a Telephone Survey Conducted on February 14-22, 2023", comunicado à imprensa do Kyiv International Institute of Sociology, <https://www.kiis.com.ua/?lang=eng&cat=reports&id=1192&page=1>; "Понад 90% українців вірять у перемогу Понад 90% українців вірять у перемогу" [Mais de 90% dos ucranianos acreditam na vitória], *Ukrinform*, 25 August 2023, <https://www.ukrinform.ua/rubric-society/3689814-ponad-90-ukrainciv-virat-u-peremogu.html>; "Reconstruction of Ukraine and International Aid (November 2022)", *Rating Group*, 13 December 2022, https://ratinggroup.ua/en/research/ukraine/v_dbudova_ukra_ni_ta_m_zhnarodna_dopomoga_20-21_listopada_2022.html; R. J. Reinhart, "Ukrainians Support Fighting until Victory", *Gallup*, 18 October 2022, <https://news.gallup.com/poll/403133/ukrainians-support-fighting-until-victory.aspx>; Peter Dickinson, "Poll: 86% of Ukrainians Want to Fight on despite Russian Terror Bombing", *UkraineAlert* (blog), Atlantic Council, 25 October 2022, <https://www.atlanticcouncil>.

[org/blogs/ukrainealert/ukraine-defiant-as-putins-terror-bombing-plunges-cities-into-darkness/](https://www.thermopylae.org/blogs/ukrainealert/ukraine-defiant-as-putins-terror-bombing-plunges-cities-into-darkness/).

18. Tom Mutch, "A Terrifying Secret in Putin's War Is Now Impossible to Hide", *Daily Beast*, 7 June 2023, <https://www.thedailybeast.com/ukraine-fears-military-recruitment-crisis-in-the-war-against-russias-army>.

19. Rupert Matthews, *The Battle of Thermopylae: A Campaign in Context* (Gloucestershire, UK: The History Press, 2008).

20. Ibrahim Al-Marashi e Daniel P. Bolger, "ISIS's Projection of Landpower in Iraq", in *Landpower in the Long War: Projecting Force After 9/11*, ed. Jason W. Warren (Lexington: University Press of Kentucky, 2019), p. 202-16, <https://doi.org/10.2307/j.ctvg5bst0.17>.

21. Steven Pifer, "The Russia-Ukraine War and Its Ramifications for Russia", Brookings Institution, 8 December 2022, <https://www.brookings.edu/articles/the-russia-ukraine-war-and-its-ramifications-for-russia/>; "Comparison of United States and Russia Military Strengths (2024)", Global Firepower, <https://www.globalfirepower.com/countries-comparison-detail.php?country1=ukraine&country2=russia>; "GlobalFirepower.com Ranks (2005-Present): Military Powers Ranked since 2005 According to Global Firepower", Global Firepower, acesso em 20 fev. 2024, <https://www.globalfirepower.com/global-ranks-previous.php>; figure 3 from "2023 Ukraine Military Strength", Global Firepower, 31 May 2023, https://www.globalfirepower.com/country-military-strength-detail.php?country_id=ukraine.

22. "Russia", Heritage Foundation, 24 January 2024, <https://www.heritage.org/military-strength/assessing-threats-us-vital-interests/russia>.

23. Fred Kaplan, "No You're Not Imagining It: Russia's Army Is Inept", *Slate*, 28 February 2022, <https://slate.com/news-and-politics/2022/02/no-youre-not-imagining-it-russias-army-is-inept.html>.

24. David Brennan, "How Russian Forces in Ukraine Are Learning to Fight: U.S. Veteran Trainer", *Newsweek* (site), 13 March 2023, <https://www.newsweek.com/how-russian-forces-ukraine-learning-fight-american-veteran-trainer-1787239>; Quentin Sommerville, "Bakhmut: Russian Casualties Mount but Tactics Evolve", *BBC*, 16 March 2023, <https://www.bbc.com/news/world-europe-64955537>; Matthew Loh, "A Ukrainian Drone Commander Said Russian Troops Would Sit around and Get Shot at the Start of the War, but Have Learned from Their Mistakes", *Business Insider*, 19 April 2023, <https://www.businessinsider.com/ukrainian-soldier-says-russians-sat-around-get-shot-war-start-2023-4>.

25. Jake Epstein, "Russia and Ukraine Have a Lot of the Same Tanks and Jets, but Kyiv Has a Decisive 'Flesh and Bone' Advantage, Top US Enlisted Leader Says", *Business Insider*, 1 March 2023, <https://www.businessinsider.com/ukraine-decisive-flesh-bone-edge-over-russia-top-us-leader-2023-3>; Seth G. Jones, Riley McCabe e Alexander Palmer, "Ukrainian Innovation in a War of Attrition", Center for Strategic and International Studies (CSIS), 27 February 2023, <https://www.csis.org/analysis/ukrainian-innovation-war-attrition>.

26. Sommerville, "Bakhmut"; Natalia Yurchenko, "РФ способна полностью обеспечить свою армию людьми для продолжительной войны: как заманивают" [A Federação Russa é capaz de guarnecer totalmente seu Exército para uma guerra prolongada: como atrain], *RBC-Ukraine*, 13 April 2023, <https://www.rbc.ua/ukr/news/rf-zdatna-povnistyu-zabezpechiti-svoyu-armiyu-1681377036.html>; "Russia's Population Nightmare Is Going to Get Even Worse", *Economist* (site), 4 March 2023, <https://www.economist.com/europe/2023/03/04/russias-population-nightmare-is-going-to-get-even-worse>.

[economist.com/europe/2023/03/04/russias-population-nightmare-is-going-to-get-even-worse](https://www.economist.com/europe/2023/03/04/russias-population-nightmare-is-going-to-get-even-worse).

Jones, McCabe e Palmer, "Ukrainian Innovation"; Julius Lasin, "'Unprecedented' Casualties for Russian Troops", *USA Today* (site), 28 February 2023, <https://www.usatoday.com/story/nletter/ukraine-russia-crisis/2023/02/28/ukraine-russia-crisis-unprecedented-casualties-russian-troops/11365763002/>. Em relação às baixas, após um ano inteiro de conflitos (fevereiro de 2022 a fevereiro de 2023), o CSIS estima que a Rússia tenha sofrido cerca de 200 a 250 mil baixas — incluindo mortos, feridos ou desaparecidos — desde que o Kremlin invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022, das quais 60 a 70 mil seriam de mortos.

Jakob Janovsky et al., "Attack on Europe: Documenting Russian Equipment Losses during the Russian Invasion of Ukraine", *Oryx* (blog), 24 February 2022, <https://www.oryxspioenkop.com/2022/02/attack-on-europe-documenting-equipment.html>; Janovsky et al., "List of Aircraft Losses during the Russian Invasion of Ukraine", *Oryx* (blog), 20 March 2022, <https://www.oryxspioenkop.com/2022/03/list-of-aircraft-losses-during-2022.html>. Quanto à perda de equipamentos, a Oryx, equipe vastamente citada de blogueiros de inteligência de fontes abertas, relatou em meados de julho de 2023 um total de 11.033 veículos e 444 aeronaves russas destruídas, avariadas, abandonadas e capturadas, conforme evidenciado por vias fotográficas ou videográficas.

27. Brennan, "How Russian Forces in Ukraine Are Learning to Fight"; Sommerville, "Bakhmut"; Watling e Reynolds, *Meat-grinder*. O Royal United Services Institute (veja Watling e Reynolds) classificou essas categorias conforme a função: a infantaria de linha mantém o terreno na defesa, a infantaria de assalto ataca os pontos fracos, a infantaria descartável é composta de escaramuçadores e busca pontos fracos, e as tropas especializadas, como a aeroterrestre e a Spetznaz, são utilizadas em incursões e operações especiais.

28. Sommerville, "Bakhmut"; Yurchenko, "The Russian Federation"; *Economist*, "Russia's Population Nightmare".

29. Jessica Warren, "Russian Conscripts Are Resorting to 'Playing Dead on the Battlefield' as They Are Sent in to Fight with Poor Equipment and Insufficient Training", *Daily Mail* (site), 2 November 2022, <https://www.dailymail.co.uk/news/article-11383061/Russian-conscripts-resorting-playing-dead-battlefield.html>; Sinéad Baker, "Russia Is Sending Troops to 'Less Experienced' Belarus for Training because Most of Its Own Instructors Have Been Deployed to Ukraine, Says UK Intelider", *Business Insider*, 24 March 2023, <https://www.businessinsider.com/russia-troops-trained-belarus-own-instructors-deployed-ukraine-uk-intel-2023-3>; Isabel van Brugen, "Russia Admits It's Running Out of Equipment for Mobilized Soldiers", *Newsweek* (site), 27 October 2022, <https://www.newsweek.com/russia-equipment-weapons-shortage-peskov-soldiers-ukraine-1755057>; Associated Press, "'How Long Can This Go On?': Russia's Chaotic Draft Leaves Soldiers Cold and Unequipped", *Los Angeles Times* (site), 26 October 2022, <https://www.latimes.com/world-nation/story/2022-10-26/russia-chaotic-draft-leaves-soldiers-cold-unequipped>.

30. Warren, "Russian Conscripts Are 'Playing Dead'"; Allison Quinn, "Taped Call Captures Putin's Troops in Self-Loathing Spiral", *Daily Beast*, 23 March 2023, <https://www.thedailybeast.com/leaked-tape-captures-russian-troops-mocking-vladimir-putins-war-in-ukraine>; Connor Surmonte, "Vladimir Putin's Soldiers Starving in Ukraine, Surviving on Only 'Instant Noodles' & Potatoes Cooked on 'Rockets'", *Radar Online*, 6 February 2023,

<https://radaronline.com/p/vladimir-putin-soldiers-starving-ukraine-surviving-instant-noodles-potatoes-cooked-rockets/>.

31. Cory Welt, "U.S. Security Assistance to Ukraine", Congressional Research Service (CRS) In Focus IF12040 (Washington, DC: CRS, 15 February 2024), <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF12040>; "Relations with Ukraine", OTAN, última atualização em 28 de jul. 2023, https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_37750.htm; Sophia Ankel, "The Rise of Ukraine's 'Iron General' Who Reformed Its Army and Became Putin's Worst Nightmare", Business Insider, 16 February 2023, <https://www.businessinsider.com/valerii-zaluzhnyi-iron-general-putin-ukraine-war-russia-2023-1>.

32. Welt, "U.S. Security Assistance to Ukraine"; NATO, "Relations with Ukraine".

33. Emily Feng e Kateryna Malofieieva, "As Ukraine's War Grinds On, Soldiers Are Outgunned and Injuries Are Rising", NPR, 18 July 2022, <https://www.npr.org/2022/07/18/1112113033/ukraine-russia-war-injuries-morale>; Phil McCausland, "Foreign Soldiers Flocked to Ukraine after Russia Invaded. Five Months On, the Fighting Is Taking a Heavy Toll", NBC News, 21 July 2022, <https://www.nbcnews.com/news/world/ukraine-russia-foreign-soldiers-invasion-morale-us-veterans-rcna39268>.

34. Daniel Kochis, "Assessing the Global Operating Environment: Europe", Heritage Foundation, 24 January 2024, <https://www.heritage.org/military-strength/assessing-the-global-operating-environment/europe>; Isabelle Khurshudyan, Paul Sonne e Karen DeYoung, "Ukraine Short of Skilled Troops and Munitions as Losses, Pessimism Grow", *Washington Post* (site), 13 March 2023, <https://www.washingtonpost.com/world/2023/03/13/ukraine-casualties-pessimism-ammunition-shortage/>; Tara Copp, "1st Class of Ukrainian Fighters Finishes Advanced US Training", Associated Press, 17 February 2023, <https://apnews.com/article/russia-ukraine-politics-lloyd-austin-ap-top-news-afcf8d86e422d6a848087c-c5160af554>; "Ukrainian Military Completing Training on Patriot System – Top Defense Official", *Ukrinform*, 28 February 2023, <https://www.ukrinform.net/rubric-ato/3676510-ukrainian-military-completing-training-on-patriot-system-top-defense-official.html>; Marco Trujillo e Juan Medina, "Ukrainian Soldiers Wrap Up Leopard 2A4 Tank Training in Spain", *Reuters*, 13 March 2023, <https://www.reuters.com/world/europe/ukrainian-soldiers-wrap-up-leopard-2a4-tank-training-spain-2023-03-13/>.

35. Brian Mann, "A Young Officer Hopes to Turn the Tide of War as Ukraine Fights to Retake a Key City", NPR, 3 August 2022, <https://www.npr.org/2022/08/03/1114755089/a-young-officer-hopes-to-turn-the-tide-of-war-as-ukraine-fights-to-retake-a-key>.

36. Christoher Woody, "Ukraine's Battlefield Success Surprised Russia, but US Troops Who Trained Ukrainians Saw It Coming, National Guard Chief Says", *Business Insider*, 27 January 2023, <https://www.businessinsider.com/ukrainian-ncos-helped-fend-off-russian-attack-national-guard-chief-2023-1>; Epstein, "Russia and Ukraine Have a Lot of the Same Tanks and Jets"; Jake Epstein, "Ukrainian Troops Say Western Military Officers Have Been FaceTiming with Them to Teach Them How to Use Weapons Coming without Instructions", *Business Insider*, 17 April 2023, <https://www.businessinsider.com/western-officers-facetime-ukrainian-troops-help-teach-using-weapons-2023-4>; Christopher Woody, "Russian Forces 'Can't Cope' with the 'Unpredictability' of Ukrainian Troops, Top Enlisted Leader Says", *Business Insider*, 2 August 2022, <https://www.businessinsider.com/russian-forces-cant-cope-with-ukrainian-ncos-enlisted-leader-says-2022-8>.

37. Liam Collins, "In 2014, the 'Decrepit' Ukrainian Army Hit the Refresh Button. Eight Years Later, It's Paying Off", *The Conversation*, 8 March 2022, <https://theconversation.com/in-2014-the-decrepit-ukrainian-army-hit-the-refresh-button-eight-years-later-its-paying-off-177881>; Ankel, "The Rise of Ukraine's 'Iron General'"; Khurshudyan, Sonne e DeYoung, "Ukraine Short on Skilled Troops and Munitions"; Jake Epstein, "After the Next Round of Major Fighting with Russia, Ukraine May Be Living 'Pay-check to Paycheck' with Western Gear, Expert Says", *Business Insider*, 7 April 2023, <https://www.businessinsider.com/ukraine-may-live-paycheck-to-paycheck-western-gear-expert-russia-2023-4>.

Figure 4 from "Population Pyramids of the World from 1950 to 2100: Ukraine", *PopulationPyramid.net*, 19 July 2023, <https://www.populationpyramid.net/ukraine/2023/>; "Population Pyramids of the World from 1950 to 2100: Russia", *PopulationPyramid.net*, 19 July 2023, <https://www.populationpyramid.net/russian-federation/2023/>.

38. David Brennan, "Russian Spring Offensive May Already Be Stalling: U.S. Trainer in Ukraine", *Newsweek* (site), 9 March 2023, <https://www.newsweek.com/russian-spring-offensive-already-stalling-american-trainer-ukraine-1786587>; Jones, McCabe e Palmer, "Ukrainian Innovation"; John Leicester e David Keyton, "Low Morale Takes Hold of Ukrainian, Russian Troops", *PBS NewsHour*, 19 June 2022, <https://www.pbs.org/newshour/world/low-morale-takes-hold-of-ukrainian-russian-troops>; *Economist*, "Russia's Population Nightmare".

39. Khurshudyan, Sonne e DeYoung, "Ukraine Short on Skilled Troops and Munitions"; David Lawler, "Ukraine Suffering up to 1,000 Casualties per Day in Donbas, Official Says", *Axios*, 15 June 2022, <https://www.axios.com/2022/06/15/ukraine-1000-casualties-day-donbas-arakhmia>; "Подоліть о ежедневных потерях ВСУ: цифри уменьшились в три рази" [Podolyak sobre as perdas diárias das Forças Armadas da Ucrânia: os números caíram três vezes], *RBC-Ukraine*, 9 August 2022, <https://www.rbc.ua/rus/news/podolyak-ezhednevnyh-poteryah-vsu-tsifry-1660032459.html>; Andrew S. Bowen, "Ukrainian Military Performance and Outlook", *CRS In Focus IF12150* (Washington, DC: CRS, atualização 1 dez. 2023), <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF12150>; Tom Mutch, "A Terrifying Secret in Putin's War Is Now Impossible to Hide", *Daily Beast*, 7 June 2023, <https://www.thedailybeast.com/ukraine-fears-military-recruitment-crisis-in-the-war-against-russias-army>.

40. "Surge in Arms Imports to Europe, while US Dominance of the Global Arms Trade Increases", *Stockholm International Peace Research Institute*, 13 March 2023, <https://sipri.org/media/press-release/2023/surge-arms-imports-europe-while-us-dominance-global-arms-trade-increases>; Associated Press, "Ukraine Was the 3rd Largest Importer of Arms in 2022, Thanks to Aid from US, Europe", *Fox News*, 13 March 2023, <https://www.foxnews.com/world/ukraine-3rd-largest-importer-arms-2022-thanks-aid-us-europe>; Epstein, "After the Next Round of Major Fighting".

41. Chris Panella, "Front-Line Ukrainian Soldiers Say It Seems Like Russia Has 'Unlimited' Artillery Shells to Throw at Them While They're Worried about Running Out", *Business Insider*, 24 March 2023, <https://www.businessinsider.com/front-line-ukrainian-soldiers-describe-russian-artillery-shells-bbc-video-2023-3>; Khurshudyan, Sonne e DeYoung, "Ukraine Short of Skilled Troops and Munitions".

42. H. M Drucker, "Marx's Concept of Ideology", *Philosophy* 47, no. 180 (April 1972): p. 152-61, <https://doi.org/10.1017/S0031819100040882>.

43. Jonathan Leader Maynard, "Identity and Ideology in Political Violence and Conflict", *St. Antony's International Review* 10, no. 2 (February 2015): p. 18-52.

44. "Рождественское интервью Святейшего Патриарха Кирилла телеканалу Россия 1" [Entrevista de Natal de Cirilo I, o Patriarca de Moscou, ao canal de TV Rússia 1], Patriarch.ru, 7 January 2023, <http://www.patriarchia.ru/db/text/5992951.html>; Olesya Pavlenko, "Патриарх Кирилл считает, что желание уничтожить Россию приведет к концу мира" [O Patriarca Cirilo acredita que o desejo de destruir a Rússia levará ao fim do mundo], *Kommersant* (site), 19 January 2023, <https://www.kommersant.ru/doc/5774586>; Anastasia Koskello, "Церковь не очень-то нужна армии" [A igreja não é realmente necessária para o exército], *Nezavisimaya Gazeta* (site), 15 November 2022, https://www.ng.ru/ng_religii/2022-11-15/9_540_army.html; Andrei Melnikov, "О великодержавном богословии патриарха Кирилла" [Sobre a teologia do grande poder do Patriarca Cirilo], *Nezavisimaya Gazeta* (site), 6 November 2022, https://www.ng.ru/kartblansh/2022-11-06/3_8582_kartblansh.html; NATO Strategic Communication Centre of Excellence (STRATCOM COE), *Analysis of Russia's Information Campaign against Ukraine* (Riga, LV: NATO STRATCOM COE, 2015), https://stratcomcoe.org/cuploads/pfiles/russian_information_campaign_public_12012016fin.pdf; "Disinformation and Russia's War of Aggression against Ukraine: Threats and Governance Responses", Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), 3 November 2022, <https://www.oecd.org/ukraine-hub/policy-responses/disinformation-and-russia-s-war-of-aggression-against-ukraine-37186bde/>.

45. Koskello, "The Church Is Not Really Needed by the Army".

46. Patriarch.ru, "Christmas Interview of His Holiness Patriarch Kirill"; Pavlenko, "Patriarch Kirill Believes"; Koskello, "The Church Is Not Really Needed by the Army"; Melnikov, "On the Great Power Theology of Patriarch Kirill"; NATO STRATCOM COE, *Analysis of Russia's Information Campaign*; OECD, "Disinformation and Russia's War of Aggression"; Alexandra Markovich, "As More Ukrainians Choose Kyiv Patriarchate, Push Intensifies for Unified National Orthodox Church", *Kyiv Post* (site), 23 June 2016, <https://www.kyivpost.com/post/10788>.

47. МИХАЙЛО ТКАЧ, "Московська церква має 'скласти зброю' в Україні" [A Igreja de Moscou deve se render na Ucrânia], *Ukrainska Pravda*, 11 April 2023, <https://www.pravda.com.ua/columns/2023/04/11/7397428/>; Robert Kurz, do Foreign Military Studies Office, em conversa com o autor Andrew Johnson como parte da Consulta do Grupo de Estudos do Pessoal Sênior de Defesa Nacional da Ucrânia realizada em Kiev,

Ucrânia, em maio de 2016, e correspondência por e-mail em novembro de 2017; Valentyna Romanenko, "СБУ оглянула 350 споруд УПЦ МП: знайшли підозрілих росіян, гроші і літературу для промивання мізків" [Serviço de Segurança da Ucrânia faz buscas em 350 edifícios da Igreja Ortodoxa Ucraniana ou do Patriarcado de Moscou], *Ukrainska Pravda*, 23 November 2023, <https://www.pravda.com.ua/news/2022/11/23/7377563/>; Valentyna Romanenko, "Крім Лаври СБУ завітала до церковників УПЦ МП на Рівненщині: шукають ДРГ і зброю" [Além do Mosteiro de Kiev-Petchersk, o Serviço de Segurança da Ucrânia visita mosteiro no Oblast de Rivne: Em busca de grupos e armas para uso em sabotagem e reconhecimento], *Ukrainska Pravda*, 22 November 2023, <https://www.pravda.com.ua/news/2022/11/22/7377416/>; Valentyna Romanenko, "До Києво-Печерської Лаври прийшли СБУ, поліція і Нацгвардія" [Forças de segurança da Ucrânia, polícia e Guarda Nacional realizam operações de contraespionagem no mosteiro de Kiev], *Ukrainska Pravda*, 22 November 2023, <https://www.pravda.com.ua/news/2022/11/22/7377385/>; "SBU Finds Propaganda Materials Denying Existence of Ukraine in Moscow Patriarchate Churches in Western Ukraine", *Interfax-Ukraine*, 28 November 2023, <https://en.interfax.com.ua/news/general/875101.html>.

48. "З початку року 63 церкви перейшли до ПЦУ, ще 8,5 тисяч залишаються в УПЦ МП" [Sessenta e três organizações religiosas se juntaram à Igreja Ortodoxa Ucraniana desde o início de 2023], *Ukrainska Pravda*, 10 April 2023, <https://www.pravda.com.ua/news/2023/04/10/7397195/>; "Yet Another Orthodox Parish in Ukraine Snubs Moscow-Run Church", *Ukrinform*, 11 April 2023, <https://www.ukrinform.net/rubric-society/3694255-yet-another-orthodox-parish-in-ukraine-snubs-moscowrun-church.html>; Asami Terajima, "Ukrainians Celebrate 'Double Christmas' in the Shadow of Russia's Brutal War", *Kyiv Independent*, 7 January 2023, <https://kyivindependent.com/national/ukrainians-celebrate-double-christmas-in-the-shadow-of-russias-brutal-war>; Karina Levitska, "Вже цього року. Українська греко-католицька церква переходить на новий календар" [Já neste ano. A Igreja Católica Greco-ucraniana está mudando para um novo calendário], *RBC-Ukraine*, 6 February 2023, <https://www.rbc.ua/rus/news/vzhe-tsogo-roku-ukrayinska-greko-katolitska-1675698015.html>.

Figura 5 do Ministério de Defesa da Ucrânia (@DefenceU), "Não há nenhuma força no mundo capaz de impedir esta nação de atingir seu objetivo sagrado de viver em liberdade em sua própria terra, dada por Deus. #FreedomIsOurReligion", X (anteriormente Twitter), 27 May 2023, 5:05 a.m., <https://twitter.com/DefenceU/status/1662399743514005505>.

ÍNDICE DE TÍTULOS

A

"Arte operacional chinesa: A primazia da dimensão humana", Rob Hafen (Primeiro Trimestre): p. 57

C

"Capacitando as operações no escalão divisão em todo o espectro do conflito: O que uma SFAB pode fazer por você", Ten Cel Eric B. Alexander, Exército dos EUA (Quarto Trimestre), p. 58

"Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra", Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA; CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA; CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA; e Travis V. Meyer (Quarto Trimestre): p. 23

D

"Decidida entre as cidades: O passado, o presente e o futuro da guerra em ambientes urbanos", Maj Michael G. Anderson, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 68

E

"Eletrônica biológica: Uma tecnologia transformadora para a segurança nacional", James J. Valdes, Ph.D.; James P. Chambers, Ph.D.; e Diane M. Kotras (Terceiro Trimestre): p. 32

F

"Falta de vontade: Como a Força Totalmente Voluntária condicionou o público estadunidense", Maj Christopher J. Parker, Exército dos EUA (Segundo Trimestre): p. 20

"FM 3-0: Um passo à frente na abordagem da arte operacional", Maj Christopher M. Salerno, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 23

"Fragil e brutal: Um cenário evitável para as relações civis-militares em 2024", Cel Todd Schmidt, Ph.D., Exército dos EUA (Segundo Trimestre): p. 2

G

"Um grau incrível de treinamento penoso e realista: A preparação da 4ª Divisão de Infantaria para o Dia D", Stephen A. Bourque, Ph.D. (Quarto Trimestre): p. 32

I

"A Iniciativa 'Um Cinturão, Uma Rota' da China na África Oriental: Encontrando o sucesso no fracasso?", Edward A. Lynch, Ph.D. (Primeiro Trimestre): p. 42

J

"Jogos de guerra, o laboratório do planejamento militar: Uma colaboração em jogos de guerra entre as Escolas de Comando e Estado-Maior dos Exércitos dos EUA e do Brasil", Ten Cel (Res) Richard A. McConnell, DM, Exército dos EUA; Maj Cleber H. B. Simões, Exército Brasileiro; Maj Roney Magno de Sousa, Exército Brasileiro; e Maj Thiago Caron da Silva, Exército Brasileiro (Artigo Exclusivamente On-line – Setembro)

L

"Lewis e Stokes: O que Lawrence da Arábia e seus sargentos nos ensinam sobre o assessor de combate moderno", Ten Cel Garrett M. Searle, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 48

"Lições aprendidas pelo 75º Regimento *Ranger* durante 20 anos de atendimento pré-hospitalar tático", Cel Ryan M. Knight, Exército dos EUA; Cel (Res) Russ S. Kotwal, Exército dos EUA; e Ten Cel Charles H. Moore, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 12

O

"Olhando para fora: Lições de assistência às forças de segurança extraídas da experiência francesa na África", Maj Daniel K. Dillenback, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 31

P

"Prática deliberada e aquisição da expertise militar", Ten Cel Sebastian K. Welsh, M.D., Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 2

"As primeiras 48 horas", Maj Cole Herring, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 63

"Propaganda chinesa: O efeito Hollywood", Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta (Terceiro Trimestre): p. 43

Q

"Quatro minutos para formar um líder", Maj James Cowen, Exército britânico (Primeiro Trimestre): p. 23

R

"As reformas de Xi Jinping no ELP e a redefinição de 'defesa ativa'", Cap Scott J. Tosi, Reserva do Exército dos EUA (Segundo Trimestre): p. 60

"Respostas ao preconceito e à discriminação de gênero em relação às oficiais mulheres", Cel Adrian Sullivan, Exército dos EUA, e Allison Abbe, Ph.D. (Primeiro Trimestre): p. 2

"A revolução iminente da IA nas Forças Armadas", Cel Joshua Glonek, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 10

S

"Serviço seletivo: Antes da Força Totalmente Voluntária", Barry M. Stentford, Ph.D. (Segundo Trimestre): p. 7

T

"Termo de arte: O que a doutrina conjunta não compreende sobre a arte operacional e por que isso é importante", Maj Rick Chersicla, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 16

"Três datas, três janelas e todo o DOTMLPF-P: Como o Exército de Libertação Popular representa um desafio para todo o Exército", Ian M. Sullivan (Segundo Trimestre): p. 47

V

"Vantagem informacional: Uma abordagem de armas combinadas", Cel (Res) Richard Creed, Exército dos EUA, e Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 2

"Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos", Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA; e Travis Bolio (Segundo Trimestre): p. 34

"Vontade de lutar: *Insights* do século XXI sobre a Guerra Russo-Ucraniana", Benjamin A. Okonofua, Ph.D.; Nicole Laster-Loucks, Ph.D.; e Ten Cel Andrew Johnson, Reserva do Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 67

ÍNDICE DE AUTORES

A

Abbe, Allison, Ph.D., e Cel Adrian Sullivan, Exército dos EUA, "Respostas ao preconceito e à discriminação de gênero em relação às oficiais mulheres" (Primeiro Trimestre): p. 2

Albano, John P., Cel (Res), M.D., Exército dos EUA; CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA; CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA; e Travis V. Meyer, "Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra" (Quarto Trimestre): p. 23

Alexander, Eric B, Ten Cel, Exército dos EUA, "Capacitando as operações no escalão divisão em todo o espectro do conflito: O que uma SFAB pode fazer por você" (Quarto Trimestre), p. 58

Anderson, Michael G., Maj, Exército dos EUA, "Decidida entre as cidades: O passado, o presente e o futuro da guerra em ambientes urbanos" (Primeiro Trimestre): p. 68

B

Bolio, Travis; Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; e Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA, "Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos" (Segundo Trimestre): p. 34

Bourque, Stephen A., Ph.D., "Um grau incrível de treinamento penoso e realista: A preparação da 4ª Divisão de Infantaria para o Dia D" (Quarto Trimestre): p. 32

C

Chambers, James P., Ph.D.; James J. Valdes, Ph.D.; e Diane M. Kotras, "Eletrônica biológica: Uma tecnologia transformadora para a segurança nacional" (Terceiro Trimestre): p. 32

Chersicla, Rick, Maj, Exército dos EUA, "Termo de arte: O que a doutrina conjunta não compreende sobre a arte operacional e por que isso é importante" (Primeiro Trimestre): p. 16

Cowen, James, Maj, Exército britânico, "Quatro minutos para formar um líder" (Primeiro Trimestre): p. 23

Creed, Richard, Cel (Res), Exército dos EUA, e Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA, "Vantagem informacional: Uma abordagem de armas combinadas" (Quarto Trimestre): p. 2

- D**
- Dauber, Cori E., Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta, "Propaganda chinesa: O efeito Hollywood" (Terceiro Trimestre): p. 43
- Dillenback, Daniel K., Maj, Exército dos EUA, "Olhando para fora: Lições de assistência às forças de segurança extraídas da experiência francesa na África" (Primeiro Trimestre): p. 11
- F**
- Flynn, Michael, Ten Cel (Res), Exército dos EUA, e Cel (Res) Richard Creed, Exército dos EUA, "Vantagem informacional: Uma abordagem de armas combinadas" (Quarto Trimestre): p. 2
- G**
- Glonek, Joshua, Cel, Exército dos EUA, "A revolução iminente da IA nas Forças Armadas" (Quarto Trimestre): p. 10
- Greiner, Robert T., Ten Cel, Exército dos EUA; Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; e Travis Bolio "Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos" (Segundo Trimestre): p. 34
- H**
- Hafen, Rob, "Arte operacional chinesa: A primazia da dimensão humana" (Primeiro Trimestre): p. 57
- Herring, Cole, Maj, Exército dos EUA, "As primeiras 48 horas" (Terceiro Trimestre): p. 63
- J**
- Johnson, Andrew, Ten Cel, Reserva do Exército dos EUA; Benjamin A. Okonofua, Ph.D.; e Nicole Laster-Loucks, Ph.D., "Vontade de lutar: *Insights* do século XXI sobre a Guerra Russo-Ucraniana" (Quarto Trimestre): p. 67
- Jones, D. Alexander; Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; Jolie Koonce; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta, "Propaganda chinesa: O efeito Hollywood" (Terceiro Trimestre): p. 43
- K**
- Kelley, Heiva Hugh, Cel, Reserva do Exército dos EUA; Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA; e Travis Bolio "Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos" (Segundo Trimestre): p. 34
- Knight, Ryan M., Cel, Exército dos EUA; Cel (Res) Russ S. Kotwal, Exército dos EUA; e Ten Cel Charles H. Moore, Exército dos EUA, "Lições aprendidas pelo 75º Regimento *Ranger* durante 20 anos de atendimento pré-hospitalar tático" (Terceiro Trimestre): p. 12
- Koonce, Jolie; Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta, "Propaganda chinesa: O efeito Hollywood" (Terceiro Trimestre): p. 43
- Kotras, Diane M.; James J. Valdes, Ph.D.; e James P. Chambers, Ph.D., "Eletrônica biológica: Uma tecnologia transformadora para a segurança nacional" (Terceiro Trimestre): p. 32
- Kotwal, Russ S., Cel (Res), Exército dos EUA; Cel Ryan M. Knight, Exército dos EUA; e Ten Cel Charles H. Moore, Exército dos EUA, "Lições aprendidas pelo 75º Regimento *Ranger* durante 20 anos de atendimento pré-hospitalar tático" (Terceiro Trimestre): p. 12
- L**
- Laster-Loucks, Nicole, Ph.D.; Benjamin A. Okonofua, Ph.D.; e Ten Cel Andrew Johnson, Reserva do Exército dos EUA, "Vontade de lutar: *Insights* do século XXI sobre a Guerra Russo-Ucraniana" (Quarto Trimestre): p. 67
- Liddick, Jay, Cel, Exército dos EUA; Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA; e Travis Bolio, "Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos" (Segundo Trimestre): p. 34
- Linnville, Steven E., CF (Res), Ph.D., Marinha dos EUA; Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA; CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA; e Travis V. Meyer, "Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra" (Quarto Trimestre): p. 23
- Lynch, Edward A., Ph.D., "A Iniciativa 'Um Cinturão, Uma Rota' da China na África Oriental: Encontrando o sucesso no fracasso?" (Primeiro Trimestre): p. 42
- M**
- McConnell, Richard A., Ten Cel (Res), DM, Exército dos EUA; Maj Cleber H. B. Simões, Exército Brasileiro; Maj Roney Magno de Sousa, Exército Brasileiro; e Maj Thiago Caron da Silva, Exército Brasileiro, "Jogos de guerra, o laboratório de planejamento militar: Uma colaboração em jogos de guerra entre as Escolas de Comando e Estado-Maior dos Exércitos dos EUA e do Brasil" (Artigo Exclusivamente On-line – Setembro)
- Meeks III, Steven A.; Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; e Zane Mehta, "Propaganda chinesa: O efeito Hollywood" (Terceiro Trimestre): p. 43
- Mehta, Zane; Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; e Steven A. Meeks III, "Propaganda chinesa: O efeito Hollywood" (Terceiro Trimestre): p. 43
- Metzler, Matthew N., Gen (BG), Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA; e Travis Bolio "Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos" (Segundo Trimestre): p. 34
- Meyer, Travis V.; Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA; CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA; e CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA, "Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra" (Quarto Trimestre): p. 23
- Moore, Charles H., Ten Cel, Exército dos EUA; Cel Ryan M. Knight, Exército dos EUA; e Cel (Res) Russ S. Kotwal, Exército dos EUA, "Lições aprendidas pelo 75º Regimento *Ranger* durante 20 anos de atendimento pré-hospitalar tático" (Terceiro Trimestre): p. 12
- O**
- Okonofua, Benjamin A., Ph.D.; Nicole Laster-Loucks, Ph.D.; e Ten Cel Andrew Johnson, Reserva do Exército dos EUA, "Vontade de lutar: *Insights* do século XXI sobre a Guerra Russo-Ucraniana" (Quarto Trimestre): p. 67
- P**
- Parker, Christopher J., Maj, Exército dos EUA, "Falta de vontade: Como a Força Totalmente Voluntária condicionou o público estadunidense" (Segundo Trimestre): p. 20
- R**
- Robinson, Mark D., Prof.; Cori E. Dauber, Ph.D.; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta, "Propaganda chinesa: O efeito Hollywood" (Terceiro Trimestre): p. 43
- S**
- Salerno, Christopher M., Maj, Exército dos EUA, "FM 3-0: Um passo à frente na abordagem da arte operacional" (Terceiro Trimestre): p. 23
- Schmidt, Todd, Cel, Ph.D., Exército dos EUA, "Fragil e brutal: Um cenário evitável para as relações civis-militares em 2024" (Segundo Trimestre): p. 2
- Searle, Garrett M., Ten Cel, Exército dos EUA, "Lewis e Stokes: O que Lawrence da Arábia e seus sargentos nos ensinam sobre o assessor de combate moderno" (Quarto Trimestre): p. 48
- Silva, Thiago Caron da, Maj, Exército Brasileiro; Ten Cel (Res) Richard A. McConnell, DM, Exército dos EUA; Maj Cleber H. B. Simões, Exército Brasileiro; e Maj Roney Magno de Sousa, Exército Brasileiro, "Jogos de guerra, o laboratório de planejamento militar: Uma colaboração em jogos de guerra entre as Escolas de Comando e Estado-Maior dos Exércitos dos EUA e do Brasil" (Artigo Exclusivamente On-line – Setembro)
- Simões, Cleber H. B., Maj, Exército Brasileiro; Ten Cel (Res) Richard A. McConnell, DM, Exército dos EUA; Maj Roney Magno de Sousa, Exército Brasileiro; e Maj Thiago Caron da Silva, Exército Brasileiro, "Jogos de guerra, o laboratório de planejamento militar: Uma colaboração em jogos de guerra entre as Escolas de Comando e Estado-Maior dos Exércitos dos EUA e do Brasil" (Artigo Exclusivamente On-line – Setembro)
- Sousa, Roney Magno de, Maj, Exército Brasileiro; Ten Cel (Res) Richard A. McConnell, DM, Exército dos EUA; Maj Cleber H. B. Simões, Exército Brasileiro; e Maj Thiago Caron da Silva, Exército Brasileiro, "Jogos de guerra, o laboratório de planejamento militar: Uma colaboração em jogos de guerra entre as Escolas de Comando e Estado-Maior dos Exércitos dos EUA e do Brasil" (Artigo Exclusivamente On-line – Setembro)
- Stentiford, Barry M., Ph.D., "Serviço seletivo: Antes da Força Totalmente Voluntária" (Segundo Trimestre): p. 7
- Sullivan, Adrian, Cel, Exército dos EUA, e Allison Abbe, Ph.D., "Respostas ao preconceito e à discriminação de gênero em relação às oficiais mulheres" (Primeiro Trimestre): p. 2
- Sullivan, Ian M., "Três datas, três janelas e todo o DOTMLPF-P: Como o Exército de Libertação Popular representa um desafio para todo o Exército" (Segundo Trimestre): p. 47
- T**
- Tosi, Scott J., Cap, Reserva do Exército dos EUA, "As reformas de Xi Jinping no ELP e a redefinição de 'defesa ativa'" (Segundo Trimestre): p. 60
- V**
- Valdes, James J., Ph.D.; James P. Chambers, Ph.D.; e Diane M. Kotras, "Eletrônica biológica: Uma tecnologia

transformadora para a segurança nacional" (Terceiro Trimestre): p. 32

W

Welsh, Sebastian K., Ten Cel, M.D., Exército dos EUA, "Prática deliberada e aquisição da expertise militar" (Terceiro Trimestre): p. 2

Westerberg, Jacob R., CT, Ph.D., Marinha dos EUA; Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA; CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA; e Travis V. Meyer, "Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra" (Quarto Trimestre): p. 23

ÍNDICE DE ASSUNTOS

75º Regimento Ranger

"Lições aprendidas pelo 75º Regimento *Ranger* durante 20 anos de atendimento pré-hospitalar tático", Cel Ryan M. Knight, Exército dos EUA; Cel (Res) Russ S. Kotwal, Exército dos EUA; e Ten Cel Charles H. Moore, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 12

África

"A Iniciativa 'Um Cinturão, Uma Rota' da China na África Oriental: Encontrando o sucesso no fracasso?", Edward A. Lynch, Ph.D. (Primeiro Trimestre): p. 42

"Olhando para fora: Lições de assistência às forças de segurança extraídas da experiência francesa na África", Maj Daniel K. Dillenback, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 31

Ambiente operacional

"FM 3-0: Um passo à frente na abordagem da arte operacional", Maj Christopher M. Salerno, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 23

Ambiente urbano

"Decidida entre as cidades: O passado, o presente e o futuro da guerra em ambientes urbanos", Maj Michael G. Anderson, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 68

Armas combinadas

"Vantagem informacional: Uma abordagem de armas combinadas", Cel (Res) Richard Creed, Exército dos EUA, e Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 2

Arte operacional

"Arte operacional chinesa: A primazia da dimensão humana", Rob Hafen (Primeiro Trimestre): p. 57

"FM 3-0: Um passo à frente na abordagem da arte operacional", Maj Christopher M. Salerno, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 23

"Termo de arte: O que a doutrina conjunta não compreende sobre a arte operacional e por que isso é importante", Maj Rick Chersicla, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 16

Assistência às forças de segurança

"Capacitando as operações no escalão divisivo em todo o espectro do conflito: O que uma SFAB pode fazer por você", Ten Cel Eric B. Alexander, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 58

"Lewis e Stokes: O que Lawrence da Arábia e seus sargentos nos ensinam sobre o assessor de combate moderno", Ten Cel Garrett M. Searle, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 48

"Olhando para fora: Lições de assistência às forças de segurança extraídas da experiência francesa na África", Maj Daniel K. Dillenback, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 31

Atendimento pré-hospitalar tático

"Lições aprendidas pelo 75º Regimento *Ranger* durante 20 anos de atendimento pré-hospitalar tático", Cel Ryan M. Knight, Exército dos EUA; Cel (Res) Russ S. Kotwal, Exército dos EUA; e Ten Cel Charles H. Moore, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 12

China

"Arte operacional chinesa: A primazia da dimensão humana", Rob Hafen (Primeiro Trimestre): p. 57

"A Iniciativa 'Um Cinturão, Uma Rota' da China na África Oriental: Encontrando o sucesso no fracasso?", Edward A. Lynch, Ph.D. (Primeiro Trimestre): p. 42

"Propaganda chinesa: O efeito Hollywood", Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta (Terceiro Trimestre): p. 43

"As reformas de Xi Jinping no ELP e a redefinição de 'defesa ativa'", Cap Scott J. Tosi, Reserva do Exército dos EUA (Segundo Trimestre): p. 60

"A revolução iminente da IA nas Forças Armadas", Cel Joshua Glonek, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 10

"Três datas, três janelas e todo o DOTMLPF-P: Como o Exército de Libertação Popular representa um desafio para todo o Exército", Ian M. Sullivan (Segundo Trimestre): p. 47

Ciclo de decisão

"Vantagem informacional: Uma abordagem de armas combinadas", Cel (Res) Richard Creed, Exército dos EUA, e Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 2

Comando e controle

"Vantagem informacional: Uma abordagem de armas combinadas", Cel (Res) Richard Creed, Exército dos EUA, e Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 2

Competição entre grandes potências

"Arte operacional chinesa: A primazia da dimensão humana", Rob Hafen (Primeiro Trimestre): p. 57

"A Iniciativa 'Um Cinturão, Uma Rota' da China na África Oriental: Encontrando o sucesso no fracasso?", Edward A. Lynch, Ph.D. (Primeiro Trimestre): p. 42

"Olhando para fora: Lições de assistência às forças de segurança extraídas da experiência francesa na África", Maj Daniel K. Dillenback, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 31

"A revolução iminente da IA nas Forças Armadas", Cel Joshua Glonek, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 10

"Três datas, três janelas e todo o DOTMLPF-P: Como o Exército de Libertação Popular representa um desafio para todo o Exército", Ian M. Sullivan (Segundo Trimestre): p. 47

Consolidação de ganhos

"Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos", Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA; e Travis Bolio (Segundo Trimestre): p. 34

Dia D

"Um grau incrível de treinamento penoso e realista: A preparação da 4ª Divisão de Infantaria para o Dia D", Stephen A. Bourque, Ph.D. (Quarto Trimestre): p. 32

Dissimulação

"Arte operacional chinesa: A primazia da dimensão humana", Rob Hafen (Primeiro Trimestre): p. 57

Dissuasão

"Capacitando as operações no escalão divisivo em todo o espectro do conflito: O que uma SFAB pode fazer por você", Ten Cel Eric B. Alexander, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 58

"Propaganda chinesa: O efeito Hollywood", Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta (Terceiro Trimestre): p. 43

"Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos", Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA; e Travis Bolio (Segundo Trimestre): p. 34

Doutrina

"FM 3-0: Um passo à frente na abordagem da arte operacional", Maj Christopher M. Salerno, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 23

"Termo de arte: O que a doutrina conjunta não compreende sobre a arte operacional e por que isso é importante", Maj Rick Chersicla, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 16

Educação profissional militar

"Prática deliberada e aquisição da expertise militar", Ten Cel Sebastian K. Welsh, M.D., Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 2

Eleição presidencial

"Fragil e brutal: Um cenário evitável para as relações civis-militares em 2024", Cel Todd Schmidt, Ph.D., Exército dos EUA (Segundo Trimestre): p. 2

Eletrônica biológica

"Eletrônica biológica: Uma tecnologia transformadora para a segurança nacional", James J. Valdes, Ph.D.; James P. Chambers, Ph.D.; e Diane M. Kotras (Terceiro Trimestre): p. 32

Spectro do conflito

"Capacitando as operações no escalão divisão em todo o espectro do conflito: O que uma SFAB pode fazer por você", Ten Cel Eric B. Alexander, Exército dos EUA (Quarto Trimestre), p. 58

Exército de Libertação Popular

"Propaganda chinesa: O efeito Hollywood", Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta (Terceiro Trimestre): p. 23

"As reformas de Xi Jinping no ELP e a redefinição de 'defesa ativa", Cap Scott J. Tosi, Reserva do Exército dos EUA (Segundo Trimestre): p. 60

"A revolução iminente da IA nas Forças Armadas", Cel Joshua Glonek, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 10

"Três datas, três janelas e todo o DOTMLPF-P: Como o Exército de Libertação Popular representa um desafio para todo o Exército", Ian M. Sullivan (Segundo Trimestre): p. 47

Expertise militar

"Prática deliberada e aquisição da expertise militar", Ten Cel Sebastian K. Welsh, M.D., Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 2

FM 3-0

"FM 3-0: Um passo à frente na abordagem da arte operacional", Maj Christopher M. Salerno, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 23

"Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos", Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA; e Travis Bolio (Segundo Trimestre): p. 34

Força Totalmente Voluntária

"Falta de vontade: Como a Força Totalmente Voluntária condicionou o público estadunidense", Maj Christopher J. Parker, Exército dos EUA (Segundo Trimestre): p. 20

"Serviço seletivo: Antes da Força Totalmente Voluntária", Barry M. Stentiford, Ph.D. (Segundo Trimestre): p. 7

França

"Olhando para fora: Lições de assistência às forças de segurança extraídas da experiência francesa na África", Maj Daniel K. Dillenback, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 31

Gênero

"Respostas ao preconceito e à discriminação de gênero em relação às oficiais mulheres", Cel Adrian Sullivan, Exército dos EUA, e Allison Abbe, Ph.D. (Primeiro Trimestre): p. 2

Haiti

"As primeiras 48 horas", Maj Cole Herring, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 63

Iniciativa "Um Cinturão, Uma Rota"

"A Iniciativa 'Um Cinturão, Uma Rota' da China na África Oriental: Encontrando o sucesso no fracasso?", Edward A. Lynch, Ph.D. (Primeiro Trimestre): p. 42

Inteligência artificial

"Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra", Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA; CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA; CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA; e Travis V. Meyer (Quarto Trimestre): p. 23

"A revolução iminente da IA nas Forças Armadas", Cel Joshua Glonek, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 10

Jogo de guerra

"Jogos de guerra, o laboratório do planejamento militar: Uma colaboração em jogos de guerra entre as Escolas de Comando e Estado-Maior dos Exércitos dos EUA e do Brasil", Ten Cel (Res) Richard A. McConnell, DM, Exército dos EUA; Maj Cleber H. B. Simões, Exército Brasileiro; Maj Roney Magno de Sousa, Exército Brasileiro; e Maj Thiago Caron da Silva, Exército Brasileiro (Artigo Exclusivamente On-line – Setembro)

Lawrence da Arábia

"Lewis e Stokes: O que Lawrence da Arábia e seus sargentos nos ensinam sobre o assessor de combate moderno", Ten Cel Garrett M. Searle, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 48

Lições aprendidas

"Lewis e Stokes: O que Lawrence da Arábia e seus sargentos nos ensinam sobre o assessor de combate moderno", Ten Cel Garrett M. Searle, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 48

"Lições aprendidas pelo 75º Regimento *Ranger* durante 20 anos de atendimento pré-hospitalar tático", Cel Ryan M. Knight, Exército dos EUA; Cel (Res) Russ S. Kotwal, Exército dos EUA; e Ten Cel Charles H. Moore, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 12

Liderança

"Quatro minutos para formar um líder", Maj James Cowen, Exército britânico (Primeiro Trimestre): p. 23

Mulheres nas Forças Armadas

"Respostas ao preconceito e à discriminação de gênero em relação às oficiais mulheres", Cel Adrian Sullivan, Exército dos EUA, e Allison Abbe, Ph.D. (Primeiro Trimestre): p. 2

Operações de combate em larga escala

"Lewis e Stokes: O que Lawrence da Arábia e seus sargentos nos ensinam sobre o assessor de combate moderno", Ten Cel Garrett M. Searle, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 48

Operações de informação

"Propaganda chinesa: O efeito Hollywood", Cori E. Dauber, Ph.D.; Prof. Mark D. Robinson; D. Alexander Jones; Jolie Koonce; Steven A. Meeks III; e Zane Mehta (Terceiro Trimestre): p. 43

"Vantagem informacional: Uma abordagem de armas combinadas", Cel (Res) Richard Creed, Exército dos

EUA, e Ten Cel (Res) Michael Flynn, Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 2

Operações em múltiplos domínios

"FM 3-0: Um passo à frente na abordagem da arte operacional", Maj Christopher M. Salerno, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 23

"Vencendo antes da guerra: Um argumento pela consolidação de ganhos", Gen (BG) Matthew N. Metzler, Reserva do Exército dos EUA; Cel Jay Liddick, Exército dos EUA; Cel Heiva Hugh Kelley, Reserva do Exército dos EUA; Ten Cel Robert T. Greiner, Exército dos EUA; e Travis Bolio (Segundo Trimestre): p. 34

Operações especiais

"Lições aprendidas pelo 75º Regimento *Ranger* durante 20 anos de atendimento pré-hospitalar tático", Cel Ryan M. Knight, Exército dos EUA; Cel (Res) Russ S. Kotwal, Exército dos EUA; e Ten Cel Charles H. Moore, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 12

"As primeiras 48 horas", Maj Cole Herring, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 63

Operações humanitárias

"As primeiras 48 horas", Maj Cole Herring, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 63

Prisioneiros de guerra

"Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra", Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA; CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA; CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA; e Travis V. Meyer (Quarto Trimestre): p. 23

Relações civis-militares

"Fragil e brutal: Um cenário evitável para as relações civis-militares em 2024", Cel Todd Schmidt, Ph.D., Exército dos EUA (Segundo Trimestre): p. 2

Resposta a desastres

"As primeiras 48 horas", Maj Cole Herring, Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 63

Rússia

"Decidida entre as cidades: O passado, o presente e o futuro da guerra em ambientes urbanos", Maj Michael G. Anderson, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 68

"'Vontade de lutar': *Insights* do século XXI sobre a Guerra Russo-Ucraniana", Benjamin A. Okonofua, Ph.D.; Nicole Laster-Loucks, Ph.D.; e Ten Cel Andrew Johnson, Reserva do Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 67

Segunda Guerra Mundial

"Um grau incrível de treinamento penoso e realista: A preparação da 4ª Divisão de Infantaria para o Dia D", Stephen A. Bourque, Ph.D. (Quarto Trimestre): p. 32

Serviço militar obrigatório

"Serviço seletivo: Antes da Força Totalmente Voluntária", Barry M. Stentiford, Ph.D. (Segundo Trimestre): p. 7

Tecnologia

"Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de guerra", Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA; CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA; CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA; e Travis V. Meyer (Quarto Trimestre): p. 23

"Eletrônica biológica: Uma tecnologia transformadora para a segurança nacional", James J. Valdes, Ph.D.; James P. Chambers, Ph.D.; e Diane M. Kotras (Terceiro Trimestre): p. 32

Treinamento e educação

"Criando um programa de treinamento militar com IA de acesso aberto a partir de experiências de prisioneiros de Guerra", Cel (Res) John P. Albano, M.D., Exército dos EUA; CF (Res) Steven E. Linnville, Ph.D., Marinha dos EUA; CT Jacob R. Westerberg, Ph.D., Marinha dos EUA; e Travis V. Meyer (Quarto Trimestre): p. 23

"Um grau incrível de treinamento penoso e realista: A preparação da 4ª Divisão de Infantaria para o Dia D", Stephen A. Bourque, Ph.D. (Quarto Trimestre): p. 32

"Prática deliberada e aquisição da expertise militar", Ten Cel Sebastian K. Welsh, M.D., Exército dos EUA (Terceiro Trimestre): p. 2

Ucrânia

"Decidida entre as cidades: O passado, o presente e o futuro da guerra em ambientes urbanos", Maj Michael G. Anderson, Exército dos EUA (Primeiro Trimestre): p. 68

"Vontade de lutar: *Insights* do século XXI sobre a Guerra Russo-Ucraniana", Benjamin A. Okonofua, Ph.D.; Nicole Laster-Loucks, Ph.D.; e Ten Cel Andrew Johnson, Reserva do Exército dos EUA (Quarto Trimestre): p. 67

A Army University Press quer a sua participação!

Publique conosco



A Army University Press oferece aos autores uma variedade de espaços de publicação para promover as ideias e *insights* de que os profissionais militares precisam para liderar e ter sucesso. Considere a *Military Review*, o *Journal of Military Learning*, o *NCO Journal* ou o *Combat Studies Institute* para apresentar ideias e discussões inovadoras sobre tópicos importantes para o Exército e a defesa nacional.

Descubra como publicar com a Army University Press em

<https://www.armyupress.army.mil/Publish-With-Us/>.



Military Review

Revista Profissional do Exército dos EUA | Edição Brasileira

Gostaríamos de dar as boas-vindas ao Coronel Fabio Heitor Lacerda Seara, que assumiu, em 20 de junho deste ano, a função de oficial de ligação do Exército Brasileiro junto ao Centro de Armas Combinadas do Exército dos EUA, em Fort Leavenworth, Kansas. Como parte da nova função, ele atua, ainda, como assessor da Edição Brasileira da *Military Review*.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro-RJ, foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria pela turma de 2000 da Academia Militar das Agulhas Negras. Exerceu as funções de oficial subalterno no 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Francisco Beltrão - PR) e, posteriormente, como oficial intermediário, foi Comandante de Subunidade no 14º Regimento de Cavalaria Mecanizado (São Miguel do Oeste-SC), instrutor na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Rio de Janeiro-RJ) e aluno e instrutor no Junior Command and Staff Course (Canadá). Como oficial superior, comandou o Esquadrão de Comando da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada e foi oficial de Estado-Maior na 23ª Brigada de Infantaria de Selva (Marabá-PA). Servia como Comandante do 4º Batalhão Logístico (Santa Maria-RS) antes de ser designado para a atual função.

A equipe da *Military Review* e os demais integrantes do Centro de Armas Combinadas desejam ao Coronel Fabio Heitor Lacerda Seara e sua família que seu período em Fort Leavenworth seja repleto de realizações e experiências enriquecedoras.

Imagem de fundo: Torre do relógio, situada na sede do Centro de Armas Combinadas do Exército dos EUA, Fort Leavenworth, Kansas. (Foto: Cb Evan Anderson, Exército dos EUA)

